

FICHA DE META DADOS – CEDIM 2019/2	
Nome da Pasta	NOVA_IGUAÇU_DOM_ADRIANO_HYPÓLITO_125.6
Autor/Instituição	Institut für Brasilienkunde (Bibliothek)
Número de Documentos	1
Quantidade e tipo de documentação	1 caderno que contém páginas sobre o Bispo Dom Adriano Hypólito. Total de páginas: 55
Dia/ Mês/Ano	1976-1981
Formato	Ofício
Resumo	Produzido pelo Institut für Brasilienkunde estes cadernos reúnem matérias veiculadas na imprensa brasileira e alemã, entre os anos 1976-1981, sobre o Bispo Dom Adriano Hypólito. Este conjunto documental contempla recortes jornalísticos sobre o Bispo em três capítulos, sendo eles o sequestro, em segundo lugar as violências e ameaças, e em terceiro trechos sobre o cotidiano e a trajetória eclesial na Diocese de Nova Iguaçu.
Palavras-Chave	Dom Adriano Hypólito; Nova Iguaçu, Bispo; Diocese; Sequestro; Atentado



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR – CAMPUS NOVA IGUAÇU
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM



Notas explicativas	<p>Na página 48 há uma fotografia com a legenda escrita na língua alemã.</p> <p>A contagem de páginas obedece à regra: sempre a partir da primeira após a capa, sendo esta a “01”.</p> <p>Lista das páginas em língua estrangeira: 13, 14, 15, 16, 17, 18, 26, 30, 31, 32, 34, 35 e 36.</p>
---------------------------	---

Bibliothek

NOVA JGU AGU

Dom FORIANO HYPÓLITO

CEDIM

Institut für Brasilienkunde

KI-BR 125.6

Bibliothek

06.10.10

Dom Adriano Hipólito:
I O Sequestro
II Violências & ameaças
III Dom Adriano e sua diocese

Chronologisch geordnet
Jedes Teil ist

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer

CE
IM

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer
JB	23.9.76	

Jornal do Brasil 23.9.76
**Terror sevicia
Bispo e joga
bombas no Rio**

O Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito foi sequestrado na Posse ontem às 19h30m e encontrado duas horas depois, sem roupa, pintado com mercurocromo, com pulsos e pés amarrados, na Rua Japurá, em Jacarepaguá. Seu sobrinho Fernando, que o acompanhava, continua desaparecido. As últimas horas da noite um carro explodiu em frente à sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, no Largo da Glória.

Aos 30 minutos de hoje, a Rádio JB recebeu telefonema de pessoa que mandou tomar nota de uma mensagem, com rapidez, pois ia desligar em seguida: "O Bispo Dom Hipólito Mandarino acaba de ser sequestrado, castigado e abandonado num subúrbio da Zona Norte. O carro dele foi mandado como aviso para a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. O jornalista Roberto Marinho também acabou de receber advertência. Tudo da Aliança Anticomunista Brasileira."

Uma bomba foi jogada na Rua Cosme Velho, 1105, residência do Sr Roberto Marinho, nos primeiros minutos de hoje. A bomba, que parece ter sido jogada de um carro em movimento, explodiu nos fundos da casa e feriu o copeiro Teotônio de Queirós, solteiro, 22 anos, que foi medicado no HMC.

JB sequestro.

CCED

24. Sep. 1976 77

Relato do padre na palavra de quem o socorreu

— Isso é para aprender, seu comunista sem-vergonha.

Esta é uma das poucas frases que o Bispo D Adriano Hipólito ouviu de seus sequestradores, conforme o relato que fez ao fotógrafo Adir Mera, que o encontrou amarrado e nu num terreno baldio em Jacarepaguá.

"Quando o encontrei, estava cheio de hematomas nas costas das pancadas que levou dos sequestradores, principalmente na região dos rins", diz Mera. Mesmo assim, "depois de ver que estava seguro, contou-me tudo o que aconteceu".

Relato do Bispo

"Eu saía da Casa Paroquial de Miguel Couto, com meu sobrinho e sua noiva, quando percebemos que dois carros arrancaram em nossa direção, assim que entramos no meu Volkswagen. A princípio não ligamos, mas os carros se aproximavam e ameaçavam nos fechar. Meu sobrinho parou de repente e eles também. A sua noiva saiu correndo e não deu para nós fazermos o mesmo. Eram seis homens. Dois ficaram, agarraram meu sobrinho; outros dois a mim. Os restantes levaram meu carro.

Dirigiram-se a nós logo dizendo que "era um assalto. Você" — referindo-se a mim — "vale 40 milhas". Em seguida começamos a apanhar. Ainda deu para ouvir meu sobrinho gritando agonizado que parassem. Logo em seguida, os carros arrancaram e fui encapuzado. A corda que o prendia estava muito apertada e eu não respirava direito. Um deles, que não posso identificar, arrancou todos os botões da minha batina e com uma tesoura a cortou em pedaços, assim como a roupa de baixo. Fiquei totalmente despido, apenas os trapos da batina estavam sobre mim.

A única coisa que posso dizer dos sequestradores é que um era alto, magro, imberbe e usava óculos de lentes grossas. O motorista era gago. Pelo barulho que vinha da rua, percebi que tomávamos a Via Dutra. Em seguida, pegamos ruas de trânsito intenso porque parávamos muito. Logo depois rodamos por ruas esburacadas. Durante todo o trajeto não deixaram de me bater. Parecia que rodávamos há uma hora quando paramos. Eu estava com uma algema, velha, e foi quando escutei mais algumas palavras deles, antes de mais uma surra nas minhas costas.

Disseram que "isto é para você aprender, seu comunista sem-vergonha. Você só não vai morrer porque o chefe não quer que matem ninguém agora." Voltamos a rodar um pouco e paramos num local deserto, menos que o primeiro lugar, e então jogaram no meu corpo um líquido e pelo cheiro pensei que fosse gasolina. Pensei que iriam me queimar. Percebi, pelo barulho, que era spray. Tiraram meu capuz, levei um chute nas costas e fui atirado ao chão, na posição que o senhor me encontrou."

Fotógrafo

Adir Mera encontrou D Adriano no momento em que os sequestradores acabavam de jogá-lo no terreno baldio, na esquina da Rua Japurá com Capitão Machado. Viu o carro que levava o Bispo, um Chevrolet vermelho, com o estepe no capô da mala, que lhe pareceu ser de 1955 ou 56.

"Eram aproximadamente 21h30m" — lembra Mera. "Sai com meus dois filhos, minha mulher e o filho de um amigo para levá-lo em casa. Quando passamos na esquina, eu e minha mulher vimos um carro vindo em nossa direção. Acendi o farol alto. Era o carro dos sequestradores, vindo em minha direção, a toda velocidade. Na mesma hora, vi o Bispo caído, todo vermelho. Pensei que fosse sangue."

Como o local é muito deserto e Mera pensou que fosse um assalto, correu à padaria, que fica na esquina da Rua Japurá com Capitão Meneses, onde pediu ajuda. Quatro rapazes foram com ele ao local.

"Até então não sabia do que se tratava. Cheguei perto e um senhor, despido e todo pintado de vermelho, gemia. Aproximamo-nos e vi pelos restos da batina que era um padre. Ele se identificou como D Adriano Hipólito. Fiquei na dúvida, mas, mesmo assim, atendi ao que ele queria: umas roupas. Corri em casa com minha mulher e peguei uma calça azul e uma camisa xadrez. Esqueci dos sapatos."

O Bispo vestiu-se entrou no carro e pediu a Mera para ser levado para Nova Iguaçu. O fotógrafo quis se certificar se se tratava de fato de um bispo e o levou à Casa Paroquial de Jacarepaguá.

"Cheguei lá e fiquei um bom tempo tocando a campainha, sem que ninguém atendesse. Nisso, veio um amigo meu, Major do Exército. Logo depois atendeu o Padre Pedro, que imediatamente identificou D Adriano Hipólito. Falamos em levá-lo ao Distrito, mas o Bispo não queria. Mesmo assim fomos até lá".

No distrito de Jacarepaguá, segundo Mera, o Delegado de plantão não queria registrar o fato, porque o sequestro tinha ocorrido em Nova Iguaçu. Chegaram autoridades da Secretaria de Segurança, já alertadas pela Delegacia de Nova Iguaçu, onde a noiva do sobrinho de D Adriano Hipólito apresentou queixa. De Jacarepaguá, o fotógrafo e o Bispo foram levados para o Departamento Geral de Investigações Especiais. All prestaram depoimento até às 6 horas.

CCED



A bomba partiu vidros, mas não afetou o antigo crucifixo, nem a tapeçaria do francês Lurçat



O Bispo Adriano Hipólito (E) foi à Delegacia depois de arrumar algumas roupas emprestadas

24-9-76 JY

Delegado vê ação comunista na explosão do Volkswagen

"Na verdade, tudo demonstra que se trata de uma campanha comunista, com o objetivo de colocar a opinião pública, através de uma camuflagem, contra os órgãos governamentais". A opinião é do Delegado da 9a. DP, Jack de Brito, ao registrar a explosão do Volkswagen, no Largo da Glória, no Livro de Ocorrências. A anotação tem o nº 3756.

Várias pessoas, entre as quais o Bispo de Nova Iguaçu, seu sobrinho e a namorada deste, foram ouvidas no início das investigações sobre o sequestro de D Adriano Hipólito, a explosão de uma bomba na casa do Sr Roberto Marinho e de uma outra no carro abandonado em frente à CNBB. Não houve prisões. A informação é da Assessoria de Comunicações Sociais, da Secretaria de Segurança Pública.

Pistas

A cueca do Bispo, com manchas que podem ser de sangue, cordas e pedaços de esparadrapos com que ele e seu sobrinho foram amordaçados e manietados e que poderiam servir de pista na caça aos sequestradores, foram desprezadas no local onde as vítimas sofreram sevícias. Trata-se de um terreno baldio, na Estrada do Catonho, que

até o final dos anos 60 serviu de cemitério ao Esquadrão da Morte.

Na Rua Japurá, onde D Adriano foi deixado nu, na noite de quarta-feira, ninguém comenta o assunto. Apenas um homem de cabelos grisalhos disse que uma mulher — cujo nome não quis revelar — viu quando dois homens deixaram um outro, completamente despido e amarrado, na calçada em frente ao nº 365.

Os moradores da casa que fica no fundo do terreno que tem o número indicado pela testemunha afirmam que nada viram naquela noite. Dizem que se recolhem cedo porque o comércio fecha antes das 21h e, com a rua deserta, cresce o risco dos assaltos.

Bomba

Só a comparação dos fragmentos poderá determinar se a bomba lançada contra a residência do Sr Roberto Marinho, no Cosme Velho, é do tipo da que explodiu na ABI, afirmou ontem o diretor do Departamento Geral de Investigações Especiais, Delegado José Nicanor de Almeida.

Ele disse que, devido ao caráter sigiloso do inquérito, nada mais poderia revelar, a não ser a transmissão de todas as informações recebidas do Secretário de Seguran-

ça Pública, General Osvaldo Inácio Dominguez. A maioria dessas informações foi obtida junto ao Delegado Borges Fortes.

O carro

No Livro de Ocorrência de sua Delegacia, o delegado Jack de Brito diz que no Volkswagen abandonado na Glória, após a explosão, foram encontrados sapatos, documentos pessoais e do veículo, além de pedaços de calça e camisa. Quando se encontrava no local, acrescenta, foi informado por D Ivo de que o automóvel pertencia a D Adriano Hipólito, sequestrado horas antes em Nova Iguaçu.

O policial afirma ainda que soube, através de um soldado-bombeiro, de uma informação prestada por uma criança, segundo a qual um dos ocupantes do carro pôs um envelope num monte de terra. Nesse envelope havia uma mensagem, com ameaças, assinada pela Associação Anticomunista Brasileira. Em meio às providências que eram tomadas, destaca o Sr Jack de Brito, surgiram autoridades do Departamento Geral de Investigações Especiais, às quais foi transferido o material arrecadado, após os exames periciais realizados pelo perito Pirés.

Descuido ajudou fuga da noiva

"Menina, se gritar ou correr vai morrer". A ameaça de um dos seis homens armados que a cercavam fez parar por uns instantes Maria Del Pilar Iglésias Vila quando ela tentava sair do banco traseiro do Volkswagen FB-7591 (RJ) — dirigido pelo seu noivo Fernando Leal Nebring e de propriedade do Bispo de Nova Iguaçu, D Adriano Hipólito, ambos sequestrados às 19h40m de quarta-feira próximo ao número 671 da Rua Paraguaçu, no Bairro da Posse.

Sob efeito de calmantes, ainda nervosa e gaguejando, Maria Iglésias disse ontem que conseguiu sair por descuido dos sequestradores e porque sua mãe apareceu atraída pelos seus gritos. Os seis homens que levaram o Bispo e seu sobrinho vinham seguindo-os desde a Cúria Metropolitana, a cerca de seis quilômetros de distância do local do sequestro — uma rua sem calçamento e sem iluminação.

Ação rápida

Maria Iglésias aparenta cerca de 20 anos e voltava, como faz diariamente, da Cúria Metropolitana — onde trabalha no arquivo — acompanhada por Fernando e o Bispo que moram perto de sua casa. Ela afirmou que já haviam notado que três carros os seguiam e, ao chegar perto de um terreno baldio ao lado de sua casa — na Rua Paraguaçu, 671 — foram abordados por um Corcel e um Volkswagen (ambos vermelhos). O terceiro veículo, não identificado, ficou estacionado próximo à esquina da Estrada do Ambai.

Os seis homens, todos com revólveres, abriram rapidamente as duas portas do Volkswagen do Bispo, e arrancaram primeiro Fer-

nando Leal, que dirigia o veículo. Nessa hora, Maria Iglésias tentou escapar pela porta aberta mas recebeu a ameaça de um dos homens, que ela não soube descrever. Parou por alguns instantes e, quando o Bispo foi retirado do carro, pela outra porta, aproveitou e correu gritando, para sua casa.

Ela viu ainda os seis homens colocarem um capuz no rosto de D Adriano Hipólito, que já estava sendo espancado, caído no chão. Os sequestradores colocaram Fernando no banco de trás e "me parece que o Bispo foi colocado no outro carro". Em velocidade, eles desceram pela Rua Paraguaçu, dobraram à direita para a Estrada do Ambai, e desapareceram. Nenhum vizinho ou funcionário da padaria que fica na esquina diz ter visto alguma coisa "a não ser gritos e os carros passando em velocidade".

Medo ainda

A disposição de Maria Iglésias para contar detalhes do sequestro era confusa ontem pela sua mãe Albina Vila Lourenço, que, amedrontada com a presença de fotógrafos, fez a filha entrar em casa, trancando-a por volta das 10h e "pedindo que a deixassem em paz, depois de tudo o que aconteceu".

As duas portas da casa rosa e branca da Rua Paraguaçu ficaram fechadas a partir deste momento e só foram reabertas quando, duas horas depois, chegou à residência a Kombi verde FB-2335 (RJ) — com a irmã de D Adriano, Sra Helena Hipólito Cerqueira Passos — acompanhada de dois homens e outra mulher — que chorando foi falar com Maria Iglésias e sua mãe.

Ela se demorou por aproxima-

damente 10 minutos — e seus acampanhantes falaram apenas "que estavam ainda à procura de D Adriano e de Fernando, ainda não localizados nem pela família, e por favor não insistam que não temos nenhuma outra informação" — seguiu direto para a casa do Bispo (Rua Comendador Francisco Rodrigues de Oliveira, lote 2, quadra 8). Alguns minutos depois, a Kombi voltou para pegar Maria Iglésias que, segundo sua mãe, "teria ido prestar depoimento no Rio".

A Rua Paraguaçu tem pequeno trecho de ladeira, sem calçamento, e não há luz em seus 100 metros iniciais — onde Fernando e D Hipólito foram sequestrados às 19h40m. Segundo os moradores, "a rua é pouco movimentada à noite e, mesmo às escuras, não há muitos assaltos".

Registro

A delegacia de Nova Iguaçu tomou conhecimento do sequestro do Bispo e seu sobrinho às 20h15m. O livro 44, par, na ocorrência 4481 registra que o Padre irlandês David John Keegan (de 49 anos, residente na catedral de Nova Iguaçu) comunicou que seis homens, em três carros — só um, o Corcel, teve sua marca anotada — haviam levado D Hipólito e Fernando.

Diz a ocorrência que Maria Iglésias e sua mãe Albina assistiram ao sequestro, sem anotar a placa dos carros, e diz que a delegacia comunicou o fato às 20h20m para a Central de Informações (tendo recebido a mensagem o plantonista Jorge) e a Delegacia de Polícia Política e Social foi avisada 10 minutos depois, e quem recebeu o comunicado foi o plantonista Souto Maior e o delegado Borges Fortes.



Fernando Leal, sobrinho do Bispo, sai do Souza Aguiar com a noiva, Maria Del Pilar

Bispos paulistas condenam agressão a Dom Adriano e lamentam ataques à Igreja

São Paulo — Em mensagem pastoral a Província Eclesiástica de São Paulo condena a agressão de que foi vítima Dom Adriano Hipólito e lamenta que se divulgem "ataques — alguns violentos e incitadores — na imprensa e em livros contra a Igreja, contra o Santo Padre, os bispos, o clero e alguns fiéis".

O documento dos bispos paulistas, tendo à frente o Cardeal Paulo Evaristo Arns, ressalta que "alguns por ignorância, outros por má-fé procuram ver nesta ação comprometimento com ideologias que nunca aceitamos nem defendemos, pois nossa vinculação é somente com o Evangelho de Cristo".

A MENSAGEM

"Os Bispos da Província Eclesiástica de São Paulo, em reunião ordinária no dia 28 de setembro de 1976, refletiram sobre os acontecimentos terroristas que nos últimos dias atingiram, entre outras pessoas e entidades, o Sr Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito e a CNBB e julgaram conveniente uma palavra oficial às suas Igrejas.

Em primeiro lugar, não se deve estranhar que os cristãos venham a sofrer injúrias, perseguições e até o martírio por causa da fé e da sua adesão ao Senhor Jesus. A História antiga e recente no-lo mostra e o Evangelho nos previne: "Bem-aventurados sereis quando vos insultarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o gênero de calúnias contra vós por minha causa." (Mt. 5, 11). Acrescente-se a isto o fato de no Brasil se estarem repetindo e divulgando, por quase toda parte, ataques — alguns violentos e incitadores — na imprensa e em livros contra a Igreja, contra o Santo Padre, os bispos, o clero e alguns fiéis, ataques estes impunemente acolhidos sem que se possa entender como tiveram aceitação nos meios de comunicação social. Nesta linha de procedimento incitador contra a Igreja é que se devem entender as cartas anônimas com ameaças, as calúnias com fotografias montadas, os telefonemas com intimidações, cuja autoria confiamos, será possível, a quem de direito, pesquisar e descobrir, com urgência e eficácia, excluindo sempre métodos contrários à dignidade da pessoa humana.

fiamos, pois, que Nosso Senhor, superando nossas limitações, será nossa força para continuarmos a cumprir a missão que de Cristo recebemos para o bem e a salvação de nossos irmãos. A Deus, único juiz que penetra a consciência, entregamos aqueles que, tentando destruir o direito à liberdade, usam da violência e opressão. Que eles, convertidos, saibam reconhecer a desordem de suas atitudes e se disponham a colaborar para a construção de uma sociedade sem ódio e sem egoísmos, fundamentada na justiça, na fraternidade e na paz".

LAUDOS

O Instituto Carlos Éboli já concluiu os laudos sobre as bombas que explodiram no Volkswagen do Bispo Adriano Hipólito, na casa do Sr Roberto Marinho e na Associação Brasileira de Imprensa, além da que foi recolhida na Ordem dos Advogados do Brasil. Serão enviados segunda-feira ao Delegado Borges Fortes, do Departamento de Polícia Política e Social.

O ICE mandará cópias dos laudos para a 10a. DP (jurisdição da residência do Sr Roberto Marinho), 9ª DP (explosão do carro) e 3a. DP (ABI e OAB). Outras cópias serão remetidas para o Departamento Geral de Investigações Especiais e órgãos de segurança, segundo se soube ontem na Secretaria de Segurança Pública.

BOMBA DA OAB

Conforme informações obtidas na polícia, a bomba encontrada na sede da OAB é de fabricação caseira, de efeito retardado (por pavio enrolado em fio plástico, vermelho) e composta por doze bananas e hamadas salsinhas, com 180 gramas cada — o explosivo pesava ao todo 2.160 quilos. Estava dentro de uma caixa de papelão com os dizeres "contém livros", escritos com pincel atômico.

O laudo do ICE nada informa sobre o tipo de material usado na confecção da bomba ou sua procedência, intitulando-se apenas Local e Bomba, os outros três são denominados Local e Explosão. Policiais disseram que os laudos são omissos quanto a dados técnicos das bombas porque os peritos

CED

D Adriano diz que ataques eram esperados

"Desta vez só não me chamaram de explorador do povo", sorri o Bispo Adriano Hipólito, diante das pichações de "comunista" e "pederasta" nas paredes de igrejas de Nova Iguaçu. E diz que não se surpreende nem se atemoriza, pois é uma reação esperada diante do "processo de conscientização e renovação pastoral da Diocese".

Cartas anônimas e panfletos com ofensa, ameaças e brincadeiras grosseiras são constantes nos últimos anos de vida de D Adriano, que na noite de 22 de setembro de 1976 foi seqüestrado, espancado e abandonado com o corpo tingido de vermelho.

O Bispo garante que não perde o sono, nem muda a atitude: "Estou nas mãos de Deus".

TERMÔMETRO

"Estes atentados representam o termômetro de aferição da luta que D Adriano desenvolve na Baixada Fluminense", comentou o vice-presidente da Comissão Diocesana de Justiça e Paz, Paulo Amaral. Lembra então que o cão-vigia da Igreja de Santo Antônio da Praça foi abatido por uma Luger, arma de caráter militar e fora de comércio.

D Adriano refere-se aos autores dos atentados por um genérico "eles", os mesmos que o seqüestraram há três anos. Diz que se limita a agir dentro da segurança ditada "pela humana prudência", mas que ficarei ainda mais espantado "se não houvesse esse tipo de reação."

Insiste apenas que não se trata de algo isolado, e cita as dificuldades das Arquidioceses de São Paulo e de Recife, a Prelazia de S Félix do Araguaia (GO), onde atua o Bispo Pedro Casaldaliga.

Hoje D Adriano estará à tarde no Instituto de Educação Santo Antônio, para uma assembleia de moradores de conjuntos habitacionais de Nova Iguaçu, ameaçados por despejos. De manhã, talvez assista a palestra do ex-Deputado Márcio Moreira Alves (cassado) no Centro de Formação de líderes, dentro da programação de rotina da Comissão de Justiça e Paz.

RESPOSTA

Em todas as reuniões e missas em igrejas de Nova Iguaçu, hoje será lido um manifesto da Comissão de Justiça e Paz em defesa de Dom Adriano. Segundo o Sr Paulo Amaral, também será enviada carta ao Ministro da Justiça, Petrólio Portella, denunciando "não só este ato (pichações na Catedral da Igreja de Santo da Praça, de quinta para sexta-feira) mas toda a violência na Baixada Fluminense".

Citou a invasão da casa do ex-prespo político Ignácio Guaracy, em Queimados, por cinco homens que se diziam policiais, há 15 dias: revistaram tudo, pegaram livros e obrigaram a mulher a dizer onde ele trabalha. Amanhã a comissão fará o registro da ocorrência na 52ª DP e pedirá a apuração dos fatos.

Nova Iguaçu — Foto de Cynthia Brito



D Adriano está com Deus e não perde o sono

Trechos da nota que será lida nas missas

"Da última quinta-feira para sexta-feira, as paredes da catedral de Nova Iguaçu amanheceram recobertas de pichações contra nosso Bispo Diocesano Dom Adriano Hipólito. Momentos mais tarde, Padre André Decock, Vigário da Prata, comunicou que os muros que circundam sua igreja-matriz amanheceram também rabiscados com as mesmas ofensas, entre outras, chamando Dom Adriano de comunista. Na igreja da Prata, os heróis da escuridão deram outra medida de sua estatura moral: mataram, com quatro tiros, o cão vigia da casa paroquial. (...)

É profundamente humano e cristão que discordemos em nossos pontos-de-vista, inclusive a respeito de rumos e métodos pastorais. (...) O contrário da sã e construtiva discordância é o que se vê, por exemplo, na intolerância tipicamente fascista das presentes pichações. Prova da intrínseca maldade de tais atitudes é que elas nunca são tomadas à luz do dia e precisam sempre esperar o anonimato das trevas. (...)

Não é mera coincidência que as pichações de nossas igrejas tenham ocorrido na mesma semana em que, em São Paulo, uma igreja tenha sido invadida e profanada pelas forças e métodos da reação que tenta im-

pedir, por todos os meios, a caminhada libertadora de nosso povo e de sua classe operária.

Como a de São Paulo, a Igreja de Nova Iguaçu fez claramente sua opção: pela maioria imensa do povo brasileiro, desde sempre e continuamente marginalizado; pelos nossos escravos modernos, os operários mantidos implacavelmente pelo arrocho salarial; pelos oprimidos por qualquer espécie de opressão, seja política, econômica ou religiosa; pelos pobres em geral, cuja existência miserável não é produzida pela vontade de Deus Criador mas por nossa organização social, baseada na desigualdade e na injustiça.

Nosso comunicado é para lembrar a você, irmão, que tais ataques são previstos e já aconteceram antes com os profetas da Justiça de Deus e também com a pessoa de Jesus Cristo. Quando foi ficando claro que sua mensagem religiosa não era mero consolo espiritual, não era mera garantia de posse do céu para quem tem na terra a posse de tudo, não era sacramentação interessada da ordem social e de seus proprietários, muitos pularam fora do barco e até fizeram questão de não serem mais vistos na companhia de Jesus. (...)

FUNDADOR
Silvino de
Azeredo

CORREIO DA LAVOURA

FUNDADO A 22 DE MARÇO DE 1917

ANO LX — NOVA IGUAÇU (RJ), sábado, 25 e domingo, 26 de setembro de 1976 — N. 3.106

PREÇO DESTA
EXEMPLAR
CR\$ 2,00

Sequestro de D. Adriano abala opinião pública



D. ADRIANO

O terror anticomunista atingiu esta semana o Bispo diocesano de Nova Iguaçu, D. Adriano Mandarino Hipólito, sequestrado às 19,30 horas da última quarta-feira, em frente à casa da numorada de seu sobrinho, Fernando, no bairro da Pesse, nesta cidade.

O fato, divulgado imediatamente pela imprensa falada do Rio de Janeiro, provocou incômoda revolta na opinião pública iguaçuana, que somente na manhã do dia seguinte (23) pôde se inteirar dos fatos através do noticiário de todos os matutinos católicos.

REPERCUSSÃO

Já na quinta-feira o fato alcançou a sua devida repercussão, sobretudo a partir do encontro mantido entre o Cardeal Arcebispo do Rio de

Janeiro, D. Eugênio Sales, e D. Adriano Mandarino Hipólito, no Colégio Santa Arcelina, de religiosas, no Alto da Boa Vista, onde também estiveram o Presidente Interino da CNBB, D. Geraldo Fernandes (Bispo de Londrina) e D. José Clemente (Bispo de Friburgo).

Manifestaram-se, além disso, a Associação Brasileira de Imprensa, o pró-prio Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, o Ministro da Justiça, o Comandante do I Exército, e em Brasília, vários deputados e senadores. Mas nem todos condenaram o atentado como um ato de violência política, que visa, como os precedentes ocorridos na ABI e na OAB, a criar um clima de insegurança e intranquilidade no País, e a eliminar de vez a pouca liberdade que nos resta.

O RELATO

Depois de relatar, no que foi possível, os lances do sequestro e de sua viagem de Nova Iguaçu até Jacarepaguá ao fotógrafo Adir Mera, que acompanhou D. Adriano, este último foi encaminhado, sucessivamente, à Casa Paroquial de Jacarepaguá, ao Distrito do mesmo bairro e posteriormente ao Departamento Geral de Investigações Especiais, onde D. Adriano e o fotógrafo permaneceram depoiamento até às 6 horas de quinta-feira.

COMUNICADO

Em Nova Iguaçu, no último dia 23, quinta-feira, o assunto mais comentado e discutido na cidade era o sequestro de D. Adriano, fato que abalou realmente a nossa opinião pública, uma vez que a notícia da lista de pedidos de impugnação de 21 candidatos à eleição de 15 de Novembro, fato este também discutido durante toda a semana em todas as rodas e reuniões de nossa comunidade. Da impugnação ao sequestro parece lícito admitir que Nova Iguaçu tenha sido escaudado para sofrer um clima de terror político, em decorrência de fatos fabricados aqui e ali por forças que no momento se situam dentro e fora do Município e que se mostram interessadas, como já nos referíamos na semana passada, em anular a autonomia de Nova Iguaçu, por sabermos um centro de tensão política natural em face dos grandes problemas sociais que nos afligem de perto nesta região — a Baixada Flumi-

(CONCLUI NA PAG. 2)

SEQUESTRO DE D. ADRIANO
ABALA OPINIÃO PÚBLICA

(Conclusão)

25-9-76

nense —, cuja realidade, com coragem e senso crítico admiráveis, D. Adriano soube expor como ninguém, especialmente através de seus artigos publicados em "A Folha".

Fiéis ao espírito de seu chefe, sacerdotes, religiosas e leigos da Diocese de Nova Iguaçu, reunidos com o Vigário Geral, distribuíram na última quinta-feira comunicado ao povo de Nova Iguaçu, nos seguintes termos:

Dom Adriano Hypólito, nosso irmão e pastor, foi acingelado, torturado e agredido, em companhia de Fernando, seu sobrinho, na noite do dia 22 de setembro. Os autores do monstruoso crime nós os conhecemos muito bem: são aqueles que querem fazer calar a voz da Igreja, em defesa dos direitos humanos.

A cegueira desses assassinos impede-os de ver que o martírio não é um acidente na vida da Igreja; ao contrário, dar a vida pela libertação dos que são vítimas da injustiça faz parte da essência mesma da vocação cristã: "Felizes sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós, por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos céus, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós" (Mateus, 5,11-12).

O próprio Filho de Deus foi preso, torturado e morto na cruz, por amar os mais humildes. Os altares da Igreja estão repletos de santos mártires, que foram vítimas dos "filhos das trevas" os quais, em todas as épocas de opressão, tentaram abafar os clamores do povo" (Êxodo 3,7).

Ninguém ignora que, nesses últimos anos, nos países da América Latina, inúmeros cristãos — leigos, religiosos, padres e bispos — foram perseguidos por causa da justiça. Recentemente, vários bispos de nosso Continente foram presos na cidade de Riobamba, no Equador. Tais fatos mostram que o sequestro e a tortura de Dom Adriano não é um ato isolado.

O fato é mais uma tentativa de fazer a Igreja trair a própria missão que o Senhor lhe confia. Não é um ato que

atinge apenas Dom Adriano, todo o povo foi atingido: as bofetadas e pontapés no Bispo são bofetadas e pontapés no povo de Deus. Mas não devemos temer tais ameaças: "Sereis odiados por todos por causa do meu nome. Entretanto não se perderá um só cabelo de vossa cabeça. E pela vossa constância que alcançareis a vossa salvação" (Lucas 21, 17-19).

Fazemos um apelo a todos os cristãos, para que se unam a nós em orações, a fim de que o Senhor nos conserve sempre firmes em nosso compromisso de anunciar a Verdade, na consciência de que a cruz é o caminho da ressurreição.

DEZ ANOS DE
PREOCUPAÇÃO
SOCIAL

Nomeado no dia 9 de setembro de 1966, D. Adriano, então Auxiliar de Salvador, é o terceiro Bispo desta cidade, que abrange ainda os municípios de Itaguai, Nilópolis, Mangaratiba, Paracambi e São João de Meriti. A Diocese foi criada em 26 de março de 1960, sendo, entre as demais, a terceira em densidade demográfica, a décima-terceira em população absoluta e a terceira menor em área.

Natural de Aracaju (Sergipe), D. Adriano tomou posse no dia 6 de novembro de 1966, época em que o nosso Município era governado pelo então Interventor Federal Joaquim de Freitas. Empossou-o o Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro.

Nesses dez anos de permanência em Nova Iguaçu, D. Adriano Mandarino Hypólito preocupou-se profundamente com a questão social, entendendo, através de uma bem sucedida política de esforço comunitário, a promoção e o amparo das camadas mais humildes de nossa população. No púlpito ou nas páginas do jornalzinho A FOLHA revelou sempre a sua tendência de homem amante da justiça e da liberdade, procurando incutir em seus fiéis uma consciência crítica sobre a nossa realidade, que contra ele se mostrou tão dura e violenta.

PROMOTOR QUER AFASTAR
SUBVERSIVOS E CORRUPTOS

(Conclusão)

rificar quais os candidatos que reúnem condições de elegibilidade absoluta, tanto política como moral, e chegar a conclusão que esses

ver de verificar quais as pessoas que se encontram em condições de exercerem funções públicas ou não.

LUIZ ZIZI DE
OLIVEIRA

lista que os seus candidatos haviam sido impugnados e cassados. E que era até mesmo perigoso manter propagandas em suas casas comerciais ou residenciais. Esta chantagem surtiu algum efeito em certos locais.

Mas o que o Ruy não esperava é que o seu nome também fosse para a guilhotina. Agora o Ruy está na mesma canoa que o Mariano, o Amaral e o João Luiz do Nascimento. Só que a sua carga é bem mais pesada.

"Quem com ferro fere, com ferro será ferido".

OS GRILOS DA
GETÚLIO VARGAS

No final da semana próxima passada e no decorrer de toda esta semana a Rua Getúlio Vargas se transformou, de uma hora para outra, no centro nevrálgico dos acontecimentos políticos do Município.

Para ali afluíram todas as pessoas, do Juiz, Promotor, líderes partidários, políticos impugnados ou não, até aos provocadores, deduzidos, lacaios e subservientes.

Nós, na função de jornalista, éramos obrigados a manter contatos e a colher informações nas imediações da 27.ª Zona Eleitoral. Não fosse isso teríamos nos mantido fora dali, isto que a boataria fabricada por elementos desqualificados transformou aquela a pública num verdadeiro indomônio.

GORJETA DO
ALDIR

Fui informado que numa noite de seresta lá no Heliópolis, o Waldir Fortunato ao pagar a sua conta, deu uma gorjeta de "dez angos" para o garçom, recomendando-lhe que no dia de votar não esquecesse do seu nome.

O garçom, que não é bo nem nada, recebeu dez "pratas" e disse: "seu Waldir, a gorjeta recebo, pois não estou em época de dispensar heiro, mas votar eu já liho o meu candidato".

GARRAFAMENTO
ESCADA

Nós sabemos quem fez a passagem de nível linha férrea em frente à

Rua Floresta Miranda. Só sabemos que foi mais um ato de desrespeito ao povo iguaçuano.

Dizemos isso porque não se pode interromper uma passagem tão importante como aquela, sem que se dê à população uma outra opção. Com isso muitos embrulhos de compras foram rasgados pela multidão, misturando-se à lama o alimento de muitas pessoas, que só Dens sabe com que sacrifício foi conseguido.

O RUY FOLCLÓRICO

O Altair Soares (Cuca) nos contou uma história, passada com o Ruy Queiroz, que merece ser conhecida por nossos leitores. Disse que de uma certa feita, numa dessas campanhas eleitorais, estava ele com o Ruy andando pelo centro da cidade, e de repente o ex-Interventor, com aquele seu jeito todo especial de líder carismático, viu um velhinho e exclamou: "Como vai, coroa?" — Isto acompanhado de um forte abraço político. Mas notando que o velho não lhe reconhecia, ponderou: "Sou o Ruy! Não está me reconhecendo!? Eu sou o Ruy", bradou. O velho olhava de cima embaixo e nada de saber quem era aquele senhor tão comunicativo. Mas o Ruy insistiu tanto que o velhinho, com um sorriso amarelo nos lábios, respondeu: "Ah, já sei! O senhor é meu velho conhecido. E' o Ruy Barbosa, né?"

ARMANDO DIAS
LAMENTA

O Vereador Armando Dias, um dos impugnados, lamenta que o Promotor tenha encaminhado ao Juiz "denúncias dessa natureza, pois com menos de três horas, disse, provei que não tinham nenhum fundamento".

O Promotor alegou que eu sou latifundiário e grileiro e que não fazia declarações de rendas de minhas terras (30 alqueires). Mas isso não passa de uma inverdade. A prova está — acrescentou — que tirei as escrituras em 1959 e fui considerado elegível em 1961, 1966, 1970 e 1972.

Polícia liga ação contra o

JORNAL DO BRASIL □ Sábado, 25/9/76 □ 1º Caderno

Bispo a outros atentados

D Ivo vê na ação um radicalismo

Embora admita que o Esquadrão é "passível de ser visto em um extenso leque", Dom Ivo acha que essas violências só podem ser atribuídas a "grupos de extrema direita, inconformados com determinado tipo de ação da Igreja". Qualquer que seja o andamento na Justiça, Dom Ivo disse que vai acompanhar até o fim o caso de Dom Adriano e declarou que, "longe de intimidar, o episódio só encoraja mais os Bispos em sua luta pelos direitos da pessoa humana".

O secretário-geral da CNBB observou que "a humanidade parece ter chegado aos últimos requintes de trato social. Não faltam enciclopédias e tratados para tudo que é relações humanas e afinal estamos ficando cada vez mais bestas, desaprendendo a verdadeira prática dos direitos humanos".

Consolo

Dom Ivo informou, em entrevista coletiva, que desde o sequestro do Bispo de Nova Iguaçu teve a consolação de receber, por telefone, telegramas e outras vias, inúmeras manifestações de solidariedade à CNBB e repúdio à violência, não só por parte dos bispos de todo o país como da ABI, OAB e outros órgãos representativos.

A Igreja não pode ser ingênua nem muito menos masoquista, "mas nós nos alegramos por vermos assim que nossa ação não é indiferente e não estamos assim tão errados no que fazemos", disse Dom Ivo, ao ler algumas das mensagens, inclusive a do Bispo de Caxias do Sul, Dom Benedito Zorzi: "Todos nós somos atingidos por estes atos". Por isso, alegremo-nos".

Referiu-se ainda a Dom Adriano Hipólito como "um homem universal, para quem as questões sociais não podem ficar de fora" e "um Bispo que se tornou admirado pelo Episcopado sobretudo pelas vocações sacerdotais que atraiu e a

acolhida que deu ao Seminário Stella Maris".

A verdadeira política

O secretário-geral da CNBB falou ontem, depois de uma reunião ordinária da presidência, Comissão de Pastoral e assessores da CNBB, com vistas à realização da próxima reunião da Comissão Representativa, de 19 a 25 de outubro, quando um grupo de trabalho apresentará um dossiê com pronunciamentos e orientações sobre o próximo pleito eleitoral.

Disse que nunca como agora os bispos falaram ou escreveram tanto e de uma maneira tão convergente. Informou que tinha feito uma leitura apenas superficial, mas que se sente nos bispos "o esforço de fazer surgir um novo conceito de POLÍTICA, com todas as letras maiúsculas, conforme um conceito nobre, dignificante e indispensável".

Para Dom Ivo, política é "não uma questão de Partidos ou ideologia, mas o exercício do Poder para a realização do bem comum e da consciente participação do povo nesta ação".

No fim da entrevista, lembrou o aniversário do Papa Paulo VI — completa 79 anos amanhã — de quem falou como "um Pontífice de muitos méritos pela obra difícil e incompreendida, muitas vezes na busca da autêntica renovação da Igreja".

A CNBB enviou ao Papa o seguinte telegrama: "Os Bispos do Brasil, através de sua presidência e Comissão Episcopal e Pastoral, reunidas em Assembleia ordinária, formando uma só alma e coração com o Vigário de Cristo na terra, vêm apresentar a Vossa Santidade os mais ardentes votos de felicidade por mais um ano de preciosa vida devotada a Deus e à Igreja, nessa caminhada difícil na fidelidade aos imutáveis valores, junto com uma autêntica renovação, implorando preciosa bênção apostólica".

einigen Dingen für den Verkauf oder
einen Flohmarkt für Kinder
gebrauchte Spiele und
mal nachzusehen, ob
nutzlos in Ihrem Haus
allen Sakristeien,
angenommen.
nige von Ihnen
en wir unsere
Sie bitten: Machen

O atentado contra o Bispo Adriano Hipólito e o seu sobrinho, Fernando Webereng, foi praticado pelo mesmo grupo que agiu contra a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) no mês passado e contra a casa do Sr Roberto Marinho.

A ligação dos atentados foi estabelecida pela polícia em exames feitos com o papel e o tipo da máquina usadas nos panfletos deixados pelos terroristas. A polícia procura localizar o Chevrolet tipo 1955 ou 1956, vermelho, com pneu estepe continental, usado no sequestro do Bispo de Nova Iguaçu.

RIGOR NA APURAÇÃO

A ordem emitida ontem pelo Secretário de Segurança, para que os fatos sejam apurados com rigor e urgência, mobilizou, além dos agentes da Delegacia de Polícia Política e Social, todo o efetivo das 29a. e 33a. DPs (Madureira e Realengo) e alguns soldados da PM que participaram da ocorrência.

Pessoa importante no caso é o cabo Américo, do 10º Batalhão da PM, que foi o primeiro a ter contato com o sobrinho do Bispo. Ele desamarrou Fernando Webereng e o conduziu à Delegacia Policial de Realengo.

Ontem, a polícia voltou ao local onde o Bispo e o seu sobrinho foram seviciados, na Estrada do Catinho, onde recolheram pedaços de esparadrapo largos (do tipo hospitalar) e cordas já bem usadas, que serviram para amarrar Fernando. Segundo os policiais, as peças recolhidas de pouco adiantarão para a identificação dos sequestradores, mas servirão como provas para responsabilizá-los, caso sejam descobertos.

O Chevrolet vermelho é a grande pista que a polícia tem até o momento. Trata-se de um carro antigo e deve ser um dos poucos em circulação. O detalhe do pneu estepe, que se encaixa no molde existente na mala, foi a característica notada por uma das testemunhas que viu quando os sequestradores abandonavam o Bispo Adriano Hipólito na Rua Japurá, em Jacarepaguá. Há buscas no Detran para identificar o carro.

Fernando Webereng e sua noiva Maria del Pilar Iglé-

sias Vila, que por duas vezes deixaram de atender o convite para prestar esclarecimentos, vêm prejudicando o trabalho da polícia. O depoimento do Bispo foi considerado fraco. Ele — segundo suas próprias declarações — não tem condições de identificar os sequestradores, daí a importância que está sendo dada ao depoimento de Fernando e de sua noiva. Com Fernando, além do depoimento, a polícia espera reconstituir o percurso feito pelos sequestradores até o local em que as vítimas foram deixadas. O vocabulário usado pelos sequestradores também é fundamental para as investigações. Através dele a polícia terá condições de saber se há ou não o envolvimento de elementos ligados ao Esquadrão da Morte e à Aliança Anticomunista Brasileira.

O diretor do Instituto Afrânio Peixoto, ex-IML, médico Nelson Caparelli, realizou ontem, pela manhã, na residência do Cardeal Dom Eugênio Sales, no alto do Sumaré, o exame de corpo de delito no Bispo Dom Adriano Hipólito, sequestrado e seviciado por um grupo terrorista ainda não identificado, em Nova Iguaçu, e abandonado sem roupas na Rua Japurá, em Jacarepaguá, quarta-feira passada.

O resultado do exame ficará pronto segunda-feira e o laudo será remetido ao delegado Borges Fortes, do Departamento de Polícia Política e Social, designado para presidir o inquérito instaurado no órgão para apurar o sequestro e os atentados a bomba que destruíram o carro do Bispo e danificaram parte da residência do Sr Roberto Marinho.

EXAMES DEMORADOS

No Gabinete do Secretário de Segurança, General Osvaldo Inácio Dominguez, na tarde de ontem, com relação aos laudos sobre os exames de fragmentos do petardo recolhido na Associação Brasileira de Imprensa, da bomba apanhada intacta na Ordem dos Advogados do Brasil e do material arrecadado no carro do Bispo Dom Hipólito e residência de Roberto Marinho, informaram seus assessores que estes deverão demorar, em face da atual deficiência de pessoal do Instituto de Criminalística,

D Adriano rezou o tempo todo

"Em momento algum temi pela minha vida, pois nas duas horas e meia em que permasei sequestrado orei sempre. Estava muito preocupado com a segurança de Fernando, mas quando pedi que não o espancassem mais, fui agredido com mais força."

A explicação foi dada ontem por D Adriano Hipólito à sua irmã, dona Helena Hipólito Cerqueira Passos, durante o almoço — "num lugar que não posso revelar". Ele só reagiu, disse ela, quando os sequestradores obrigaram a negociar cachaça, mas trincou os dentes e não bebeu. "Os dois homens usaram sempre palavras de baixo calão e pareciam pessoas de baixo nível cultural. Afirmaram que o próximo seria Dom Valdir Calhenro Bispo de Volta Redonda. E depois "outros bispos brasileiros".

Explicações

Muito nervosa, dona Helena voltou ontem para casa — no parque Flora, Bairro da Posse, em Nova Iguaçu, quase dois km da Rio-São Paulo. Garantiu que o irmão não voltaria neste final de semana, pois "deverá recuperar-se num local distante, inclusive evitando as visitas. Eu mesma o convenci a permanecer onde está." Quanto a Fernando — que é sobrinho por afinidade e que a família cria há 10 anos, juntamente com outros dos irmãos, vindos da Bahia — está descansando num lugar ignorado "do interior".

Dom Adriano recebeu ontem a visita do Arcebispo Eugênio Salles, do Bispo auxiliar, Dom Eduardo Koalk, e do Bispo de Volta Redonda, Dom Valdir Calheiros, que à tarde retornou à sua cidade. A noiva de Fernando, Maria Iglésias, apesar de ter fugido no momento do sequestro, "parece ser a mais traumatizada e está sob forte tensão emocio-

nal. Ela grita e chora quando alguém entra em seu quarto e permanece sempre com a mãe ao lado", informou Dona Helena.

Outra visita foi da gerente do Centro de Formação de Líderes de Comunidade de Nova Iguaçu, Sra Virgília dos Prazeres Vergnano, que encontrou o Bispo "bem disposto." Revelou que ele manteve diálogo com os sequestradores apenas duas vezes. Primeiro quando foi chamado de comunista e respondeu que "não era e nunca seria. Apenas defendia os direitos dos pobres." Outra vez ele pediu que não batessem mais no rapaz — pois estava ouvindo seus gemidos — mas os homens retrucaram que "ele também merece porque quem ajuda um comunista também é comunista."



D Helena, irmã do Bispo

Bispos concelebram em Nova Iguaçu

Em todas as igrejas da Diocese de Nova Iguaçu será distribuída e lida amanhã uma nota convidando os fiéis para uma missa no dia 3, na Igreja de Santo Antônio, celebrada por vários bispos e por D Adriano Hipólito, que, "juntamente com seu sobrinho Fernando, foi traçoicamente sequestrado, torturado e depois abandonado, nu e ferido, por um grupo de criminosos que se declarou pertencer à já notória Aliança Anticomunista Brasileira".

Em outro comunicado, também destinado aos fiéis, o vigário-geral, Monsenhor Arthur Hartmann, fala sobre o sequestro do Bispo e seu sobrinho, na noite de quarta-feira, e adverte que as bofetadas e pontapés dados em D Adriano "atingiram todo o povo de Deus". Refere-se ainda ao incidente de Riobamba, no Equador — onde vários bispos do continente foram presos ao participarem de uma reunião — mostrando que "o que ocorreu com D Adriano não é um ato isolado".

Solidariedade ao Bispo

O documento, assinado pelo Monsenhor Arthur Hartmann, assinala que "a Diocese de Nova Iguaçu está solidária com a pessoa de seu Bispo, bem como com a linha pastoral de denúncia profética contra tudo o que amedronta o povo e o marginaliza de seus direitos. Estamos convencidos de que a Verdade, embora aparentemente perdedora de muitas batalhas, é e será a vencedora de todas as guerras. Que os fanáticos não se esqueçam: eles estão desde já programados para perderem a batalha final".

Acrescenta que "estamos ofendidos e indignados com as sádicas atrocidades perpetradas na pessoa de nosso Bispo. Mas estamos também profundamente convencidos da coerência de tais fatos com tudo o que de mais glorioso aconteceu e acontece com a pessoa dos profetas, santos e mártires. Em vez de amedrontar e fazer calar, a nefanda agressão proclama

ma que, sob a orientação de D Adriano, estamos no caminho certo de Cristo perseguido, torturado e morto".

Termina convidando "você, irmão, para, junto com D Adriano, celebrarmos a ressurreição de Cristo e sua vitória final sobre a hipocrisia e os fanatismos; sobre as maquinacões noturnas e o poder das trevas; sobre as torturas e a própria morte." A missa será rezada às 16h do dia 3, na Igreja de Santo Antônio, em Nova Iguaçu, "durante a qual lhe daremos o nosso apoio e solidariedade para com a orientação pastoral." O convite será distribuído amanhã nas igrejas de Nova Iguaçu, Nilópolis, Paracambi, Itaguaí, Mangaratiba, São João de Meriti e parte de Vassouras.

Calar a Igreja

Em comunicado ao povo da Diocese, a Cúria Metropolitana participa o sequestro de D Adriano. "Os autores do monstruoso crime — destaca — nos os conhecemos muito bem: são aqueles que querem fazer calar a voz da Igreja em defesa dos direitos humanos." Mas, continua o comunicado, "a cegueira desses assassinos impede-os de ver que o mártir não é um acidente na vida da Igreja; ao contrário, dar a vida pela libertação dos que são vítimas da injustiça faz parte da essência mesma da vocação cristã."

Diz a nota que "ninguém ignora que, nesses últimos anos, nos países da América Latina, inúmeros cristãos — leigos, religiosos, padres e bispos — foram perseguidos por causa da justiça. Recentemente, vários bispos de nosso continente foram presos na Cidade de Riobamba, no Equador. Tais fatos mostram que o sequestro e a tortura de D Adriano não é um fato isolado."

A nota afirma que "o fato é mais uma tentativa de fazer a Igreja trair a própria missão que o Senhor lhe confia. Não é um ato que atinge apenas D Adriano, todo o povo foi atingido: as bofetadas e pontapés no Bispo são bofetadas e pontapés no povo de Deus."

A FOLHA

26 de setembro de 1976 - Ano 4 - Nº 218

Mitral Diocesana de Nova Iguaçu
Rua das Flores, 100 - 200 Caixa Postal 22
Nova Iguaçu, RJ

PRO DR. BAIXADA DA SILVA, LIXO TEM O SEU LUGAR

Um brasileiro. Nasceu, cresceu, matou e foi morto na Baixada Fluminense. Nasceu na miséria, cresceu na rua, onde foi educado para ser bandido, tirou o diploma de bandido nas prisões, resistiu à violência com violência. Viveu como um cão e morreu como um verme. E não terá amor e consolo póstumo de seu destino examinado em sua singularidade. Era um a mais, entre os chacinados da Baixada Fluminense, e não era nada além disso. Chamava-se Jorge Luis Chagas e tinha 17 anos, nada mais do que isso (JB, 2-6-76).

Ai o Dr. Classe A da Baixada da Silva indignou-se em seu senso moral e proclamou, na reunião dos cursilistas, na

Quarenta meninos e duas meninas, amontoados por três dias em quatro celas da delegacia policial de Duque de Caxias, foram libertados por ordem do Juiz de Menores local, Dr. Libório Siqueira.

Dois outros continuaram presos naquele dia — dez delinquentes de alta periculosidade, acusados de arromba-

"A Folha" de D Adriano

A ausência por dois dias de D Adriano Hipólito, da Diocese de Nova Iguaçu não impedirá os fiéis de lerem, como todos os domingos, o jornal — *A Folha* — distribuído gratuitamente nas igrejas, com duas de suas quatro páginas dedicadas à política e fatos envolvendo moradores da Baixada Fluminense: o de amanhã já está pronto e a primeira página tem texto intitulado *Pro Dr. Baixada da Silva, Lixo Tem o Seu Lugar*, comentando a prisão de 40 menores em Duque de Caxias, em junho.

Críticas à política salarial, ao abandono da região pelas administrações, ao Esquadrão da Morte e ao aumento do custo de vida desfilam semanalmente, há quatro anos entre os que assistem às missas em Nova Iguaçu, Nilópolis, São João de Meriti, Paracambi, Itaguaí, Mangaratiba e parte do Município de Vassouras. Ao pé da página, comentários envolvendo o personagem *Brasilino*, sonhador e iludido por promessas governamentais.

Os artigos — segundo os padres da Cúria — são feitos por D Adriano Hipólito e alguns auxiliares. Aparece sempre a personagem *Dr. Classe A da Baixada da Silva*.

Nos três números já distribuídos este mês, o jornal, sem fins lucrativos, da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu, tratou da má distribuição de renda, das desigualdades entre ricos e pobres e das discussões sobre posições da Igreja nos artigos *Riqueza é a Soma de Muitas Pobrezas*, *Zezinho-da-Silva*, *o Menino-Macaco do Patropi* e *A Cidade Está em Chamas e Teólogos Soltam Traques*.

Ao pé das primeiras páginas, comentários sobre "os médicos que preferem clinicar na Zona Sul"; os desenhos de *Teotônio Pardal*, "que nasceu para ser líder", e sobre as atividades do Copersucar vistas pelo *Brasilino*, o "doce e anômico" personagem. No de domingo que vem, os comentários são sobre o *Garoto Filósofo*, universitário que não sabe "como aprender política na escola dos Partidos políticos, nos quais há uma crise eterna de liderança, de princípios, meios e fins".

O jornal da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu é impresso na Editora Vozes, de Petrópolis, e distribuído na área sob a influência de D Adriano Hipólito. Inicialmente a tiragem era de cerca de 30 mil exemplares, mas agora os padres não dizem qual a circulação atual. "Informação restrita ao Bispo ou a seus auxiliares". Tem quatro páginas e, além das primeira e última com artigos políticos, há textos sobre a missa do dia para ser acompanhada pelos fiéis.

O jornal do Bispo

A primeira página de *A Folha* desta semana traz o seguinte texto, sob o título "Pro Dr. Baixada da Silva tem o seu lugar".

"Quarenta meninos e duas meninas, amontoados por três dias em quatro celas da delegacia policial de Duque de Caxias, foram libertados por ordem do Juiz de Menores local, Dr. Libório Siqueira. Correndo alegres, deixaram-se filmar pela televisão e fotografar pelos jornais. Pelo menos 15 dentre eles não corriam em direção alguma. Apenas fugiam das grades, que para eles significavam a perda do único bem que possuíam: a liberdade.

Chama-se liberdade, no caso, o fato de não ter lar. Liberdade é dormir numa galeria, sob a via férrea, e comer amontoado numa grande vasilha, fornecida pelo dono de um bar das imediações. Alta madrugada, pouco antes de encerrar o expediente, o dono do bar enche a grande vasilha com restos de comida, e assim os garotos se alimentam, e é esta a liberdade deles. Dormidos e alimentados, lá vão eles, ao nascer do dia, para a louca aventura que é a vida em tais condições. No tempo ocioso, praticarão pequenos furtos, pequenos assaltos, e sem dúvida encontrarão pequenas alegrias. Ou o pequeno susto: a blitz policial, que os apanhará desprevenidos e os levará de volta ao xadrez, onde ficarão até que novamente o Juiz de Menores os devolva à rua.

Eram 40 meninos e duas meninas. Dez outros continuaram presos naquele dia — 10 delinquentes de alta periculosidade, acusados de arromba-

mentos e latrocínios. Dez bandidos reincidentes e temíveis. O Juiz esperava que a Funabem se interessasse por eles, mas a Funabem não se interessou. Apareceram três pais ou responsáveis e levaram três deles. Ficaram sete. Entre os sete estava Jorge Luis Chagas.

Leia editorial

Jorge Luis Chagas devia ser magro de fome e não possuía necessariamente uma cor de pele, pois nesse estado de miserabilidade todos são pretos. Pode ter olho azul e cabelo louro que continua preto. Com 17 anos, assaltante de profissão, Jorge Luis Chagas já estava há sete meses no xadrez de Duque de Caxias, quando o Juiz Libório Siqueira o fez assinar um termo de liberdade vigiada e o soltou. Uma vez por mês, deveria apresentar-se ao Juiz de Menores, a fim de comprovar que se achava em situação socialmente aceitável. Terça-feira era dia de apresentação. Jorge Luis não se apresentou.

Dois dias antes, cinco corpos foram encontrados no Jardim Metrópole, em São João de Meriti. Torturados e fuzilados. Um dos mortos era Jorge Luis Chagas. Eis aí a biografia de uma criança brasileira. Nasceu, cresceu, matou e foi morto na Baixada Fluminense. Nasceu na miséria, cresceu na rua, onde foi educado para ser bandido, tirou o diploma de bandido nas prisões, resistiu à violência com violência. Viveu como um cão e morreu como um verme. E não terá sequer o consolo póstumo de um destino examinado em sua singularidade. Era um a mais, entre os chacinados da Baixada Fluminense, e não era nada além disso. Chamava-se Jorge Luis Chagas e tinha 17 anos, nada mais do que isso (JB, 2-6-76).

Ai o Dr. Classe A da Baixada da Silva indignou-se em seu senso moral e proclamou na reunião dos cursilistas: "Precisamos fazer alguma coisa! Precisamos fazer alguma coisa pelo menor abandonado! Vejam só as ruas de nossa cidade, cheias dessas infelizes crianças que vão ser os assaltantes de amanhã! Até por uma necessidade de proteção ao nosso patrimônio, precisamos fazer alguma coisa! E a solução é simples: fazer orfanatos, dar valor aos que já temos e, quem sabe, construir mais. Pra que gastar dinheiro com elefantes brancos e empregar renda de festas em obras de finalidade vaga e distante, como centros de formações e cursos de conscientização? O negócio é orfanato!"

O garoto Jorge Luis não morreu por falta de orfanato mas de justiça. Ai a reflexão do Dr. Baixada da Silva faz aquela curva rápida e completa, chamada *cavalo-de-pau*, pro carro não cair no precipício: no precipício do lixo humano produzido pelas felizes máquinas de inchação das riquezas e de espoliação da pobreza, da nossa gloriosa civilização cristã. "Gente, esse assunto é muito complexo. O mundo foi sempre assim e não é a gente que vai dar jeito. Aliás, o assunto é até meio perigoso. Depois, acho que já vou indo, vou ter que acordar cedo amanhã". "Ai de vós, ricos!" — rugiu o manso Tiago na missa de hoje.

"Catabis e catacreses"

1. Aconteceu que o doutor disse improvisadamente: "Não é possível que eles (os jovens, tá?) vivam sem conhecimento dos problemas do país. E o lugar de preparo político não pode ser a universidade: a escola política está nos Partidos."

2. Dado o tema, vamos à meditação sobre como a juventude tem isso de seu: pros garotos entenderem os problemas, precisam pegar a dimensão existencial dos problemas. Entende? Quer dizer: o garotão quer resolver o problema.

3. Problema só pra conhecer, já era, né, garotão? E tem mais, gente: garotão resolve problema toda hora, em todo lugar, de qualquer jeito. Dai por que o garotão que passa muitas horas na faculdade não pode esquecer, no seu mundo da faculdade, os problemas que esperam solução.

4. Tanto mais que os Partidos políticos, aí, doutor, então V Exa ainda não viu o que tá-se dando por aí? Na Sapucaia tem Arena 1, Arena 2, Arena 3. Metade da Arena 1 ligou-se com metade da Arena 2 e formou a Arena 4. A Arena 3, pro devido equilíbrio de forças, uniu-se com a restante metade da Arena 1 pra combater o vice-prefeito lançado pela Arena 4. A metade viúva da Arena 2, num decidido risco suicida, resolveu abrir mão de todas as divergências e apolar por sua vez a metade do MDB 2. E o etc.

5. Desse jeito como é que o garotão vai aprender política na escola dos Partidos políticos, nos quais há uma crise eterna de liderança, de princípios, de meios, de fins? E' que o negócio certo é mesmo democracia, isto é: Democracia, com D grande, essa sim que é jóia, entende?

"Silêncio Perigoso"

Dom Adriano Hypolito OFM
Caixa Postal 22
26.000 Nova Iguaçu-Estado do Rio
Brasiliën

Nova Iguaçu, 27. September 1976

In Gottes Händen

(die Nacht vom 22. September 1976)

Am Mittwoch, dem 22. September, gegen 19 Uhr, verließ ich mein Büro in der Diözesankurie. Ich hatte meine Sprechstunde eine halbe Stunde später als normal beendet. Zum Schluß sprach ich mit unserm Arbeiter Fidelis, der am vorhergehenden Sonntag überfallen worden war und nun um einen Lohnvorschuß bat. Danach ging ich den Gang hinunter, sprach noch etwa 10 Minuten lang mit dem Pater David und dem Pater Heinrich von der Kathedrale. In meinem Volkswagen "Sedan" warteten schon mein Neffe Fernando Leal Webering, der am Steuer saß, und auf dem Rücksitz seine Braut Maria del Pilar Iglesias.

Gegen 19,15 Uhr verabschiedete ich mich und stieg in den VW neben Fernando ein, dann fuhren wir ab. Wir nahmen unseren täglichen Weg und bemerkten auch nichts Außergewöhnliches. Es war der Heimweg zum Park "Flora", und Pilar fährt jeden Abend mit, da sie am Weg dorthin wohnt, in der Straße Paraguacu.

Als wir auf die Autobahn "Presidente Dutra" auffahren wollten, (Richtung Sao Paulo) gleich nach dem Kilometerstein 13, mußten wir uns scharf rechtsauf den Seitenstreifen halten, da uns ein Lastwagen in Höchstgeschwindigkeit überholte. Ein roter VW parkte am Rand und erschwerte uns ein wenig die Auffahrt auf die Autobahn. Wir wichen vom Seitenstreifen auf die Autobahn aus und es schien so, als wenn uns der rote VW folgen würde.

Dann nahmen wir die Überführung, die die Straße Roberto Silveira mit der Straße von Ambai und dem Stadtteil Posse verbindet. Aber, um nicht eine gefährliche Kreuzung und den sehr bewegten Platz in Posse benutzen zu müssen, folgten wir, wie schon in den letzten Monaten, bis zu einer Tankstelle und bogen in die Straße Minas Gerais ein. Diese Straße durchfahren wir, wie gewöhnlich, doch da, wo die Straße Gama und die Straße Minas Gerais sich kreuzen, stand auf der linken Ecke ein Wagen. Er hatte die Lichter eingeschaltet. Jetzt versuchte er, uns schnell zu überholen. Fernando gab mehr Gas, und ich ermahnte ihn deswegen. Wie immer bogen wir rechts in die Rua Gama und ein wenig später links in die Straße D. Benetita ein. Zwei Wagen folgten uns. Fernando bemerkte: "Entweder sind die verrückt, oder sie streiten sich". Ich erwiderte: "Fahr schneller, damit wir nicht in diesen Streit verwickelt werden". Er gab Gas und so bogen wir nach links ab, in die Straße Mocambique. Da schnitt uns ein roter VW die Fahrt ab. Wir mußten einen Moment halten und waren empört. Gleich darauf fuhren wir weiter, wir hatten noch nicht die tatsächliche Situation erfaßt. Ich war mir sicher, daß es sich hier wirklich um zwei streitende Autofahrer handelte. Wir durchfahren die kurze Mocambiquestraße und bogen rechts in die Paraguacustraße ein, in der Pilar im vorletzten Haus vor der Einfahrt in die Ambaistraße wohnt. Ich sagte zu Fernando, er solle näher an den Mittelstreifen fahren, damit Pilar gefahrlos aussteigen könne und die beiden Zankhähne vorbeikämen, ohne uns zu belästigen.

Etwa 5 Meter vor der Haustür von Pilar schnitt uns vorn der rote VW die Fahrt ab und ein anderer Wagen stellte sich an unsere Seite. Fünf oder sechs pistolengewaffnete Männer sprangen aus den Wagen und kamen drohend auf unseren Wagen zu. Auf meiner Seite rief einer von ihnen: "Das ist ein Überfall. Komm sofort raus, sonst schieß ich". Ich zögerte ein wenig und versuchte zu erfahren, um was es sich hier handelte. Mit Schimpfwörtern riß er meine Wagentür auf und dann zerrten sie mich heraus. Ich stolperte und fiel, fragte noch: "Mein Bruder, was habe ich dir getan?"

Zwei von ihnen schleppten mich brutal ab und warfen mich auf den Rücksitz ihres Wagen. Sie schlugen auf Kopf und Körper ein, damit ich mich duckte. Ich sah noch 2 bis 3 Sekunden lang das Gesicht des Fahrers und mir fiel die quadratische, rahmenlose Brille auf, die er trug. Der andere hatte ein rundes, grobes Gesicht, die Wangen gezeichnet von Narben und entzündeten Pickeln. Ich meine auch noch klar gesehen zu haben, wie Pilar fassungslos vor ihrer Haustür stand, auch einige andere Personen sah ich auch. Sie standen fassungslos in den Türen einer Bäckerei, die sich neben dem Haus von Pilar, Ecke Paraguacustraße - Ambaistraße befindet.

Nun drehte sich der Bandit, der neben dem Fahrer saß, um, schlug auf mich ein und zog eine Kapuze über meinen Kopf. Die Kapuze war aus grobem Stoff, es schien Segeltuch zu sein. Ich bekam nur schwer Luft. Er band die Kapuze fest, aber ich konnte noch eben die Fesseln sehen, sie waren dunkel, vielleicht vom Rost. Noch während ich gefesselt wurde, fuhr der Wagen sehr heftig an. Andauernd wurde ich geschlagen auf Kopf und Körper, damit ich in geduckter Stellung bliebe. Man fesselte mir beide Hände. Ich merkte, daß sie die Ambaistraße in Richtung Nova Iguacu fuhren. Sie schlugen weiter auf mich ein und beschimpften mich. Diese gewalttätigen Vorgänge vor der Haustür von Pilar hatten etwa 8 bis 10 Minuten gedauert.

Nachdem ich schon einige Minuten lang die Kapuze aufhatte und der Wagen in wilder Fahrt die Stadt durchkreuzt war, verlor ich vollständig den Orientierungssinn. Ich konnte nicht mehr die Ortschaften identifizieren, die wir durchfuhren. Asphaltstraße, Pflasterstraße und Lehmwege wechselten sich ab und immer wurde mit Höchstgeschwindigkeit gefahren. Es schien eine Fahrt mit Verrückten zu sein. Gleich zu Beginn hörte ich, wie der Mann rechts von mir zum Fahrer sagte: "Diese Arbeit wird 4.000 bringen".

Gleich darauf fing er an, mich abzutasten, vielleicht suchte er eine Waffe, oder eine Brieftasche. Als er weder das Eine noch das Andere gefunden hatte, begann er, die Knöpfe meiner Soutane einzeln abzuschneiden. Als er die Taschen entdeckt hatte, leerte er sie aus. In der einen hatte ich Taschentücher, die Lesebrille und einen Rosenkranz. In der anderen den Taschenkalender mit meinen Ausweisen, ein wenig Geld und weitere Taschentücher. Er nahm alles an sich, was er fand.

Nachdem wir wie verrückt etwa 30 - 40 Minuten lang gejagt waren, hielten wir an (schon vorher hatten wir 2 oder dreimal gehalten). Sie stiegen aus und befahlen mir, daß auch ich aussteigen sollte: "Raus... (Schimpfwort)." Ich wurde herausgezerrt. Zunächst zogen sie mir meine ganze Kleidung aus und ließen mich völlig nackt. Dann versuchten sie, mir eine Flasche in den Mund zu führen, es war eine Flasche Schnaps, ich schmeckte es an den Lippen und leistete Widerstand. Sie ließen nach. Aber einer goß den Schnaps über die Kapuze. Ich bekam keine Luft mehr, fiel zu Boden und zitterte. Ich dachte, ich würde vollständig bewußtlos werden, aber allmählich kam ich wieder zu mir. Ich lag links vom Wagen auf steinigem, unregelmäßigem Boden. Man hörte, daß ein Wagen in etwa 50 bis 100 mtr vorbeifuhr, also waren wir in der Nähe einer Straße.

Nun fingen sie an, mich zu beschimpfen und zu beleidigen. Einer von ihnen brüllte wie ein wildes Tier, ein anderer sagte: "Deine Stunde ist gekommen, Elender, roter Verräter. Wir sind von der (ich erinnere mich nicht mehr ob Aktion, Allianz oder Kommando) Antikommunistischen Brasilianischen Aktion und wir werden uns rächen. Du bist ein kommunistischer Verräter. Die Stunde der Rache an dir ist gekommen. Danach schlägt diese Stunde für den Bischof Calheeiros von Volta Redonda und für die anderen Verräter. Wir haben eine ganze Liste von Verrätern." Dann fügte er hinzu: "Sag, daß du ein Kommunist bist, Elender!" Darauf antwortete ich: "Weder war ich jemals Kommunist, noch bin ich einer, noch werde ich einer sein. Ich habe nur das Volk verteidigt." Ab und zu gaben sie mir einen Fußtritt.

Nach einer Zeit hörte ich auf einer Entfernung von schätzungsweise 20 mtr Fernando schreien: "Macht das nicht mit mir, ich habe nichts getan." Ich hatte den Eindruck, daß sie auf ihn einschlugen, da sagte ich: "Laßt den Jungen, er hat keine Schuld. Was hat er denn getan?" Ich wiederholte diese oder ähnliche Worte noch einmal, worauf einer von ihnen mir sagte: "Von wegen! Wer einem Kommunisten hilft, ist selbst ein Kommunist." - 3 -

Nun fingen sie an, mich mit einem Spray einzusprühen. Ich spürte die Feuchte und Kälte des Sprays. Ich dachte, sie wollten mich verbrennen, denn ich hörte jemanden sagen: "Das muß brennen." Danach versicherten sie mir zweimal: "Der Chef hat angeordnet, dich nicht umzubringen, also wirst du nicht sterben, nein! Das ist nur, damit du lernst, kein Kommunist mehr zu sein." Nach einer längeren Stille befahlen sie mir, wieder in den Wagen einzusteigen. Die Szene hier hatte etwa 30 - 40 Minuten gedauert.

Der Wagen fuhr an. Jetzt saß einer am Steuer, der eine nieselnde Aussprache hatte. Der andere neben dem Fahrer sprach undeutlich und gab tierische Laute von sich, als wenn er mich damit einschüchtern wollte. Wieder begann die wilde Raserei wie anfangs. Der Mann neben mir begann meine Fesseln zu lösen, schaffte es aber nur sehr schwer. Danach fesselte er meine Hände mit einem Strick und mit dem gleichen Strick auch meine Fußknöchel.

Ich merkte, daß wir abwechselnd auf Asphalt-, Pflasterstraßen und Lehmwege fahren. Manchmal waren wir in der Nähe von Ortschaften, denn ich hörte Kinderstimmen und Hundegebell.

Wir hielten zweimal. Einmal meinte ich, daß wir in der Nähe meines Hauses wären, denn mit schien das Hundegebell so bekannt. Es ging weiter, immer ein wildes Rasen. Sie sprachen nicht. Nur der Mann rechts neben mir legte ab und zu Fetzen meiner Soutane über mich zurecht, wahrscheinlich, damit ich nicht gesehen würde. Wir müssen so ungefähr dreißig Minuten gefahren sein, dann hielten wir.

Der, der rechts neben mir saß, stieg aus und befahl mir auszusteigen. Der Fahrer blieb im Wagen und ließ den Motor an. Ich wurde heftig herausgerissen und konnte nur kriechen, denn der Strick verhinderte das Gehen. Ich mußte in Hockstellung bleiben. Ich setzte mich auf das Trittbrett, da erhielt ich einen Schlag ins Genick und hörte einen sagen: "Kopf runter!" In diesem Augenblick fuhr auf der Straße ein schwerer Wagen vorüber. Mit einem heftigen Stoß schleuderte er mich nun auf den Bürgersteig. Ich fiel aufs Gesicht. Als ich mich umdrehte, fuhr der Wagen weg. Ich sah noch, daß es ein rotes Auto war. Erst vor dem Schlag ins Genick hatte man mir die Kapuze wieder abgenommen.

Nackt und gefesselt blieb ich auf dem Bürgersteig liegen. Es war eine saubere Straße, schwach beleuchtet, sie erinnerte mich an einige Stadtteile von Nova Iguacu. Vor mir lag ein Haus und ein schwacher Lichtschein drang durchs Fenster. Ich versuchte, die Fesseln zu lösen, aber die Knoten waren zu fest zugezogen worden.

Es fährt ein Wagen von links nach rechts ganz nah an mir vorbei. Ich gebe ein Zeichen mit den gefesselten Händen. Sie sahen es, halten aber nicht an. Auf der anderen Straßenseite sehe ich drei Frauen gehen. Ich ziehe es vor, kein Zeichen zu geben. Es kommt wieder ein Wagen von links nach rechts gefahren. Er sieht mich nicht. Unterdessen nähert sich von rechts ein Junge und ich bitte ihn: "Kannst du mir die Fesseln lösen? Ich bin Priester und wurde überfallen". Er hilft mir. Da kommt von rechts ein Auto, es hält und der Fahrer fragt: "Was ist passiert?" Ich sage, was vorgefallen ist. Der Herr steigt aus und hilft, die Fesseln zu durchschneiden und fragt, was ich jetzt nötig hätte. Ich sage: "Eine Hose". Er verspricht, sie zu holen, er wohnt nämlich ganz in der Nähe. Es ist etwa 21,45 Uhr.

Es kommen einige Männer, die fragen, was passiert sei. Ich versuche, es ihnen zu erklären. Sie kennen aber die Straßennamen und Stadtteile nicht. Da frage ich sie: "In welchem Stadtteil von Nova Iguacu befinden wir uns denn?". Sie finden das ein wenig spaßig und antworten: "Sie sind hier in Jacarepagua". Sie fragen noch, ob ich verletzt sei. Da entdecke ich, daß ich vom Spray ganz rot gefärbt bin.

Wenig später kam der Wagen zurück und brachte mir eine Hose und einen Pull-over. Darauf lädt der Fahrer mich ein, den Pfarrer dieses Ortes aufzusuchen und sagt, daß es hier in der Nähe sei. Ich verabschiedete mich von den Leuten, die mir halfen und Interesse für mich gezeigt haben. Dann steige ich in den Wagen und wir fahren ab. Da gibt sich der Chauffeur als Foto-

reporter der Illustrierten Manchete zu erkennen, als Herr Adis Mera. Ich sage ihm, daß ich Bischof von Nova Iguacu sei und füge lächelnd hinzu: "Dann nützen sie die Chance." Er antwortet, daß er jetzt aus reiner Solidarität handle und in diesem Fall nicht als Reporter, fügt er noch hinzu, daß er Spiritist sei und daß wir alle das Gute tun müssen. Beim Paca Seca erreichen wir das Pfarrhaus. Der Pfarrer öffnet nicht sofort. In diesem Augenblick kommt ein vollbesetztes Auto vorbei, ein Rural. Adis entdeckt in diesem Wagen einen Major des brasilianischen Heeres, diesem teilt er das Geschehene mit. Sie halten es für notwendig, daß ich zur Polizeiwache nach Madureira gehe um der Polizei eine Erklärung zu geben. In diesem Moment erscheint auch der Pfarrer, Pater Pedro, der mich dem Namen nach kennt, aber ihn befremdet mein Aussehen.

Ich steige in den Wagen und mit mir fahren Herr Adis und der Major Künners zum 29. Polizeirevier. Der Delegat Ronald hört mich an und meint gleich, daß es sich hier nicht um einen gewöhnlichen Überfall handle, sondern vielmehr um ein politisches Verbrechen und erklärt, daß dieser Fall der Jurisdiktion von Nova Iguacu unterliege. Es war 22,30 Uhr. Es kamen einige Patres von Nova Iguacu an, die von Laien begleitet wurden, meine Freunde. Ich schilderte die Ereignisse. Es kommen Reporter, dann erscheint ein Beamter vom DOPS (Staatssicherheitsorgan) und erklärt, daß mein Fall in den Bereich des DOPS falle. Es war schon nach Mitternacht, als wir zum DOPS fahren; zwei Beamte dieses Sicherheitsorgans, der Herr Adis, P. David Keegan von der Kathedrale und ich. Wir fahren in einem Fahrzeug des DOPS.

Beim DOPS wurde ich vom Dr. Borges Fortes befragt. Jetzt erfuhr ich auch, daß mein VW vor dem Gebäude der CNBB (Nationale Brasilianische Bischofskonferenz) explodiert war und daß man auch meinen Neffen Fernando gefunden hat, er und seine Braut waren auf dem Weg zum DOPS. Während der Befragung, in der ich den Hergang schilderte, teilte man mir mit, daß der Apostolische Nuntius mich noch sehen wolle. Da er aber nicht sofort empfangen wurde, kam er plötzlich in den Verhörsaal, um mich zu begrüßen und mir seine Solidarität auszusprechen. Darauf ging er wieder hinaus und sagte noch, daß er auf mich bis zum Schluß des Verhörs warten würde.

Drei Stunden später kamen Fernando und Pilar an. Der Delegat Dr. Borges Fortes schickte Fernando zum Hospital zur Untersuchung (Souza Aguiar). Die Aussagen der beiden sollten später gemacht werden. Meine Aussage dauerte etwa eine Stunde und dreißig Minuten und wurde auf Tonband aufgenommen. Der Delegat machte von diesen Aufnahmen eine Zusammenfassung, die ich dann las und unterzeichnete.

Nachdem ich nun meine Aussage gemacht hatte, traf ich mich mit dem Apostolischen Nuntius. Gegen 3,30 Uhr fuhren P. David, der Nuntius und ich ab. Zunächst ging es zum Gebäude der CNBB, dort traf ich den Sekretär der Brasilianischen Bischofskonferenz, D. Ivo Lorscheiter. Vor dem Gebäude der CNBB stand auch mein VW, der fast völlig zerstört war.

Wir unterhielten uns ein wenig mit D. Ivo und fuhren dann weiter zum Kolleg Santa Marcelina, auf dem Alto da Boa Vista. Dort wurden wir beim Nuntius untergebracht.

Am nächsten Morgen erhielt ich den Besuch des Kardinals D. Eugenio (Rio), des Erzbischofs von Niteroi, D. Jose Goncalves da Costa und des Weihbischofes von Rio de Janeiro, D. Eduardo Koaik. Mit D. Eduardo war ich auch zum Optiker, denn meine beiden Brillen gingen während der Entführung verloren. Darauf zog ich mich auf Einladung von D. Eugenio ins Ausbildungszentrum von Sumare zurück, um auszuruhen.

*Bischof Adriano Hypolito O.F.M.
Nova Iguacu / Brasilien*

27 Sept '76

IM NOVIZIAT -- sind im Moment 8 Novizen. 5 davon sind aus unserer Provinz. Im September ging Carlos Viana und jetzt auch Jose Dias.

P.MARTIN LAMMERS -- übernahm am 6. November sein Amt als Prälat von Obidos. Als Vertreter der Provinz war der Wize-Provinzial, P.Augustin Tepe, anwesend. NOTICIAS wünscht P.Martin in seinem neuen Amt alles Gute.

AUS ARGENTINIEN -- erreichen uns immer häufiger Nachrichten über das Verschwinden und die Ermordung von nationalen und ausländischen Ordensleuten, die in Argentinien arbeiten. 5 Priester und 2 Seminaristen wurden getötet. Der Bischof Enrique Angellelli starb bei einem Autounfall, als er aus der Provinz La Rioja, wo er eine Gedächtnisfeier für zwei getötete Priester feierte, zurückkehrte. Der Bischof wurde durch seine Verteidigung der Armen bekannt.

AUS ANLASS DER ENTFÜHRUNG -- des Bischofs Dom Adriano und seines Neffen Fernando Webering geben wir hier die "Botschaft der Kirche von Nova Iguacu an das ganze Volk" und die "Botschaft des Dankes von D.Adriano" wieder.

Mitteilung an das Volk unserer Diözese NOVA IGUACU:

In der Nacht vom 22. September wurde D.Adriano, unser Bruder und unser Hirt, entführt, geschlagen und gefesselt in Begleitung seines Neffen Fernando. Die Urheber dieses ungeheuerlichen Verbrechens sind uns sehr gut bekannt: es sind jene, die die Stimme der Kirche in der Verteidigung der Menschenrechte zum Schweigen bringen wollen.

Die Blindheit dieser Verbrecher verhindert, daß sie sehen, daß das Martyrium kein Unglück im Leben der Kirche bedeutet; im Gegenteil: das Leben für die Befreiung derjenigen, die Opfer der Ungerechtigkeit sind, hingeben, ist Teil der Wesenheit der christlichen Berufung: "Selig seid ihr, wenn sie euch schmähen und verfolgen und lügnerisch alles Böse gegen euch sagen um meinetwillen." (Mt 5, 11-12)

Der eigene Sohn Gottes wurde gefangengenommen, gefoltert und starb am Kreuz, weil er die Bescheidensten geliebt hatte. Die Altäre der Kirche stehen voller heiliger Martyrer, die Opfer der "Söhne der Dunkelheit" geworden waren, die in allen Zeiten der Unterdrückung versuchten, die "Schreie des Volkes" (Exodus 3,7) zu ersticken.

Jedermann weiß, daß in den letzten Jahren in den Ländern Lateinamerikas unzählige Christen - Laien, Ordensleute, Priester und Bischöfe - auf Grund der Gerechtigkeit verfolgt wurden. Kürzlich wurden einige Bischöfe unseres Kontinents in der Stadt Riobamba (Äquador) gefangengenommen. Diese Tatsachen zeigen, daß die Entführung und die Folterung des Bischofs D.Adriano kein isolierter Akt ist.

Diese Tatsache ist mehr noch ein Versuch, die Kirche zu zwingen, ihre eigene Aufgabe, die der Herr ihr anvertraut hat, zu verraten. Es ist nicht nur ein Akt, der nur D.Adriano berührt; das ganze Volk wurde angegriffen: die Schläge und Fußtritte auf den Bischof sind Schläge und Fußtritte auf das Volk Gottes. Aber wir dürfen diese Drohungen nicht fürchten: "Und ihr werdet gehaßt sein von allen um meines Namens willen; doch kein Haar von eurem Haupte wird verlorengehen. In eurer Standhaftigkeit werdet ihr euer Leben gewinnen (Lk 21, 17-19).

Wir richten einen Appell an alle Christen, damit sie sich mit uns im Gebet vereinigen mögen, damit der Herr uns immer den Mut erhalte, die Wahrheit zu verkünden, in der Gewißheit, daß das Kreuz der Weg zur Auferstehung ist.

Priester, Ordensleute und Laien der Diözese NOVA IGUACU und der Generalvikar.

Botschaft des Dankes:

Durch die Medien der Kommunikation, die immer wachsam in der Aufgabe sind, die Öffentlichkeit gut zu informieren, möchte ich all denen danken, die in diesen schweren Tagen Worte der Stärke und der Solidarität überbrachten.

Ich danke vor allem dem Apostolischen Nuntius, Herrn D. Carmine Rocco, der für einige Stunden an meiner Seite blieb; dem Kardinal D. Eugenio de Araujo Sales, der mir alle Hilfsmittel der Erzdiözese zur Verfügung stellte; ganz speziell dem Studienzentrum von Sumare; der brasilianischen Nationalkonferenz der Bischöfe, ihrem Sekretär D. Ivo Lorscheiter, meinen lieben Brüdern des Episkopates, den Ordensleuten und Laien der Diözese NOVA IGUACU, die sich durch die Gewalt, die an ihrem älteren Bruder begangen wurde, angegriffen fühlten, meinen Verwandten und Freunden, die viel mit mir gelitten haben. Ich danke allen in meinem Namen und im Namen der unschuldigen Opfer, die Fernando Leal Webering und Maria del Pilar Iglesias waren.

Wir haben die Gewißheit, daß die öffentlichen Autoritäten mit Dienstfertigkeit und Entschluß handeln, um den Komplott aufzudecken, der nicht nur mich persönlich, sondern auch die Nationalkonferenz der brasilianischen Bischöfe, wie auch die brasilianische Vereinigung der Presse und den Stand der Advokaten Brasiliens einschließt.

Speziellen Dank den öffentlichen Autoritäten des Staates, all die ihre Empörung gegen die mir zugefügten Gewalttaten zum Ausdruck gebracht haben.

Mein ganzer Wunsch als brasilianischer Bürger, als Christ und Bischof der Hl. Kirche ist nur, meinen Brüdern zu dienen. Aus diesem großen Wunsch des Dienens heraus habe ich gesprochen und gehandelt. Ich bin mir vollkommen sicher, daß wir eine bessere Welt aufbauen können.

Heute wie gestern und morgen stelle ich mich zum Dienst an meinen Brüdern zur Verfügung, weil ich in ihnen das Antlitz Jesu Christi sehe, dem ich dienen will.

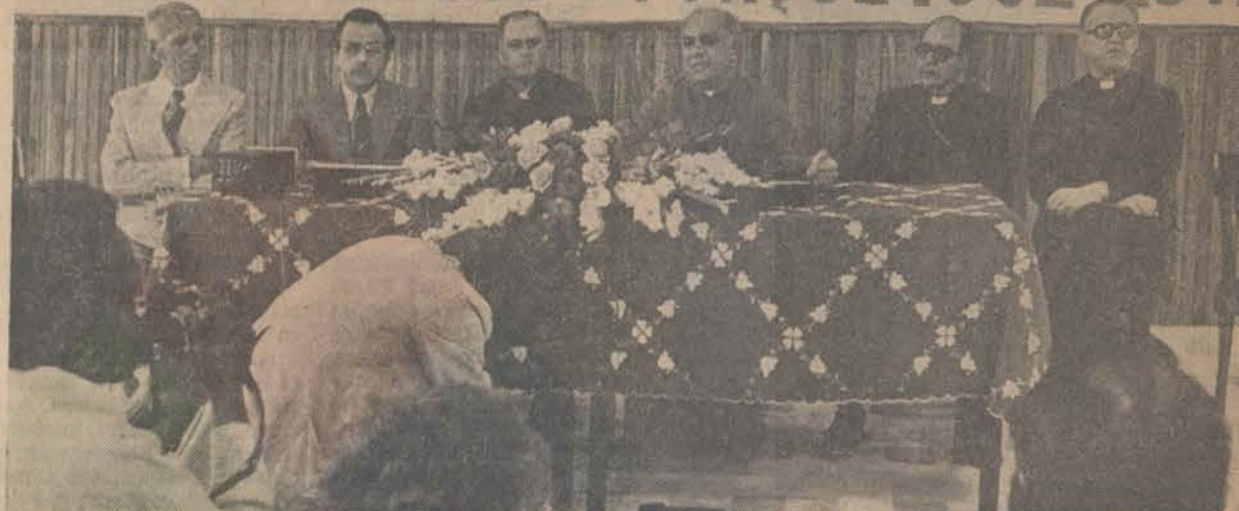
NOVA IGUACU, 27. September 1976

Dom Adriano Mandarino Hypolito

Bischof von Nova Iguacu

Übersetzung: Fr. Rainer Kröger

DOM ADRIANO TODOS NÓS ESTAMOS PORQUE VOCÊ ESTÁ



Mons Arthur Hartmann (E) e David Keegan, D Aloisio, D Adriano, D Afonso e D Ivo

Bispo relata o seqüestro e acha que o alvo era a CNBB

Durante uma hora o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, descreveu a ação de seu seqüestro, ocorrido há uma semana, afirmando que os seis homens — "naturalmente apenas os executores de um plano, bem elaborado e cronometrado" — tiveram a intenção de amedrontar e humilhar também a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Ele não acredita que o episódio tenha ligação com um suposto Esquadrão da Morte ou que seja uma vingança política, porque seu trabalho é restrito ao campo pastoral.

Estranheza

O presidente da CNBB e do Conselho Episcopal Latino-americano, Dom Aloisio Lorscheider — presente à entrevista, juntamente com o secretário-geral da Conferência, Dom Ivo Lorscheiter, e o secretário-geral do Celam, Dom Afonso Lopez Trujillo — disse que estranhou o silêncio do Governo brasileiro em não exprimir publicamente a sua solidariedade, pois esperava "que não houvesse uma discriminação".

Em seguida afirmou que "parece ridículo que a Igreja, no mundo atual, venha pedir que se tenha respeito à pessoa humana e que muitos interpretem nossa ação como uma subversão da ordem".

Detalhes

A entrevista começou às 9h55m, após Dom Adriano ter pedido que todos rezassem o Pai-Nosso e agradecido a presença da imprensa no auditório do Centro Comunitário da Diocese, e cumprimentado os elementos do DOPS e do SNI all presentes e mais os operários que estavam construindo a nova igreja local. Procurando "reconstituir da melhor maneira possível o episódio", o Bispo leu em voz firme o comunicado intitulado *Nas Mãos de Deus*, quando descreveu todos os lances, a partir das 19h do dia 23, logo após sair do gabinete na Cúria, junto com o sobrinho Fernando Leal Webering e sua noiva Maria del Pilar Iglesias, que trabalham na secretaria.

Os três, pelo relato, entraram no Volkswagen pertencente ao Bispo e tomaram a direção da Rodovia Presidente Dutra. No Km 15, notaram um Volkswagen vermelho, parado no acostamento e que em seguida passou a segui-los. "Passamos sob o viaduto que liga a Rua Roberto Silveira à Estrada de Ambai e o Bairro da Posse, seguimos até um posto de gasolina e dobramos na Rua Minas Gerais. No ponto onde esta artéria corta a Rua Gama, estava parado um carro de faróis acesos e que entrou na nossa frente. Fernando, que dirigia, continuou e num golpe de direção ultrapassou este veículo."

Os três perceberam, então, "que havia dois carros nos seguindo. Fernando observou que pareciam malucos ou estavam brigando. Entramos na Moçambique e neste momento o Volkswagen vermelho nos fechou. Paramos um instante e olhamos indignados mas logo continuamos a viagem, sem ainda perceber a situação real, pois estávamos certo de que era uma briga. Em frente à casa de

Pilar o nosso carro parou, mas aí o automóvel vermelho nos cortou pela frente e um outro pelo lado. Saltaram cinco homens. O que se dirigiu para o lado onde eu estava gritou que era um assalto e que saíssemos logo, senão atirava. Tropecei e caí, perguntando se havia feito alguma coisa.

"Com brutalidade dois homens me arrastaram e me atiraram no banco traseiro do carro deles — talvez um Corcel duas portas — agredindo-me com socos na cabeça e no corpo. Por dois ou três segundos percebi que o motorista usava óculos de lentes grossas, sem aro. O outro tinha o rosto redondo e era rude, com as faces marcadas por cicatrizes de espinhas infeccionadas. Acho que vi, ainda, Pilar parada no portão de sua casa, e na porta de uma padaria outras pessoas, também imóveis. Em seguida fui encapuzado e algemado, ao mesmo tempo em que o carro

dava a partida, podendo perceber que viraram pela Estrada do Ambai. Alguns minutos depois perdi a noção de espaço, mas sei que o carro passou por estradas asfaltadas, de paralelepípedos e de barro, sempre em alta velocidade.

Durante o trajeto o homem cortou os botões da batina do Bispo e esvaziou seus bolsos. Depois de percorrer várias estradas, o carro parou e os dois mandaram que ele saísse também.

"A primeira coisa que fizeram foi me tirar toda a roupa, deixando-me inteiramente nu. Aí então tentaram enfiar-me na boca o gargalo de uma garrafa de cachaca. Senti nos lábios o gosto e resisti. Não insistiram mas um derrou a cachaca no capuz. Senti-me asfixiar e caí no chão, estrebuchando. Pensei que ia perder os sentidos, mas aos poucos me recuperei. Eu estava deitado, no lado esquerdo do carro, num chão irregular, e ouvia passar alguns carros a pouca distância."

Advertência da AAB

"Começaram os insultos e provocações. Um homem rugia como fera. Outro disse que tinha chegado a minha hora, traidor vermelho. "Nós somos da Ação Anticomunista Brasileira e vamos tirar vingança. Depois será a hora do Bispo Calheiros de Volta Redonda e de outros traidores. Temos uma lista. Diga que é comunista, miserável". Respondi que nunca fui, não sou nem serei. O que fiz foi sempre defender o povo. Recebi novos pontapés. A certa altura notei que, a distância, alguém parecia espancar Fernando, explicando que ele não tinha culpa de nada. Um dos homens, porém, retrucou afirmando que quem ajuda comunista é comunista."

"Aí começaram a lançar spray no meu corpo e pensei que iam me queimar. Escutei alguém dizer que "era para cortar" (referindo-se aos seus órgãos genitais), mas logo depois fui levado para dentro do carro e acredito que a cena tenha durado entre 30 e 40 minutos. Novamente no banco traseiro, começou a corrida e o elemento ao meu lado

abriu as algemas, que foram substituídas por cordas, que ataram os punhos e os pés. O veículo parou e o homem puxou-me para fora com violência e com safanões me atirou na calçada."

"Nu e atado, fiquei ali até que recebi uma pancada na cabeça e em seguida me retiraram o capuz. Quando me voltei o carro tinha arancado. Pensei que estivesse em Nova Iguaçu, pois as construções eram parecidas. Depois de passar um carro, percebo três mulheres, mas preferi não fazer sinal algum, e logo depois outro veículo, que parou, saltando um rapaz. Digo que sou padre, fui assaltado e peço para me desamarrar e que consiga uma roupa. Eram cerca de 21h45m."

A partir daí o Bispo recebe socorro de um grupo de moradores, é levado à 29a. Delegacia, mas o delegado acha tratar-se de crime político e que o caso compete à Delegacia de Nova Iguaçu. Depois aparecem funcionários do DOPS, que o transferem para outro local, onde é interrogado pelo titular, Borges Fortes. Ali tem conhecimento de que o sobrinho tinha sido encontrado e estava a caminho do DOPS, com a noiva. Quase três horas depois o Bispo é liberado, seguindo para a sede da CNBB, onde estava o seu Volkswagen explodido.

Sem antecedentes

O Bispo afirmou ontem que não recebera qualquer ameaça. Não acredita que a ação tenha sido executada por elementos ligados ao Esquadrão da Morte, pois "seria logo eliminado. Houve intenção de amedrontar uma figura da Igreja e mais a CNBB, pois faz muito sentido a explosão de meu carro em frente à sede da entidade. O grupo do sequestro parecia desacostumado a andar na área da Baixada Fluminense, pois caso contrário eu seria levado para

Queimados, Morro Agudo ou Belfort Roxo, onde existem áreas desabitadas".

Afirmou, ainda, que o ato não teve conotação de vingança política, pois sua ação na comunidade é "exclusivamente pastoral. Além do mais, não teria seu desfecho em frente à CNBB. Os homens pareciam apenas os executores de um plano bem elaborado e com um cronograma a ser cumprido, porque depois de rodarem por várias estradas, pararam à espera dos cúmplices que estavam levando meu sobrinho. Lamento, apenas, que um atentado envolvendo ainda a Conferência e mais a OAB e a ABI, como ocorreu recentemente, atinjam entidades frágeis que se batem pelo direito humano."

Sobre uma possível modificação a ser feita na orientação dos fiéis de suas paróquias, em relação às próximas eleições, o Bispo assegurou que "nada mudará, pois procuramos levar o eleitor a participar da vida política e não se deixar enganar. Está em elaboração um trabalho a ser distribuído nas paróquias, dando as linhas gerais de conduta do eleitor, pois acredito que o sequestro não tenha fundo político."

"Naturalmente algumas declarações minhas incomodam — explicou — mas quem puder ler o que costumo escrever, perceberá que sempre procuro seguir uma linha racional, pedindo igualdade para todos. Se o trabalhador tem direito a um salário mínimo, acuso quem paga a este homem a metade do salário ou um terço. O povo da Baixada Fluminense é bom, é sacrificado e muito ordeiro, aprendendo a viver com sacrifício sem reclamar."

CNBB e Celam

Para o Cardeal Dom Aloisio Lorscheider o episódio "foi bom porque pudemos constatar a sua gravidade, justamente quando começa a ser realizada uma reunião de bispos do continente latino-americano. A CNBB e a Celam estão dando total apoio a Dom Adriano Hipólito, que realiza um trabalho digno e muito positivo na Baixada Fluminense, região que não é mais conhecida pela violência como ocorria há alguns anos. Um trabalho como este é interpretado negativamente, como subversão da ordem. Nossas armas são a palavra e o apelo de respeito à pessoa humana e parece-me ridículo à Igreja ter que pedir isso, neste mundo agitado."

O secretário-geral do Conselho Episcopal Latino-Americano disse que "estava trazendo a mais profunda solidariedade de todos os bispos latino-americanos a Dom Adriano Hipólito, que passou a ser mais um símbolo do que é a Igreja na América Latina. Uma Igreja que trabalha para a generosidade e para a consciência, luta pela justiça e pelo respeito integral da pessoa humana. A Igreja parece que se tornou o centro de polarização dos ataques extremistas, mas mesmo assim, um dia todos poderão perceber como toda a América Latina tem mais e mais unidade, fraternidade e progresso."

A CNBB distribuiu nota, assinada por seu presidente, Cardeal Aloisio Lorscheider, pela qual recorda a "dolorosa mas necessária sanção eclesial" com que são atingidos automaticamente aqueles que sequestraram e sequestraram o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito.

Depois de transcrever o canone da excomunhão, a nota diz que, "com toda a comunidade católica, a presidência da CNBB pede a Deus que inspire melhores sentimentos" aos autores do atentado. Observa que o canone visa tanto as injúrias físicas como aquelas contra a liberdade e dignidade do Prelado que caiu nas mãos dos terroristas.

Diz o canone 2343, § 3, pelo qual o Código de Direito Canônico aplica uma das penas máximas da Igreja Católica: "Quem praticar violência contra a pessoa de um Patriarca, Arcebispo ou Bispo, embora só titular, incorre em excomunhão *latae sententiae* (automaticamente), reservada de modo especial à Sé Apostólica".

die
us
n-
men
mo-
len
en.
je
er
ne
f-
kur-
ush
ag:
ver-
daß
chen,
rmu-
ge-
en,
eren
us-
as-
r die
Rech-
ent-
irche
n die
gar.

Milhares de fiéis e mais ^{04. Okt. 1976} de 60 Bispos compareceram à missa para Dom Adriano

Milhares de fiéis — inclusive de outras cidades — lotaram ontem a Catedral de Nova Iguaçu e ruas vizinhas para assistir e acompanhar a primeira missa celebrada pelo Bispo da Diocese local, D Adriano Hipólito, após o sequestro de que foi vítima no mês passado. O município comemorou também a Festa de São Francisco.

Mais de 60 padres e Bispos de Dioceses fluminenses e de outros Estados, além do Arcebispo do Espírito Santo, estiveram presentes. As pessoas que ficaram do lado de fora da igreja acompanharam a celebração através de um impresso mimeografado, distribuído em vários pontos da cidade.

FE

Para o Bispo de Nova Friburgo, D Clemente Isnard, "quando a Igreja não é perseguida e quando seus ministros gozam de prestígio, devemos desconfiar de que alguma coisa não anda certa". D Valdir Calheiros, que está sob proteção policial devido às ameaças que recebeu, advertiu para a afronta que o atentado representou à Igreja e seus mais de 300 bispos.

Quando D Adriano Hipólito fala em nome dos pobres — lembrou D Valdir — passa a ser considerado perigoso, porque "estremece aqueles que estão lá em cima, que são os que querem que a Igreja cuide só da parte espiritual do cristão e esqueça que a vida eterna pregada pelo Evangelho começa aqui".

A Igreja — acrescentou — não é apenas uma estrutura, mas sim a força do

amor de Deus e toda a sua atividade. Por isso mesmo tem razão de ser.

Presentes à celebração, entre outros, o Arcebispo de Vitória, D João Mota, e os Bispos de Goiás, D Tomás Balduino; de Teófilo Ottoni, em Minas Gerais, Quirino Schmitz; de Iguaçu, no Ceará, D Mauro Alarcón, e D Inácio Acioli, do Mosteiro de São Bento. O Prefeito João Batista Lubanco (Arena) fez uma oração.

O Bispo de Nova Iguaçu recebeu telegramas de 131 bispos, inclusive o das Cidades Francesas de Nanterre e Cjhlon, e mais 203 de outros religiosos e organizações leigas, além de mensagens individuais. Entre as mensagens, uma é do Conselho Mundial de Igrejas, sediado em Genebra, congregando todas as grandes igrejas do culto protestante do mundo, e da Comissão Justiça e Paz, entidade católica com sede em Roma.

Solidariedade

O texto do impresso distribuído aos fiéis antes da missa é o seguinte:

"Irmãos: aqui estamos para manifestar nossa solidariedade ao nosso irmão e pastor, Dom Adriano. Todos sabemos como, na noite do dia 22 de setembro, foi selvagemmente sequestrado, encapuzado, algemado e torturado, juntamente com seu sobrinho Fernando. Os autores deste atentado disseram que iriam fazer o mesmo com outros Bispos da Igreja. O que pretendem é atingir a posição da Igreja a favor do povo, dos pobres, dos oprimidos. Querem amedrontar e fazer calar a voz da Igreja em defesa dos direitos humanos.

"Nós, cristãos, estamos conscientes de que a Igreja não pode deixar de cumprir a missão que Cristo lhe confiou, que é pregar o Amor e a Verdade, denunciar o erro e a injustiça e lutar pelos direitos humanos. Nosso Se-

nhor foi perseguido por causa de sua pregação, e nos preveniu de que também sofreríamos perseguição. Sabemos que é da morte que nasce a vida, da cruz que vem a ressurreição. O sofrimento do nosso pastor é um sinal de que estamos no caminho certo, no caminho que Nosso Senhor viveu e pregou.

"Celebramos hoje, também, a festa de São Francisco, homem de Deus que optou pelo povo pobre, pelos pequenos e humildes, e colocou toda a sua vida a serviço deles. Também nós queremos celebrar o nosso compromisso de viver o Evangelho até o fim, de colocar nossa vida a serviço do povo e, unidos em nossas comunidades, ser cristãos, sem medo e sem desânimo, diante daqueles que querem destruir a nossa união. O Senhor é a nossa força: No mundo tereis aflições. Mas, Coragem! Eu venço o mundo."

Bib: 1. João, 02h. 76



D. Adriano:

O sequestro que comoveu o país

22-9-76

CCED



Assim ficou o Volks EB 7591, que era dirigido por Fernando Leal e levava consigo D. Adriano Hipólito, Bispo da Diocese de Nova Iguaçu. Os seqüestradores, não satisfeitos com o seqüestro, ainda explodiram o automóvel!

TODOS NÓS ESTAMOS ALEGRES PORQUE VOCÊ ESTÁ DE VOLTA



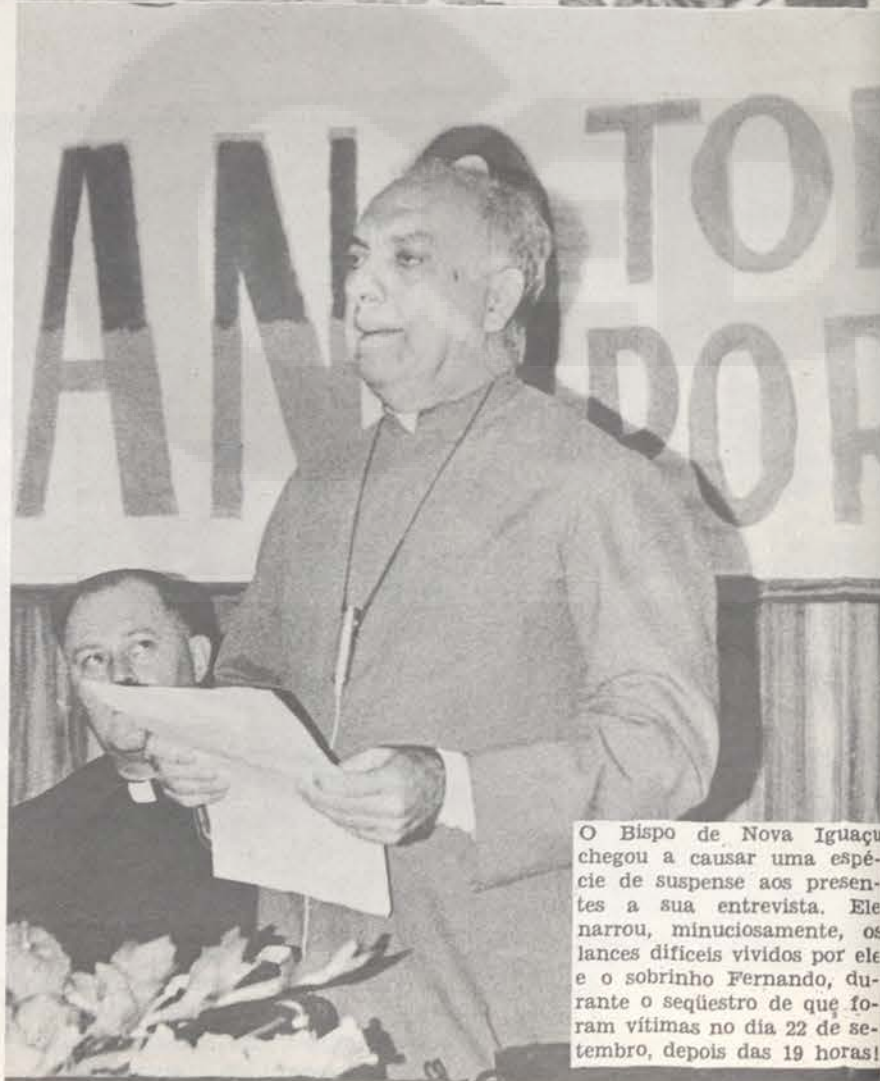
"Todos Nós Estamos Alegres Porque Você Está de Volta". Essa frase estava exposta em uma faixa enorme durante a entrevista de D. Adriano à imprensa, na sua Diocese!

Por Sandra C. Nunes
Fotos de Álvaro Portanova

— Irmãos: aqui estamos para manifestar nossa solidariedade ao nosso irmão e pastor, Dom Adriano. Todos sabemos como, na noite do dia 22 de setembro, foi selvagemmente seqüestrado, encapuçado, algemado e torturado, juntamente com seu sobrinho Fernando. Os autores deste atentado disseram que iriam fazer o mesmo com outros Bispos da Igreja. O que pretendem é atingir a posição da Igreja a favor do povo, dos pobres, dos oprimidos. Querem amedrontar e fazer calar a voz da Igreja em defesa dos direitos humanos".

"Nós, cristãos, estamos conscientes de que a Igreja não pode deixar de cumprir a missão que Cristo lhe confiou, que é pregar o Amor e a Verdade, denunciar o erro e a injustiça e lutar pelos direitos humanos. Nosso Senhor foi perseguido por causa de sua pregação, e nos preveniu de que também sofreríamos perseguição. Sabemos que é da morte que nasce a vida, da cruz que vem a ressurreição. O sofrimento do nosso pastor é um sinal de que estamos no caminho certo, no caminho que Nosso Senhor viveu e pregou.

"Celebramos hoje, também, de São Francisco, homem de Deus que optou pelo povo pobre, pelos pequenos e humildes, e colocou toda a sua vida a serviço deles. Também nós queremos celebrar o nosso compromisso de viver o Evangelho até o fim, de colocar nossa vida a serviço do povo e, unidos em nossas comunidades, ser cristãos, sem medo e sem desânimo, diante daqueles que querem destruir a nossa força: No



O Bispo de Nova Iguaçu chegou a causar uma espécie de suspense aos presentes a sua entrevista. Ele narrou, minuciosamente, os lances difíceis vividos por ele e o sobrinho Fernando, durante o seqüestro de que foram vítimas no dia 22 de setembro, depois das 19 horas!



Alegria, alegria. Tudo terminado. O resto agora ficou por conta da polícia.

mundo tereis aflições. Mas, coragem! Eu venci o mundo".

Esse texto de solidariedade foi distribuído entre milhares de fiéis, padres e Bispos de Dioceses fluminenses e de outros Estados que compareceram à primeira Missa celebrada pelo Bispo da Diocese de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito, depois de sua liberação pelo grupo que o seqüestrou.

O INÍCIO E O FIM

No dia 22 de setembro, quarta-feira, Dom Adriano trabalhou até às 19 horas, em seu gabinete, na Cúria Diocesana e a última pessoa a ser atendida foi o operário Fidélis, que tinha sido assaltado no domingo anterior e foi pedir um adiantamento em dinheiro. Depois de conversar alguns minutos com os padres Henrique e David, da Catedral de Nova Iguaçu, dirigiu-se a seu Volks (EB 7591), onde o aguardavam o sobrinho Fernando Leal Webering e a noiva deste, Maria del Pilar Iglesias. Tomaram o caminho de hábito e seguiram para o Parque Flora, onde reside. A moça, conforme fazia todos os dias, aproveitava a carona e ficava em sua casa, na Rua Paraguaçu. O carro entrou na rodovia Presidente Dutra e pouco depois do Km 15, em direção a São Paulo, Fernando, que o dirigia, teve que mantê-lo

no acostamento porque um caminhão passou em alta velocidade. Naquele ponto estava estacionado um Volks vermelho, que inclusive chegou a atrapalhar a volta à pista do veículo em que o bispo viajava. Pelo que observou, o Volks passou a segui-los.

Passado o viaduto que liga a Rua Roberto Silveira à Estrada de Ambaí e o bairro da Posse, Fernando, para evitar um cruzamento perigoso na Praça da Posse, seguiu até o posto de gasolina e dobrou à direita pela Rua Minas Gerais, como vinha fazendo há alguns meses. Na esquina das Ruas Minas Gerais com Gama, lado esquerdo, estava parado um carro com os faróis acesos, que procurou avançar com rapidez na frente do veículo ocupado pelos três. No entanto, o rapaz foi mais rápido e chegou a ser repreendido pelo tio. O Volks do bispo entrou na Rua Gama e a seguir na Dona Benedita. Nessa altura, dois carros o seguiam. Fernando disse que "pareciam estar malucos ou então brigando" e o tio respondeu para ele apressar mais "para não se envolverem na briga". Fernando Leal acelerou o carro e entrou na Rua Moçambique, ocasião em que foram fechados por um Volks vermelho, mas foi possível continuar a viagem. Aquela altura ainda não tinham percebido a situação real.

DESCERAM ARMADOS

Seguiram normalmente pela Rua Moçambique, uma ladeira curta, e no topo dobraram à direita para a Rua Paraguaçu, onde mora Maria, numa das casas do final, pouco antes de se atingir a Estrada do Ambaí. O bispo conta que pediu a Fernando para encostar bem junto ao meio-fio para que a moça pudesse saltar e os "briguentos" passassem sem incomodar. Aproximadamente cinco metros antes do portão da casa da noiva de Fernando, o "Fusca" vermelho cortou o carro pelo lado, saltando cinco ou seis homens armados de pistolas, fazendo ameaças. Do lado do bispo um gritou: "É um assalto. Saia logo senão atiro". Como o bispo hesitasse, tentando entender aquilo tudo, a porta foi aberta com violência e puxaram-no, fazendo tropeçar e cair. Dom Hipólito ainda perguntou: "Meu irmão, o que foi que eu lhe fiz?".

SEMPRE AGREDIDO

Com brutalidade, dois homens arrastaram o bispo e o atiraram no banco traseiro do carro deles, com pancadas na cabeça para que ele se abaixasse. Ao entrar Dom Adriano conseguiu ver que o homem que estava ao volante usava óculos quadrados sem aro, e o outro tinha o rosto redondo e rude, com as faces marcadas por cicatrizes de es-

O sequestro que comoveu o país

pinhas infeccionadas. Nos oito ou dez minutos da ação do seqüestro, Maria conseguiu fugir abaixando o corpo e ainda chegou a ficar imóvel no portão de sua casa, entrando em seguida. Numa padaria que fica logo depois da casa da moça, algumas pessoas assistiram a tudo, imóveis.

O homem de rosto rude começou a espancar o bispo para que não levantasse o corpo e em seguida colocou um capuz de fazenda grossa em sua cabeça, amarrando-o. Dom Adriano ainda conseguiu ver as algemas escuras (seria ferrugem), que instantes depois lhe eram colocadas — um pouco afastadas do pulso, de maneira irregular — e o carro, arrancando com violência, seguiu com destino à Estrada de Ambaí. A hora seria entre 19h30min e 19h45min, segundo o bispo. Sempre que lhe batia, o estranho dizia palavrões. Depois de alguns minutos, dando voltas com o carro e fazendo Dom Adriano perder a noção do tempo e impedindo que identificasse os lugares por onde passavam — ele pensava ser na Baixada —, andaram em estradas asfaltadas, ruas com paralelepípedos e estradas de barro. O bispo só recorda ter ouvido um homem dizer ao outro que

"aquele serviço iria render quatro milhas".

Mesmo com o carro em movimento, o homem começou a apalpar o bispo, à procura de carteira. Não encontrando nada, passou a cortar os botões da batina, um a um, descobrindo os bolsos e esvaziando-os. Num deles, estavam os lenços, óculos e um terço. No outro, a agenda de bolso, documentos e algum dinheiro. Aproveitou e arrebatoou sua pulseira de prata, retirando o relógio.

Depois de três paradas rápidas, os homens pararam novamente e dizendo palavrões mandaram que Dom Adriano descesse. Em seguida o deixaram inteiramente nu. Tentaram enfiar na boca do bispo o gargalo de uma garrafa de "cachaça" mas ele resistiu, e não houve insistência, mas um deles derramou o líquido sobre o capuz, chegando a asfixiá-lo. Caiu no chão e recuperou-se logo em seguida. Dom Adriano conta que estava deitado num terreno irregular com pedras e gravetos e, a cerca de no máximo 100 metros, ouvia-se o barulho de motor de carro. Os dois homens começaram os insultos e provocações, e enquanto um rugia, o outro dizia ao bispo: "Chegou a tua hora miserável, traidor vermelho. Nós somos

Ação (o bispo não se recorda se disseram ação, aliança ou comando) anti-comunista brasileira e vamos tirar vingança".

"Você é um comunista traidor. Chegou a hora da vingança para você, depois é a hora do bispo Calheiros, de Volta Redonda, e de outros traidores. Temos a lista dos traidores". Em seguida, disseram: "Diga que é comunista, miserável". O bispo respondeu que nunca fora, não é e jamais será comunista. O que faz é defender o povo. Como resposta, davam-lhe pontapés.

Não muito distante, o bispo ouvia a voz do sobrinho, que gritava: "Não façam isso comigo, eu não fiz nada." O bispo diz que teve a impressão de que estavam batendo no rapz e resolveu pedir para que o deixassem em paz porque não tinha culpa de nada, e um dos homens respondeu que "quem ajuda comunista é comunista". Dito isto, começaram a lançar um spray em seu rosto, fazendo-o pensar que seria queimado. Um homem disse que era "para cortar" e outro disse duas vezes que o "chefe deu ordens para não matar. Você não vai morrer não. É só para aprender a deixar de ser comunista". Depois de 30

Na hora da solenidade que culminou com uma entrevista coletiva, D. Adriano recebeu muitas solidariedades!



Depois da entrevista à imprensa na Diocese de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito se mostrava alegre e confiante no trabalho de apuração feito pelas autoridades policiais!

a 40 minutos naquele local, o bispo recebeu ordem para entrar no carro. In-
teiramente nu e sendo agredido constan-
tamente. Dom Adriano percebeu que
o homem que agora estava no volante
tinha voz fanhosa e o outro dava gritos
selvagens, ao mesmo tempo em que ti-
rava as algemas do bispo, amarrando-o
depois com uma corda, nas mãos e tor-
nozelos. Andando cerca de uma hora,
em alta velocidade, o carro passou por
locais habitados, pois o bispo ouviu la-
tidos de cães e vozes de crianças, e
vez ou outra, um dos homens colocava
sobre seu corpo tiras da batina, até que
chegaram no ponto em que mais tarde
saberia ser a Rua Japurá, em Jacarepa-
guá. O bispo foi puxado para fora do
carro com violência e quando ficou no
estribo do carro, recebeu uma violenta
pancada na cabeça. Depois de passar
um veículo pesado na rua, o capuz foi
tirado com violência e quando o Volks
arrancava, Dom Adriano conseguiu ver
que sua cor era vermelha. Depois de
encontrado pelo fotógrafo Adir Mera,
foi levado à paróquia da Praça Seca e,
já com roupas, conduzido até à 29.^a
D. P., e de lá para a Delegacia de Poli-
cia Política. O bispo ficou duas ho-
ras ou mais em poder dos seqüestra-
dores e minutos depois dele ser deixa-
do em Jacarepaguá, seu sobrinho era
deixado na Estrada do Catonho, tam-
bém nu e amarrado, levado em seu pró-
prio carro, que mais tarde seria explo-
dido de frente ao prédio da CNBB, no
Largo da Glória.



Reunido com jornalistas do Rio de Janeiro e de outros Estados, na
presença também de vários Bispos, D. Adriano narrou os lances do
seu seqüestro!

ENCADERNAÇÃO ALEX
A. OLIVEIRA & CIA. LTDA.

ENCADERNAÇÃO E DOURAÇÃO SIMPLES
E DE LUXO, REVISTAS, LIVROS, JORNAIS E
DOCUMENTOS EM GERAL

PASTAS
CARTÃO, PERCALINE, PLÁSTICOS
E COURO
EM TODOS OS FORMATOS

Loja: RUA RODRIGO SILVA, 34-A - S/102 - TEL. 231-0557
Oficina: Rua Tacaratú, 144 - Tel. 390-8452
Rio de Janeiro - RJ.

sergil
engenharia ltda.

- * ESTUDOS DE VIABILIDADES E CONSULTORIA
- * PROJETOS DE ENGENHARIA
- * ORÇAMENTOS
- * EXECUÇÃO E ADMINISTRAÇÃO DE OBRAS

TEL. 252-8482
AV. RIO BRANCO, 108 - GR. 101/103/105
RIO DE JANEIRO RJ

1976

Celam condena seqüestro

28 ABRIL 1976 3

Bogotá — A Conferência
Episcopal Latino-Americana
(Celam), com sede nesta
Capital, condenou em
comunicado o seqüestro de
que foi vítima o Bispo de
Nova Iguaçu, Dom Adriano
Hipólito.

A nota expressa "profunda
solidariedade" da Celam
à Conferência Nacional dos
Bispos do Brasil (CNBB), à
Igreja de Nova Iguaçu e ao
seu Bispo em vista do "in-
qualificável atentado ter-
rorista de que foi alvo".

DOS MARIANOS

No Rio, em nome de seus
mais de 15 mil congregados,
a Confederação Nacional
das Congregações Marianas
do Brasil enviou mensagem
a Dom Adriano Hipólito re-
pellindo "a torpe agressão
física e moral de que foi vi-
tima por levantar sua voz
de pastor em defesa dos po-
bres e da moral da família
brasileira".

SOBRINHO DEPOE

O delegado Borges Fortes,
do Departamento de Poli-
cia Política e Social, vai ou-
vir hoje o Sr Fernando We-
bereng sobrinho de Dom
Hipólito e com ele seques-
trado. O exame de corpo
delito de Fernando foi feito
na residência do Cardeal
Eugênio Salles, onde ele se
acha hospedado, em com-
panhia do Bispo de Nova
Iguaçu.

28. Okt. 1976

Caderno

Cardeal sabe quase tudo do seqüestro

O Cardeal D Eugênio Sales deu a entender, ontem, que já sabe o nome dos sequestradores do Bispo D Adriano Hipólito, pois "fui informado por uma determinada autoridade da procedência das pessoas responsáveis pelo atentado". Como alguém insistisse em relação aos nomes, D Eugênio comentou: "Soube disso por telefone e por telefone não se diz tudo."

O Ministro da Justiça, Armando Falcão, comunicou, ontem, ao Cardeal Eugênio Sales, durante a cerimônia em homenagem aos mortos da Intentona Comunista de 1935, na Praia Vermelha, que o Padre Florentino Maboni, que estava preso em Belém do Pará, foi solto na última sexta-feira.

O Cardeal disse que não sabe do estado de saúde do sacerdote, "porque ainda não entrei em contato com Belém para conhecer maiores detalhes". Os motivos da prisão, disse D Eugênio, "são problemas internos da Prelazia". Preso em São Geraldo, no Araguaia, o Padre Maboni ficou 17 dias à disposição da Polícia Militar do Pará.

29. Okt. 1976

“Nisi granum” ...

Tristão de Athayde

Continuam soltos os sequestradores do Bispo D Adriano Hipólito. Continuam ignorados os lançadores de bombas na ABI, na CNBB, na OAB, e numa escola paulista de Estudos Sociais, confessadamente jogadas por uma misteriosa Ação Anticomunista. E se multiplicam, ao mesmo tempo, os assassinatos cometidos por aqueles, cuja função é precisamente combater a criminalidade. Os mais bárbaros e mais recentes são, sem dúvida, os praticados em Mato Grosso. Dois deles contra missionários, o salesiano Rudolf Lunkenheim, e o jesuíta nosso patricio João Bosco Penido Burnier. Essa série de crimes, cometidos pelas forças chamadas “da ordem” ou por latifundiários e agentes de grandes empresas, empenhadas em destruir os indígenas e desapropriar pequenos posseiros, mostra como há, realmente, alguma coisa de podre em nossa ordem social vigente. Contra ela, no mundo de hoje, se levantam duas grandes forças. Uma, em nome de novas forças militares e tecnocráticas, concentradas em estruturas rígidas de Poder, nos Estados totalitários comunistas. A experiência, de mais de meio século de socialismo no Poder, na Rússia, no Oriente europeu, na China ou em Cuba, nos vem mostrando que a Força, quando apenas muda de mãos, mesmo que mude também de classes, como nesses países, mas sem o devido respeito pela liberdade e pelos direitos de cada ser humano, anteriores e superiores aos de qualquer Partido político ou instituição estatal — quando isso acontece os males continuam os mesmos. A liberdade continua a ser espezinhada. A repressão policial continua a ser implacável. Os direitos pessoais continuam a ser desconhecidos. A imprensa continua a ser esmagada pela censura. Em suma, terá sido desperdiçada uma revolução a mais. E o ceticismo, que tal fato comunica, é tão grave como o ceticismo daqueles que se conformam com as injustiças capitalistas vigentes, como a opressão dos fracos pelos fortes, dos pobres pelos ricos, dos governados pelos governantes, sob pretexto de que esses males “são inevitáveis”.

A outra força que se levanta contra esses males e os erros de

uma sociedade capitalista, baseada apenas na liberdade dos interesses econômicos e não nas exigências de uma justiça distributiva, que limite essa liberdade *individualista*, para garantir uma equidade coletiva maior, na repartição dos bens materiais e na garantia dos direitos pessoais — essa outra força é precisamente aquela que está sendo atualmente vítima dos atentados e assassinatos, que vêm revoltando a opinião pública nacional, ainda não anestesiada pelo ceticismo conformista. O frio assassinato desses dois santos missionários e as ameaças lançadas diariamente contra outros, como o Padre Schneider, S. J., o Padre Kauling, S. J., e o grande Bispo D Pedro Casaldáliga, da prelazia de São Félix, bem mostram como há toda uma conspiração organizada para atemorizar a ação da Igreja, em defesa daqueles que não têm voz nem voz. Quando D Pedro Casaldáliga (há tempos ameaçado da mesma expulsão do Brasil, de que foi vítima o missionário francês Padre Gentel, pelas mesmas “culpas”), foi à delegacia local de polícia, acompanhado do Padre João Bosco, foram defender duas pobres mulheres torturadas e indefesas. Não se tratava, porém, de uma atitude isolada. Era a expressão de uma retomada da missão imemorial da Igreja, em sua função específica. Como disse tão bem o comunicado da Diretoria Nacional dos Religiosos do Brasil: “A Igreja esteve não raro, no Brasil e no mundo, vinculada ao Poder, privilegiada pelos grandes. Seu recente esforço para continuar a missão de Jesus Cristo, numa linha de proximidade ao Homem e aos pequenos dentre os homens, é que torna vulnerável essa Igreja, antes quase inatingível. Ela se faz participante do destino dos pobres. É perseguida como eles. Morre como eles... A morte de Padre Burnier, mártir da caridade, é fruto fecundo deste processo de crescimento interno da Igreja... Essa morte vivida nos questiona a todos, Grandes e pequenos. Ricos e pobres. Governo e Igreja”.

Nessa mesma linha é que vêm atuando, há muito, D Hélder Câmara, em sua diocese e tantos outros nas deles. E, por isso, são frequentemente vilipendiados aqui ou

expulsos de um país vizinho, como Dom Padim e Dom Fracoso, pois as forças demoníacas ou humanas que aqui desconhecem a justiça, não atuam apenas entre nós.

Na Argentina, já se conta por mais de uma quinzena o número de sacerdotes presos ou assassinados, por “pregarem idéias esquerdistas”. Pois a onda reacionária, que ultimamente vem assumindo o Poder na América Latina, escolheu a Igreja como seu alvo predileto. Em vez de nela ver, como devia, o maior reduto, não para substituir um tipo de injustiça social *individualista*, por outro tipo de injustiça social *coletivista*, e sim o da defesa dos princípios eternos de liberdade e de justiça, tanto pelos leigos como pelos sacerdotes. Ainda há dias o advogado Sobral Pinto, bravo entre os bravos, dizia em São Paulo: “É o que está acontecendo no Brasil: sob o pretexto de se vencer o comunismo, na realidade se implantou no país uma ditadura férrea, uma ditadura que não tem nem ao menos a coragem de se apresentar como tal, como acontece em outras nações. É uma ditadura que procura disfarçar, como democracia, um regime onde só há um Poder, o Executivo”. (cf. *Folha de São Paulo*, 15/10/76). Quanto ao assassinato desses dois últimos mártires da Fé e os sofrimentos e perseguições de que está sendo vítima a Igreja, isso só consegue demonstrar que a única alternativa, para os regimes de Força e de Privilégio, é a ação lenta e pertinaz, contra todas as formas de injustiça e de perseguição. Como escreveu um jovem dominicano, Ivo Lesbaupin, ainda na Penitenciária Regional de Presidente Wenceslau, em maio de 1973: “A perseguição grassa. O clima é de angústia e preocupação. A incerteza paira no ar. No meio da tribulação, porém, há uma esperança, mais forte do que qualquer sofrimento, uma certeza que firma e anima os cristãos, pois, como diz o Apocalipse (I, 17-18): “Não temas nada, sou eu, o Primeiro e o Último, o que Vive. Estive morto e eis-me aqui vivo, pelos séculos dos séculos. Tenho as chaves da morte e da região dos mortos” (Ivo Lesbaupin. *A Bem-Aventura dos Oprimidos*. Ed. Vozes, 1975, pg. 94).

Dom Adriano faz 10 anos em N. Iguaçu

Dom Adriano Mandarino Hypólito será homenageado hoje, pelo transcurso do primeiro decênio como bispo da Diocese de Nova Iguaçu, com missa que será concelebrada, às 17h, na Catedral de Santo Antônio naquela cidade.

Todas as comunidades de base e movimentos da Diocese, ao todo 80 representantes oficiais, devem participar da solenidade religiosa, que se prolongará com exposição de painéis, alguns trabalhos de padres e fiéis sobre temas religiosos.

5. Dez. 1976

Nova Iguaçu faz manifesto para saber o que se apurou do seqüestro de D Adriano

O Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, recebeu ontem, antes de embarcar para a Alemanha, um manifesto da população de Nova Iguaçu, para ser encaminhado ao Ministro da Justiça, com pedido de informações sobre o andamento das diligências que apuram o seqüestro, espancamento e tortura do religioso, em setembro.

O documento pede, ainda, providências contra os crimes que vêm sendo cometidos diariamente, e criam um clima de insegurança para a população da Baixada Fluminense, cujos criminosos, segundo Dom Adriano, "estão cada vez mais ousados. E o mais grave é a repercussão social que a impunidade" traz.

VIAGEM

Dom Adriano Hipólito foi para a Alemanha a convite da Ação Episcopal Adveniat dos Católicos Alemães, onde vai fazer palestra sobre o tema Saturação do Povo e os Trabalhos da Igreja em Nova Iguaçu e apresentar projetos de cursos, construção e melhoramentos de prédios da diocese e a situação religiosa do Município.

A Ação Adveniat dos Católicos Alemães está angariando donativos para custear obras religiosas na América Latina, e Dom Adriano que ficará três semanas na Alemanha, vai

mostrar o andamento de algumas obras já custeadas pelo movimento, como a Casa Paroquial de Vila Cava, em Nova Iguaçu, o Salão Paroquial da Igreja de Olinda, em Nilópolis e a Casa de Oração, em Nova Iguaçu.

O manifesto popular foi entregue ao Bispo ao final da missa de domingo, em homenagem aos seus 10 anos à frente da diocese do Município, e Dom Adriano manifestou-se preocupado com a criminalidade, "não pessoalmente, mas com o povo à mercê dos criminosos. Que a impunidade não sirva de incentivo para crimes maiores".

7. Dez. 1976

Nova Iguaçu reza com seu Bispo e pede segurança

Ao final da missa em que comemorou 10 anos à frente da diocese de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito recebeu um manifesto da população, dirigido ao Ministro da Justiça, em que se pedem informações sobre o andamento das diligências que apuram o sequestro e espancamento do religioso, em setembro, além de providências contra a criminalidade na Baixada fluminense.

Hoje, Dom Adriano segue para a Alemanha, onde fará palestra sobre a *Situação do Povo e os Trabalhos da Igreja em Nova Iguaçu*, durante a reunião da ação Adveniat dos Católicos Alemães, que nessa época do ano angaria donativos para custear obras religiosas na América Latina. O Bispo deverá permanecer na Alemanha durante três semanas.

Missa

A missa foi celebrada por Dom Adriano e os 68 padres da Baixada e leigos. No início os leigos leram mensagem explicando o sentido do ato religioso e afirmando:

"Nesses 10 anos de pastor, Dom Adriano não se cansou de falar e agir para abrir os olhos de todos face à grave situação de insegurança de tantos de nossos irmãos subnutridos, sem recursos para a saúde e para a educação, e instrução, expostos à violência e à exploração. Por causa de sua pregação foi torturado, injuriado, abandonado nu e algemado na via pública, mas seu martírio deu mais vigor à sua palavra e apelos à luta e união contra as injustiças. Estreitou nossa união, aumentou nossa fé, encorajou a todos na defesa dos que, na Baixada Fluminense, não têm vez nem voz. Esta nossa celebração de ação de graça é também um sinal, uma prova e testemunho público de que estamos de acordo com nosso bispo".

Dom Adriano disse em seguida que "o mundo contém a presença do bem e do mal. O Evangelho fala de um campo onde foram semeadas a boa e a má semente. Há filhos da luz que recebem a mensagem da salvação e há filhos das trevas que se recusam a recebê-la. A divisão entre o bem e o mal passa pelo coração de cada um de nós. Por isso temos necessidade constante de conversão, de deixar o Espírito Santo ir expulsando as traves que ainda há em nós."

Polícia já sabe como seriam

IGREJA — 19

os seqüestradores do Bispo



Primaz busca a verdade das torturas

Salvador — "O que interessa é a busca da verdade, pois a falta da verdade não interessa nem à Igreja nem ao Governo", disse o Cardeal-Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, D. Avelar Brandão Vilela, a respeito da nota do Ministro da Justiça sobre o documento da Pastoral da Terra da CNBB, que denunciou torturas contra o Padre Florentino Maboni, no Pará.

D. Avelar não fez mais comentários, porque não dispõe, "ainda", de elementos para dizer se a nota do Ministério da Justiça está refletindo os fatos ou se o Padre foi realmente torturado conforme afirma o documento da Pastoral".

O Primaz do Brasil explicou que a Comissão Pastoral da Terra não é rigorosamente da CNBB. "E eu desconheço os documentos e fatos em que ela se baseou nos episódios do Araguaia. Não assumo em bloco suas decisões. Reservome o direito de analisar as coisas. É muito desagradável o que está ocorrendo. Por enquanto, porém, não tenho condições de me pronunciar com segurança. O assunto merece ser esclarecido".

Em Porto Alegre, o Padre Augusto Dalvit, secretário para assuntos de imprensa da Regional Sul da CNBB, afirmou que a Igreja não foi atingida pela nota do Ministério da Justiça.

"O que houve" — afirmou — foi um equívoco cometido pelo Governo, já que o Conselho Indigenista Missionário, a quem está vinculada a Comissão Pastoral da Terra, é um organismo autônomo, independente da CNBB. Assim, o relacionamento de cúpulas entre a Igreja e o Governo não ficará afetado".

Explicou que o Presidente da CNBB, Dom Aloisio Lorscheider, não se pronunciou sobre a nota porque não conhece o documento da Pastoral na íntegra, "e o fato de ter sido publicado por representantes da Igreja não significa que não se possa errar ou acertar".

Em Belo Horizonte, o Arcebispo Dom João Resende Costa afirmou que não quer julgar as palavras do Ministro Armando Falcão, "pois ele é responsável pelo que disse perante a consciência nacional". E lembrou que a "voz da Igreja, quando se levanta, o faz não para condenar os homens, mas para condenar seus erros".

Em nota comemorativa ao 28.º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, Dom João Resende Costa diz que "há ainda, infelizmente, muitas falhas, em todas as partes do mundo, quanto ao respeito aos direitos. E é dever de todos trabalhar para que esse respeito se realize em plenitude".

Quatro dias depois da explosão no depósito da Editora Civilização Brasileira e dois meses e meio depois do sequestro do Bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito, a Secretaria de Segurança Pública distribuiu três desenhos (retrato falado) de possíveis sequestradores do prelado.

Entre o início da escalada terrorista, com uma bomba na ABI em 19 de agosto e a descoberta de outra na Ordem dos Advogados, os terroristas explodiram o automóvel do bispo sequestrado, lançaram uma bomba na residência do Sr. Roberto Marinho, destruíram cinco carros na Zona Sul, e danificaram, com bombas, a Xtal do Brasil (empresa do Brigadeiro João Paulo Bournier) e a sede do semanário Opinião.

Ontem, acompanhando os desenhos, os jornais receberam a seguinte nota em papel timbrado da Secretaria de Segurança Pública:

"A SSP prossegue, através do Departamento de Polícia Política e Social do DGIE,

nas investigações para apurar os atentados a bomba, praticados na cidade, a partir de 19 de agosto deste ano, bem assim, o sequestro de D. Adriano Hipólito e do seu motorista. Apesar das dificuldades da apuração de fatos dessa natureza, lograram as autoridades, após persistentes trabalhos investigatórios, elaborar três "retratos falados" de participantes do referido sequestro. Estão sendo realizadas diligências para o levantamento da identidade dos retratados".

O Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Eugênio de Araújo Sales, revelou no final da cerimônia junto ao túmulo das vítimas da Intentona Comunista (27 de novembro), que fora informado sobre a identidade dos sequestradores de D. Adriano Hipólito, e embora não quisesse adiantar mais nada.

Ante a insistência de repórteres, já que na solenidade também estava o Ministro da Justiça, o Cardeal acrescentou que recebera a informação por telefone.

Brasilien: Verkappte Verfolgung der Kirche ... 3/1/72/11

Die Entführung des sechzigjährigen brasilianischen Bischofs Adriano Hypólito, die im September 1976 weltweit für Schlagzeilen sorgte, geht eindeutig auf das Konto rechtsradikaler Militärs in diesem lateinamerikanischen Staat. Der Bischof aus dem Franziskanerorden erklärte in der katholischen Bildungsstätte Haus Ohrbeck in Georgsmarienhütte die Rekonstruktion des Weges, den seine Entführer seinerzeit einschlugen, habe ergeben, daß die bezahlten Verbrecher, obwohl ihnen alle Wege offenstanden, mit ihm in den Kasernenbezirk von Nova Iguaçu gefahren seien. „Das hätten sie nie getan, wenn sie nicht von dort Rückendeckung gehabt hätten“, sagte der Bischof. Selbst der örtliche Polizeichef habe zugegeben, daß die Entführung, bei der Hypólito schwer mißhandelt wurde, von Militärs geplant und bezahlt worden sei. Auf das Verhältnis der brasilianischen Kirche zu den Machthabern angesprochen, erklärte der Bischof, man erlebe derzeit eine verkappte Verfolgung. Erstmals in der Geschichte des Landes müßten 400 ausländische Geistliche lange auf eine Einreisegenehmigung warten. Dies sei ein Racheakt und eine Antwort der Regierung auf das zunehmende Engagement der Kirche für die Armen und Rechtlosen im Lande. „Wer bei uns für die Armen und Rechtlosen eintritt, gilt bei den Militärbehörden als kommunistisch und subversiv.“ Wie groß die Willkür der Behörden gegenüber der Bevölkerung ist, erläuterte Hypólito in einem anderen Beispiel. Allein in diesem Jahr seien in seinem Bistum 300 Morde begangen worden, zu denen die Behörden schwiegen. „Diese Toten sind Opfer der Leute, die auch meine Entführung geplant haben.“ Da die ganze Bevölkerung in großer Unsicherheit lebe, habe er es auch abgelehnt, für sich eine Leibwache stellen zu lassen, obwohl er bereits mehrere Drohbriefe bekommen habe. An eine Besserung der jetzigen Situation glaubt Bischof Hypólito nach vierzehn Jahren Diktatur in seinem Lande nicht. Dennoch habe diese Entwicklung auch etwas Gutes: Nie zuvor sei die Kirche in Brasilien so einig gewesen, habe sie so geschlossen hinter den Mittellosen und Entrechteten gestanden.

Zugunsten brasilianischer Landarbeiter

Das brasilianische Erzbistum São Luís do Maranhão, gibt seinen Grundbesitz in ländlichen Gebieten auf. Neue Eigentümer werden Landarbeiter, die dort wohnen und das Land bisher auch bearbeitet haben. Es wird ihnen durch einen Eintrag in das staatliche Grundstücksregister übereignet. Andere Diözesen des Landes haben angekündigt, daß sie in ähnlicher Weise verfahren wollen.

Im Geist von Medellín?

Vom 12. bis zum 28. Oktober dieses Jahres soll in Puebla de los Angeles (Mexiko) die dritte Vollversammlung der Bischöfe Lateinamerikas (CELAM) stattfinden. Sie steht unter dem Thema „Die Evangelisierung Lateinamerikas heute und morgen“. Die Vorbereitungen sind in vollem Gange. Nachdem ein vorbereitendes Studiendokument an alle Teilnehmer versandt worden war, trafen teilweise sehr kritische Kommentare ein. Theologengruppen und einzelne Bischöfe vertraten die Auffassung, daß das Dokument „den Geist von Medellín“ vermissen lasse. Die zweite CELAM-Konferenz von Medellín im Jahre 1968 hatte unter anderem gegen die in weiten Teilen Lateinamerikas herrschende Unterdrückung des Volkes und der Kirche durch totalitäre Staatsführungen Stellung bezogen. Es wird nun befürchtet, daß die Konferenz in Puebla derartige Beschlüsse revidieren könnte. Die Herder-Korrespondenz zitierte in ihrem Mai-Heft eine Reihe von Stimmen aus Lateinamerika. Die überwiegende Reaktion auf den bisherigen Stand der Vorbereitungen fällt danach negativ aus. So sagte zum Beispiel Bischof Roaño von Riobamba (Ecuador) in einem Interview: „Es scheint die klare Absicht zu geben, den Wert der Theologie der Befreiung zu schmälern... Ich persönlich fürchte, daß die dritte Generalversammlung die Theologie der Befreiung auf subtile Weise — sie kann keine Konfrontation mit Medellín werden — zu schwächen versuchen wird. Es wäre eine negative Antwort auf die Hoffnungen des lateinamerikanischen Volkes.“ 28-5-72 66

Dann Adriano Hipolito, Sr
Nova Squaca

↳ Weitere Gewaltanwendungen
und Drohungen.

**INSTITUT für
BRASILLENKUNDE e. V.**

INSTITUTO DE BRASIOLOGIA

 4532 METTINGEN
 SUNDERSTR. 15
 TELEFON 05452/2358

Meldung: Dom Adriano

Dom Adriano Hypolito, Bischof von Nova Iguaçu, in der Bannmeile von Rio de Janeiro, wird seit der Karwoche massiv von Gewalttaten rechtsradikaler Kreise bedroht. Am 22. September 1976 von den gleichen Kräften entführt und zusammengeschlagen, sieht er sich jetzt wieder Parolen ausgesetzt wie "Der Bischof von Nova Iguaçu hat die Lektion nicht kapiert" oder "Will er seinen Mund nicht halten, landet er im Hospital." Ein Informant aus den der harten Linie der Militärs nahestehenden Kreisen verwies sogar auf Beobachtung und Verfolgung durch Hubschraubereinsatz. Einige Mitglieder der "Diözesan-Kommission für Gerechtigkeit und Frieden" werden ebenfalls verfolgt.

In einem Schreiben an den Bundesjustizminister Falcão vom 27. März 1978 analysiert die Kommission die Lage der Bannmeile Rios: "Die Diözesan-Kommission für Gerechtigkeit und Frieden" möchte auf die Brutalisierung des Verbrechens in der so wichtigen aber auch leid-geprüften Region des Landes hinweisen, in der die Unsicherheit aller, in einem Klima der Gewalt, hervorgerufen durch polizeiliche Willkür, einen Spannungszustand von Unterdrückung, Furcht und Angst bei den meisten hier lebenden Menschen erzeugt, obwohl sie nur ihrer Arbeit ordnungsgemäß nachgehen und sich deshalb darauf verlassen möchten, daß die für die Sicherheit verantwortlichen Behörden Voraussetzungen schaffen, damit das gemeinsame Zusammenleben unter dem Primat des Friedens und der Gerechtigkeit möglich wird."

Von Januar bis März wurden 95 Menschen auf bestialische Weise umgebracht. An den Leichnamen waren Glieder verstümmelt. Folterspuren und die Spuren von Handschellen konnten deutlich erkannt werden. Wer ist für diese Morde verantwortlich? Gerade die Folterspuren und die Male der Handschellen wiesen auf Zusammenhänge mit der berüchtigten "Todesschwadron" hin. Die örtlichen und überörtlichen Zeitungen verweisen auf unkontrollierte Parallelkräfte zur Regierung.

Das Schreiben an den Bundesjustizminister, das auch an den Gouverneur und den Staatssekretär für Sicherheit des Staates Rio ging, nennt auch einige Gründe für das allgemeine Ansteigen der Kriminalität: Wir wissen, daß die Bannmeile Rios der Zufluchtsort wirtschaftlicher Randexistenzen Brasiliens ist. Um zu überleben werden sie zur Flucht in die großen Zentren des Landes gezwungen. In der Stadtregion Rios, die noch nicht so stark von der Bodenspekulation heimgesucht wurde, lassen sich die Armen nieder, weit entfernt von Arbeitsplätzen, in Baracken, ohne ausreichenden Lohn. Der ersten Hoffnung folgt Mutlosigkeit, Verzweiflung, Aufbegehren. Eine ausweglose Situation für mehr als 2 Millionen Menschen, für die die Bannmeile Rios praktisch zum Konzentrationslager wird. Der soziale Kontrast steigert die Kriminalität. Im Monat April ist die Anzahl der Morde auf 115 gestiegen. Die Regierung schweigt auf Analyse und Anklage. Nur feige Morddrohungen sympathisierender Kräfte gegen einen Mann der Kirche wie Dom Adriano und seine Mannschaft, die sich nicht an das feige Gesetz des Schweigens halten, sondern die Gewissen wachrütteln.

P. Osmar Gogolok ofm

1978

COMUNICAÇÃO

A toda a população, especialmente aos padres, religiosos e católicos da Diocese de Nova Iguaçu:

Na última Quinta-feira Santa, tomamos conhecimento de que novas ameaças foram feitas ao nosso Bispo Diocesano, Dom Adriano Hypolito. "O Bispo de Nova Iguaçu não aprendeu a lição", por isso estaria em andamento o plano de novo "castigo" desta vez mais violento, de modo que este Bispo "que não quer calar a boca" passaria uns meses no hospital. Para isto, Dom Adriano, já faz algum tempo, estaria sendo seguido, inclusive de helicóptero, em suas viagens e visitas às diversas comunidades, no seu trabalho pastoral. Uma data teria sido fixada para o "castigo", mas falhou e foi adiada.

Meros boatos, como tantos que surgem, muitas vezes sem fundamento? Balão de ensaio? Tentativa de intimidação? Ou guerra psicológica para atrapalhar a pastoral de nossa Diocese?

Alguns fatos permitem crer que não se trata de boato apenas, mas de um plano arquitetado por quem perdeu o sentimento de justiça social e de amor ao próximo, por quem não compreende o esforço da Igreja em construir a paz.

Poderíamos ignorar tudo ou entender tudo como boato, caso não houvesse as ameaças precedentes, o fato do sequestro, que revoltou a opinião pública nacional e internacional, e os inquéritos que, apesar de tantos interrogatórios e promessas de seriedade, foram afinal arquivados pelas autoridades competentes do Exército e da Polícia "por falta de provas".

Seria ingênuo e mesmo irresponsável não nos preocuparmos com as ameaças veladas ou claras que são feitas primeiramente à pessoa de nosso Bispo, mas nele visam realmente a atingir a Igreja Católica em nosso País e a silenciar a pastoral de nossa Diocese que optou, numa linha de inteira fidelidade a Jesus Cristo e ao Evangelho, pela conscientização do povo da Baixada Fluminense e pela defesa dos marginalizados por uma ordem social injusta.

Diante dos fatos e das denúncias recebidas, o Conselho Presbiteral da Diocese de Nova Iguaçu, em sessão de 28 de março passado, encarregou a Comissão Diocesana de Justiça e Paz de coordenar a posição da Diocese, em face das presentes ameaças. Não podemos calar. Temos de informar o povo, sobretudo os fiéis de nossa Diocese.

A Comissão Diocesana de Justiça e Paz reuniu-se, no dia 1º de abril último em sessão extraordinária e deliberou, pela unanimidade de seus membros, dar todo apoio e solidariedade ao Bispo Diocesano; protestar contra essas violações dos direitos humanos e da ordem jurídica do País, planejadas e cometidas, agora como tantas outras vezes, por um poder paralelo que, no anonimato, com dinâmica própria, se investe de uma autoridade que não tem e se mostra capaz de todas as violências, para executar suas metas criminosas.

Chegou a hora de mais uma ação conjunta de toda a nossa Diocese, em favor da justiça. É preciso mobilizar a opinião pública. É preciso denunciar publicamente a insegurança em que vivemos, inclusive para lembrar o sequestro e outros crimes não investigados seriamente nem punidos.

Em nome da Cúria Diocesana, em nome do Conselho Presbiteral da Diocese, a Comissão Diocesana de Justiça e Paz pede que esta comunicação, urgente e necessária, seja transmitida aos fiéis em todas as Santas Missas e em todas as reuniões do próximo domingo dia 09 de abril, para despertar em todas as comunidades um movimento de orações e de solidariedade em favor de Dom Adriano. Todos entramos em vigília de fé e de fraternidade.

Nova Iguaçu, 02 de abril de 1978

Comissão Diocesana de Justiça e Paz, em seu próprio nome e em nome da Cúria Diocesana e do Conselho Presbiteral da Diocese de Nova Iguaçu.

BRASILIANUM 4.V.

INSTITUTO DE BRASILEIROLOGIA

INSTITUTO DE BRASILEIROLOGIA

Relatório: Dom Adriano

Dom Adriano Hypolito, Bispo de Nova Iguaçu, é um homem de fé e de amor ao próximo. Desde o início de sua vida, ele se dedicou ao serviço da Igreja e da comunidade. Sua atuação pastoral é marcada por uma profunda preocupação com os mais pobres e marginalizados. Ele não aceita ser calado e sempre se coloca à frente para denunciar as injustiças e violências que ocorrem em nossa sociedade. Sua coragem e firmeza são fontes de inspiração para todos os católicos da Diocese de Nova Iguaçu.

1. Data: 02 de abril de 1978

Comissão Diocesana de Justiça e Paz

02-4-78

MITTEILUNG

An die ganze Bevölkerung, besonders aber an den Klerus, die Ordensleute und Katholiken der Diözese von Nova Iguaçu:

Am Gründonnerstag dieses Jahres erfuhren wir, daß gegen unseren Diözesanbischof Dom Adriano Hipolito neue Drohungen ausgestoßen wurden. "Der Bischof von Nova Iguaçu hat seine Lektion nicht kapiert". Deshalb hätte man einen Plan für eine erneute "Bestrafung" entworfen, diesmal noch gewalttätiger, so daß dieser Bischof "der seinen Mund nicht halten kann", einige Monate im Krankenhaus zubringen wird.

Darum wird seit einiger Zeit Dom Hadrian in seiner seelsorglichen Ausübung auf seinen Reisen und Besuchen der verschiedenen Gemeinden sogar durch Hubschrauber verfolgt. Für seine "Bestrafung" soll bereits ein Termin festgelegt worden sein. Etwas aber ging schief und so wurde er aufgeschoben.

Handelt es sich um reines, grundloses Geschwätz, wie das so oft vorkommt, um hohle Phrasen, Einschüchterungsversuche, oder ist es psychologische Kriegsführung, um die Seelsorge unserer Diözese durcheinander zu bringen? Einige Ereignisse lassen uns glauben, daß es sich nicht nur um Geschwätz handelt, sondern daß jemand, der das Gefühl für soziale Gerechtigkeit, für Nächstenliebe verloren hat, jemand, der die Anstrengung der Kirche Frieden zu sichern, nicht verstehen will, einem ausgeklügelten Plan folgt.

Wir könnten alles ignorieren, alles als Geschwätz abtun, wenn nicht die Drohungen vorausgegangen wären, die Tatsache der Entführung, die sowohl die nationale als auch internationale Öffentlichkeit in Aufregung versetzte, und wenn es nicht die Nachforschungen ergeben hätte, die trotz so vieler Verhöre und ernstgemeinten Zusicherungen seitens der verantwortlichen Behörden des Heeres und der Polizei schließlich mangels Beweise "ad acta" gelegt worden wären.

Es wäre töricht und zugleich unverantwortlich, würden wir uns nicht über die Drohungen, die verschleiert oder offen in erster Linie unserem Diözesanbischof gemacht werden, besorgt zeigen. In Wirklichkeit will man aber durch ihn in unserem Lande die katholische Kirche treffen und in unserer Diözese die Seelsorge zum Schweigen bringen, denn sie versucht, Jesus Christus und dem Evangelium getreu im Volke der Bannmeile Rios das Bewußtsein zu schärfen und für die Randexistenzen eine gerechte Sozialordnung zu fordern.

Auf Grund der Ereignisse und der gemachten Drohungen beauftragte in einer Sitzung vom 28. März der Priesterrat der Diözese von Nova Iguaçu die Diözesan-Kommission für Gerechtigkeit und Frieden angesichts der gegenwärtigen Drohung eine gemeinsame Stellungnahme abzugeben. Wir dürfen nicht schweigen, wir müssen das Volk informieren, besonders aber die Gläubigen unserer Diözese.

In einer außerordentlichen Versammlung tagte am 1. April die Diözesan-Kommission für Gerechtigkeit und Frieden. Einstimmig faßte sie den Entschluß unserem Diözesanbischof volle Unterstützung und Solidarität zu leisten. Sie protestiert gegen diese jetzt und schon so oft geplanten und begangenen Menschenrechtsverletzungen und Verstöße gegen die Rechtsordnung des Landes, die von anonymen und eigenmächtigen Parallelkräften ausgeht und sich mit einer Autorität umgibt, die ihr nicht zusteht und die kein Verbrechen scheut, ihre kriminellen

Ziele zu erreichen.

Die Stunde ist da, in der die gesamte Diözese geschlossen für die Gerechtigkeit eintreten muß. Die Öffentliche Meinung muß notwendigerweise aufmerksam gemacht werden, die Unsicherheit in der wir leben muß aufgedeckt, die Entführung und andere kriminelle Delikte, die weder ernsthaft untersucht, geschweige denn bestraft worden wären, müssen wieder ins Gedächtnis gerufen werden. Die Diözesan-Kommission für Gerechtigkeit und Frieden bittet, im Namen der Diözesankurie und im Namen des Priesterrates der Diözese, daß diese dringende und notwendige Mitteilung am nächsten Sonntag, den 9. April, den Gläubigern in allen Messen und Versammlungen verkündet wird, um so in allen Gemeinden für Dom Hadrian eine Gebets- und Solidaritätsbewegung auszulösen. Wir alle werden in einer Vigil des Glaubens und der Brüderlichkeit fest zusammenhalten.

Nova Iguaçu, 02. April 1978
Diözesan-Kommission für Gerechtigkeit
und Frieden. Im eigenen Namen und im
Auftrag der Diözesankurie und des
Priesterrates der Diözese Nova Iguaçu.

02-4-1978

Ziele zu erreichen.

Die Stunde ist da, in der die gesamte Diözese geschlossen für die Gerechtigkeit eintreten muß. Die Öffentliche Meinung muß notwendigerweise aufmerksam gemacht werden, die Unsicherheit in der wir leben muß aufgedeckt, die Entführung und andere kriminelle Delikte, die weder ernsthaft untersucht, geschweige denn bestraft worden wären, müssen wieder ins Gedächtnis gerufen werden. Die Diözesan-Kommission für Gerechtigkeit und Frieden bittet, im Namen der Diözesankurie und im Namen des Priesterrates der Diözese, daß diese dringende und notwendige Mitteilung am nächsten Sonntag, den 9. April, den Gläubigern in allen Messen und Versammlungen verkündet wird, um so in allen Gemeinden für Dom Hadrian eine Gebets- und Solidaritätsbewegung auszulösen. Wir alle werden in einer Vigil des Glaubens und der Brüderlichkeit fest zusammenhalten.

Nova Iguaçu, 02. April 1978
Diözesan-Kommission für Gerechtigkeit
und Frieden. Im eigenen Namen und im
Auftrag der Diözesankurie und des
Priesterrates der Diözese Nova Iguaçu.

MITTEILUNG

An die ganze Bevölkerung, besonders aber an den Klerus, die Ordensleute und Katholiken der Diözese von Nova Iguaçu:

Am Gründonnerstag dieses Jahres erfuhren wir, daß gegen unseren Diözesanbischof Dom Adriano Hipolito neue Drohungen ausgestoßen wurden. "Der Bischof von Nova Iguaçu hat seine Lektion nicht kapiert". Deshalb hätte man einen Plan für eine erneute "Bestrafung" entworfen, diesmal noch gewalttätiger, so daß dieser Bischof "der seinen Mund nicht halten kann", einige Monate im Krankenhaus zubringen wird.

Darum wird seit einiger Zeit Dom Hadrian in seiner seelsorglichen Ausübung auf seinen Reisen und Besuchen der verschiedenen Gemeinden sogar durch Hubschrauber verfolgt. Für seine "Bestrafung" soll bereits ein Termin festgelegt worden sein. Etwas aber ging schief und so wurde er aufgeschoben.

Handelt es sich um reines, grundloses Geschwätz, wie das so oft vorkommt, um hohle Phrasen, Einschüchterungsversuche, oder ist es psychologische Kriegsführung, um die Seelsorge unserer Diözese durcheinander zu bringen? Einige Ereignisse lassen uns glauben, daß es sich nicht nur um Geschwätz handelt, sondern daß jemand, der das Gefühl für soziale Gerechtigkeit, für Nächstenliebe verloren hat, jemand, der die Anstrengung der Kirche Frieden zu sichern, nicht verstehen will, einem ausgeklügelten Plan folgt.

Wir könnten alles ignorieren, alles als Geschwätz abtun, wenn nicht die Drohungen vorausgegangen wären, die Tatsache der Entführung, die sowohl die nationale als auch internationale Öffentlichkeit in Aufregung versetzte, und wenn es nicht die Nachforschungen ergeben hätte, die trotz so vieler Verhöre und ernstgemeinten Zusicherungen seitens der verantwortlichen Behörden des Heeres und der Polizei schließlich mangels Beweise "ad acta" gelegt worden wären.

Es wäre töricht und zugleich unverantwortlich, würden wir uns nicht über die Drohungen, die verschleiert oder offen in erster Linie unserem Diözesanbischof gemacht werden, besorgt zeigen. In Wirklichkeit will man aber durch ihn in unserem Lande die katholische Kirche treffen und in unserer Diözese die Seelsorge zum Schweigen bringen, denn sie versucht, Jesus Christus und dem Evangelium getreu im Volke der Bannmeile Rios das Bewußtsein zu schärfen und für die Randexistenzen eine gerechte Sozialordnung zu fordern.

Auf Grund der Ereignisse und der gemachten Drohungen beauftragte in einer Sitzung vom 28. März der Priesterrat der Diözese von Nova Iguaçu die Diözesan-Kommission für Gerechtigkeit und Frieden angesichts der gegenwärtigen Drohung eine gemeinsame Stellungnahme abzugeben. Wir dürfen nicht schweigen, wir müssen das Volk informieren, besonders aber die Gläubigen unserer Diözese.

In einer außerordentlichen Versammlung tagte am 1. April die Diözesan-Kommission für Gerechtigkeit und Frieden. Einstimmig faßte sie den Entschluß unserem Diözesanbischof volle Unterstützung und Solidarität zu leisten. Sie protestiert gegen diese jetzt und schon so oft geplanten und begangenen Menschenrechtsverletzungen und Verstöße gegen die Rechtsordnung des Landes, die von anonymen und eigenmächtigen Parallelkräften ausgeht und sich mit einer Autorität umgibt, die ihr nicht zusteht und die kein Verbrechen scheut, ihre kriminellen

O SEQUESTRADOR

O ACUSADO

Três anos depois do atentado, Movimento revela quem seqüestrou o bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito

Páginas 12, 13 e 14

M
POLIS



Tenente-coronel José Ribamar Zamith

A partir de uma inesperada informação obtida no final do ano passado no auge da luta pela sucessão de Geisel, Movimento desvenda o seqüestro de D. Hypólito, bispo de Nova Iguaçu, ocorrido há três anos. Num trabalho

Jun 1979

O seqüestro de D. H



Tenente-coronel José Ribamar Zamith (numa foto de 1968)

Abri Press

O Globo

lento de pesquisa que durou meses, Movimento chega a uma indicação precisa (a se acreditar nas versões do próprio Exército) sobre o autor intelectual e chefe do atentado: o tenente-coronel José Ribamar Zamith, da extrema direita do Exército brasileiro

Sequestrador de Hypólito



Em frente à CNBB, os destroços do carro de D. Hypólito, destruído por uma bomba. E o bispo seqüestrado e perseguido pela extrema direita, por causa de seu trabalho pastoral

REVELAÇÃO

Há três meses completou o seu terceiro aniversário o seqüestro do bispo de Nova Iguaçu, dom Adriano Mandarino Hypólito — o maior atentado já praticado contra a Igreja Católica no país desde que dom Pero Fernandes Sardinha (o primeiro bispo do Brasil) foi devorado pelos índios caetés, como disse na ocasião o arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, cardeal Avelar Brandão Vilela. Como se recorda, no dia 22 de setembro de 1976, o bispo de Nova Iguaçu foi seqüestrado por um grupo de terroristas que se diziam membros da "Aliança Anticomunista Brasileira". Depois de encapuzado e algemado, dom Hypólito foi despido, espancado e sequestrado pelos seqüestradores, que ainda o pintaram de vermelho antes de o abandonarem, nu e amarrado, em uma rua deserta de um subúrbio carioca. Algumas horas depois, o seu carro, deixado por dois dos seqüestradores em frente à sede da CNBB, no Rio, era praticamente destruído por uma bomba.

Apesar de já ter se passado todo esse tempo e da enorme repercussão que o caso alcançou, os autores do atentado continuam inquisitos. Mas isto não quer dizer que as autoridades não conseguiram elucidar o caso e desvendar a identidade dos criminosos. Além da Secretaria da Segurança do Estado do Rio, pelo menos o DOPS, o Cenimar (serviço secreto da Marinha) e o Exército fizeram suas investigações. E destes, pelo menos o Exército chegou a seguras conclusões. Os motivos pelos quais o Exército deixou de revelar os resultados de seu inquérito são desconhecidos, mas, certamente, têm a ver com as razões pelas quais, por exemplo, o Exército não reconhece a existência da guerrilha do Araguaia e insiste em manter impunes os militares que praticaram torturas contra prisioneiros políticos durante estes anos negros de repressão policial-militar às atividades políticas contrárias ao regime.

Contudo, da mesma forma como começa a surgir a verdade sobre tantos episódios que vinham sendo apresentados de forma falsa ou mesmo sonegados ao conhecimento da população, também começa a vir à tona a história do seqüestro do bispo de Nova Iguaçu.

No ano passado, durante a cobertura dos fatos relacionados com a disputa presidencial, um repórter de Movimento recebeu de um ex-membro do gabinete do ex-ministro do Exército Sylvio Frota, uma inesperada informação sobre o seqüestro de dom Hypólito. Nos últimos meses, uma pequena equipe de Movimento trabalhou a fundo nas investigações sobre o atentado, ouvindo militares, o próprio bispo e várias outras pessoas envolvidas no episódio ou com informações sobre ele. Eis o resultado de nosso trabalho:

Reynaldo pede a cassação de Zamith

A se acreditar na versão de fontes militares que serviram no gabinete do ex-ministro do Exército, Sylvio Frota, o seqüestro de dom Adriano Hypólito foi praticado por um grupo de militares e o autor intelectual da operação, o seu chefe, foi o tenente-coronel José Ribamar Zamith. Esta teria sido a conclusão a que chegou a investigação então realizada por ordem do comandante do I Exército, general Reynaldo Melo de Almeida, hoje ministro do Superior Tribunal Militar. Segundo revelou a Movimento um oficial que auxiliava diretamente o general Sylvio Frota, o general Reynaldo compareceu pessoalmente ao ministério do Exército para apresentar a Frota as conclusões do in-

quérito. Após ter apontado o coronel Zamith como o chefe do seqüestro, Reynaldo sugeriu a Frota que pedisse ao presidente Geisel a sua cassação. "Isto terá um reflexo muito favorável ao governo", argumentou. Desconfiado das intenções do comandante do I Exército, pois, afinal, constava que o coronel Zamith integrava o grupo de militares que apoiavam a sua (de Reynaldo) candidatura à sucessão de Geisel, Frota ainda perguntou: "você tem certeza de que foi o Zamith?" Diante da resposta afirmativa, pediu-lhe: "Então, mande-me isto amanhã por escrito".

O general Reynaldo, ainda segundo essa mesma fonte, não mandou a denúncia por escrito. Na verdade, nunca mais voltou a falar no assunto com o general Sylvio Frota. Ironicamente, os dois acabaram aliados da sucessão presidencial de forma violenta. Sylvio Frota, através de sua exoneração do cargo de ministro do Exército com a conseqüente transferência para a reserva. Reynaldo, por meio de uma chantagem na qual foi usada uma gravação que o comprometia, de uma conversa telefônica sua com uma jovem (*).

O seqüestro de dom Hypólito teve alguns importantes antecedentes que eliminam quaisquer dúvidas sobre o envolvimento de militares no episódio. Eles começam alguns dias antes de 7 de setembro, com o convite ao bispo para participar das solenidades oficiais do dia da independência em Nova Iguaçu, como representante da Igreja na região. O convite foi feito por alguns empresários da região, entre os quais o empresário Alternir Alarcón (do setor de construção) e Marques Rolo (de transportes urbanos), em nome do coronel Moraes, comandante do Regimento Sampaio, da Vila Militar. Dom Hypólito recusou o convite, alegando que, por uma questão de temperamento, preferia não participar destas festas grandiosas, mas ficar junto aos pobres de sua paróquia.

Após os festejos do dia da independência, no dia 10, o próprio coronel Moraes esteve em Nova Iguaçu e conversou com dom Hypólito sobre a sua ausência na parada. O coronel também falou-lhe sobre a "Folha", periódico editado pela sua diocese, dizendo que ele estaria veiculando matérias inconvenientes politicamente e impróprias de um órgão católico. Dom Adriano respondeu-lhe que a Igreja de Cristo tem de ficar ao lado daqueles que não têm poder e nem voz e acrescentou que se responsabilizava por tudo que o periódico publicava. O coronel Moraes retrucou dizendo que dom Hypólito precisava tomar cuidado, numa advertência que tanto podia significar preocupação pela sua segurança como uma velada ameaça.

O coronel Moraes era o responsável militar pela Baixada Fluminense, posto que evidentemente extrapola as suas funções militares mas que já é praticamente consagrado na região. O responsável direto era um tal de major Carneiro, uma espécie de "pombocorreio" entre a Baixada e a Vila Militar, que cumpre hoje o mesmo papel desempenhado até 1968 pelo então capitão José Ribamar Zamith. Durante sua conversa com dom Hypólito, o coronel Moraes não se conteve diante da descrição da situação social da Baixada feita pelo bispo e interveio: "O senhor não acha que no tempo do Médici era melhor?"

A Globo e um cineasta entram na confusão

Menos de duas semanas depois desse encontro acontecia o seqüestro. Exatamente no dia 22, o cineasta Joaquim

Pedro de Andrade estava em Nova Iguaçu para entrevistar dom Hypólito sobre a realidade fluminense para um especial que estava realizando para a TV Globo, cujo tema era "a ordenação de um padre católico a partir de sua formação como seminarista marista. Como parte deste roteiro, cabia aos próprios seminaristas entrevistarem bispos, padres e leigos. O cineasta e a equipe da TV Globo estiveram filmando com dom Hypólito em vários lugares, incluindo a estação de trem, por onde passam milhares de pessoas todos os dias. Naquele mesmo dia à noite, pouco depois das 19 horas, dom Hypólito era seqüestrado quando voltava de carro para casa, juntamente com um sobrinho e sua noiva, depois de ter trabalhado em seu gabinete na Cúria Diocesana. Quase ao mesmo tempo, uma kombi da TV Globo era arrastada e roubado o material que estava

em seu interior. No local foram deixados folhetos que acusavam a Igreja, os comunistas e seus aliados, entre os quais era citado o proprietário do jornal O Globo e da Rede Globo de Televisão Roberto Marinho, a quem os folhetos acusavam de ser um protetor de comunistas e vendido ao capital estrangeiro. Os panfletos também criticavam o governo Geisel, acusando-o de fraco e corrupto. Porém, o material roubado da kombi não era o que estava sendo trabalhado pelo cineasta Joaquim Pedro. E horas mais tarde, na madrugada do dia 23, acontecia um outro atentado que também se relacionava com o caso: a explosão de uma bomba sobre a residência de Roberto Marinho, destruindo parte dos telhados e vidraças da casa e ferindo gravemente um dos empregados. Alguns dias depois, a TV Globo recebeu a visita de alguns militares do I Exército, que re-

MOVIMENTO - 3 a 4/12/79

quisitaram o material que já tinha sido filmado por Joaquim Pedro para fazer uma história. Depois disso o cineasta ainda rodou o resto do filme e concluiu o trabalho de edição, mas a TV Globo nunca jogou o filme no ar e tampouco lhe explicou a razão.

Na mesma noite do seqüestro, a moça que viajava com dom Hypólito e que desembarcou instantes antes dos terroristas assaltarem o carro do bispo, Maria del Pilar Iglesias, comunicou-se com os padres de Nova Iguaçu e estes com dom Eugênio Salles, arcebispo do Rio de Janeiro. Dom Eugênio, por sua vez, avisou o comandante do I Exército, general Reynaldo Melo de Almeida. Soube-se algum tempo depois que as guarnições militares do Rio entraram em regime de semiprontidão na mesma noite.

As investigações feitas pelo Exército tiveram caráter secreto e foram rea-

MOVIMENTO - 3 a 4/12/79

lizadas por dois oficiais que o general Reynaldo requisitou de Brasília. De acordo com dom Hypólito, estes oficiais realmente entendiam do assunto. Na reconstituição do seqüestro, descobriu-se que o carro em que estava dom Hypólito com seu sobrinho passou várias vezes dentro da Vila Militar. Essa descoberta só foi possível porque o rapaz não foi encapuzado, como ocorreu com dom Hypólito. Soube-se ainda que o carro também passou pela Escola de Formação de Oficiais da PM e pelo Campo dos Afonsos, uma base da Aeronáutica que fica perto da Vila Militar.

Durante as investigações, o general Reynaldo chegou a revelar a dom Eugênio Salles que o seqüestro fora preparado por um grupo de extrema direita existente dentro do Exército e mais tarde afirmou já ter elementos bastante concretos para identificá-los.

Essas informações "vazaram" com a matéria publicada pela revista Veja de 15 de dezembro daquele ano, quando foram divulgados inclusive os retratos falados dos que executaram a ação. Mas as promessas do general Reynaldo acabaram não sendo cumpridas, o que descontentou profundamente dom Eugênio Salles, que até hoje não teve mais informações sobre o resultado das investigações. Um membro da alta hierarquia da Igreja Católica ouvido por Movimento está convencido de que o seqüestro foi executado por militares ligados ao ex-presidente Médici. Mas esta opinião eles manifestam apenas reservadamente.

As investigações são interrompidas

Um general de três estrelas, hoje na reserva, revela que, na época do seqüestro, correu a informação entre os militares de que ele teria sido praticado sob o comando do brigadeiro Burnier, da extrema direita. Esse general duvida disso, argumentando que, na reserva, Burnier "não se atreveria a realizar uma operação dessa envergadura contra um bispo da Igreja Católica". Mas afirma peremptoriamente: "Aquilo foi ação de uma organização. O bispo foi seqüestrado por um grupo militar, disso não tenho dúvida".

Teria havido algum arranjo entre o grupo de militares que preparou e executou o seqüestro de dom Hypólito e o governo Geisel? Esta foi uma hipótese insistentemente ouvida por Movimento. O fato é que em 31 de março de 1977, Geisel comemorou os 13 anos de "Revolução" na Vila Militar, exatamente no Regimento Sampaio, ao lado do seu comandante, coronel Moraes. Segundo interpretaram algumas pessoas ouvidas por Movimento, este gesto pode ter sido um aviso aos navegantes, de que já estava tudo acertado entre o governo e esta dissidência de extrema-direita.

Durante as investigações sobre o caso, Movimento tentou confirmar com o próprio general Sylvio Frota o diálogo que ele teria mantido com o general Reynaldo, no qual este lhe teria revelado os resultados do inquérito realizado pelo I Exército e denunciado

o coronel Zamith como o principal chefe da operação. Com esta incumbência, dois repórteres de Movimento conversaram, no Rio, com um general hoje na reserva, considerado um dos mais íntimos colaboradores do ex-ministro do Exército. Dias depois o general já tinha a resposta de Frota à consulta dos jornalistas. Ele confirmou que o oficial que forneceu as informações a Movimento é um militar que desfruta de sua confiança. Mas, quanto à veracidade das informações disse que não iria desmentí-las, alegando que se assim o fizesse, estaria se conduzindo de maneira anti-ética. Mas também não se dispôs a confirmá-la, "porque quer continuar à margem da vida política". Perguntado sobre como interpretava estas palavras de Frota, o oficial que nos serviu de intermediário sorriu, dizendo que deixava a interpretação para nós.

O general Frota não desmente!

Passados mais de três anos, os autores do seqüestro parecem certos da impunidade. Tão certos que os mesmos autores, os seus amigos e companheiros, ousaram repetir novo ataque contra o mesmo bispo, no dia 9 passado, quando picharam as paredes de igrejas de Nova Iguaçu com frases obscenas e ofensivas ao bispo e ainda mataram, com quatro tiros, o cão-vigia de uma casa paroquial. Da mesma forma que procedeu no caso do seqüestro, até agora o governo não deu nenhum esclarecimento sobre o novo atentado. Mas já surgiram informações reveladoras. Segundo o vice-presidente da Comissão Diocesana de Justiça e Paz, Paulo Amaral, a arma que abateu o cão-vigia da Igreja de Santo Antônio da Praça "é uma arma de caráter militar e fora do comércio".

(*) Este fato, sem a identificação dos personagens e do conteúdo da gravação foi revelado pelo general Hugo Abreu em seu livro "O outro lado do poder".

Na página seguinte, um perfil do tenente-coronel Zamith, conhecido em Nova Iguaçu como "O Terror da Baixada"



O general Reynaldo de Mello Almeida (à esquerda) quis "entregar" o tenente-coronel Zamith. E o general Sylvio Frota hoje não desmente seu diálogo com Reynaldo

29-11-79 OSP

Ato ecumênico no aniversário de um sequestro

O São Paulo — Soubemos que você esteve em Porto Alegre participando de um ato ecumênico. Havia algum motivo especial?

Rev. Jaime Wright — Estive em Porto Alegre representando a Comissão Arquidiocesana de Pastoral dos Direitos Humanos e Marginalizados, bem como o Comitê de Defesa dos Direitos Humanos nos Países Cone Sul (Clamor). O ato ecumênico realizou-se a propósito do 1.º aniversário do sequestro em Porto Alegre de uma família uruguaia.

OSP — O ato ecumênico foi realizado no plenário da Assembleia Legislativa do RS. Por que?

JW — Por dois motivos. Primeiramente porque fazia parte de um ato de protesto cuja primeira parte consistiu em de-
tada contra Universindo

Diaz, Lilian Celiberti e seus filhos Camilo e Francesca, por forças policiais uruguaias e brasileiras agindo em conjunto. Nessa primeira parte falaram, entre outros, o presidente da Assembleia Legislativa, o presidente da CPI que investigou o sequestro, o representante da OAB, o dr. Omar Ferri, advogado dos sequestrados, o jornalista Luiz Claudio Cunha, o jurista francês Jean Louis Weil, a sra. Lilia Celiberti, mãe da sequestrada. Nessa primeira parte eu agradei publicamente ao jornalista da revista Veja, Luiz Claudio Cunha, que deu seu prêmio de Cr\$ 100.000,00, em partes iguais, à Comissão de Justiça e Paz e à Comissão Arqui-diocesana de Pastoral dos Direitos Humanos e Marginalizados.

OSP — E o segundo motivo?

JW — É porque não existem condições eclesiásticas em Porto Alegre para a realização de um culto ecumênico em ambiente de Igreja. Não encontrando entre os líderes religiosos de Porto Alegre quem aceitasse falar, tiveram que apelar para mim.

OSP — Que interesse tem o sequestro de Porto Alegre para a Igreja de São Paulo?

JW — O aviso a Porto Alegre de que haveria um sequestro, partiu daqui. O boletim Clamor surgiu para denunciar as violações dos direitos humanos nos países vizinhos. Quando descobrimos em Valparaíso, Chile, as duas crianças uruguaias, sequestradas há 3 anos na Argentina, ficou demonstrado pela primeira vez, de forma indelével, o vínculo existente entre os aparatos policiais repressivos nos países do Cone Sul. Mas o interesse da Igreja em São Paulo também está no fato de que a Comissão de Justiça e Paz continua a receber refugiados desses países vizinhos.

OSP — Por que buscamos os refugiados a Comissão de Justiça e Paz?

JW — Porque a Comissão de Justiça e Paz é o instrumento da Igreja de São Paulo para a prestação desses serviços aos nossos irmãos oprimidos. Quando um refugiado de algum país vizinho pensa no Brasil, ele pensa na ação benemerita de D. Paulo Evaristo Arns e não hesita em procurar a Comissão de Justiça e Paz.

OSP — A que se deve esse fluxo constante de refugiados?

JW — Ao infeliz primado da Doutrina de Segurança Nacional sobre os direitos da pessoa humana. O espantinho do comunismo é a desculpa mais usada para justificar a repressão. Mas a verdade é que a repressão é a única forma de acabar com as manifestações populares e de garantir o "clima político estável". Esse tal "clima político estável" beneficia as multinacionais, dando-lhes condições favoráveis para seus investimentos.

OSP — Em termos concretos, que é que se pode fazer para melhorar essa situação?

JW — Tenho seis sugestões: (1) Entender que Universindo e Lilian foram sequestrados em Porto Alegre pelo mesmo motivo que levou o II

Exército a sequestrar meu irmão aqui em São Paulo. (2) Entender que a prática da justiça depende de afinidade religiosa, política, ideológica, geográfica. (3) Habituar-se a denunciar as violações de direitos humanos em qualquer parte, como forma de salvaguardar os direitos humanos em nossa própria pátria. (4) Promover campanha pela revogação do decreto da Junta Militar, de 1969, que proíbe a radicação de refugiados políticos em nosso país. (5) Fazer ampla movimentação pela volta ao Brasil dos religiosos e agentes de pastoral estrangeiros que foram expulsos. (6) Não esmorecer nos esforços de evangelizar os ricos, os opressores, inclusive religiosos responsáveis por instituições que prestam serviços educacionais aos abastados.

Um "pastor alemão" foi sacrificado a tiros

Dom Adriano pichado

O Pontual - Nova Iguaçu
10-11-79

na porta da Igreja

Pichação de Igrejas na guerra ideológica

Um grupo motorizado e armado de pistolas Luger, calibre 9 milímetros, calcando balas com cápsulas especiais, de metal amarelo e aço inoxidável, tipo Dum-Dum, pichou na madrugada de ontem a Catedral de Nova Iguaçu e a Igreja de Santo Antônio da Prata, no bairro da Prata, com frases em letras grandes e vermelhas, acusando o bispo D. Adriano Hipólito de "comunista e pederasta". Na Igreja da Prata, o grupo matou com dois tiros o cachorro pastor alemão, Malhado, do padre André, quando ele latia no portão de madeira que separa o adro da Avenida Plínio Casado.

A catedral, Igreja de Santo Antônio de Jacutinga, Av. Marechal Floriano, centro da cidade, amanheceu com as frases grandes em toda a sua frente e na porta, além de desenhos com a foice e o martelo, envolvidos com as palavras "Aqui, sede do PCB", impressas em letras de imprensa, aplicadas com silk-scream. A pichação da catedral despertou a curiosidade da população, e às 6h45min, o vigia João Pimenta comunicou-se com o padre Antônio Martins, que oficiaria uma missa quando foi providenciado tinta branca e pincel para apagar as letras. Quando restavam alguns pedaços de frases, às 9h, dois agentes da DPPS, lotados na Delegacia Regional de Nova Iguaçu — um deles usando chapéu preto, de abas largas, como Waldick Soriano —, foram ao local.

Instado a se pronunciar sobre o fato, D. Adriano Hipólito afirmou que preferia deixar esta tarefa a cargo do vice-presidente da Comissão Diocesana de Justiça Paz, advogado Paulo Amaral. Este atribui à pichação a grupos sectários, de extrema-direita, inconformados com a atuação do bispo em favor das classes menos favorecidas do município, na defesa dos direitos do homem e das liberdades públicas. Acrescentou que ontem memos seria registrada uma queixa na DPPS local, os nove integrantes da CDJP se reuniria para redigir uma nota a ser distribuída à Imprensa e um relatório a ser enviado ao Ministro da Justiça, Petrônio Portela. O padre Antônio Martins oficiou normalmente a missa das 8 horas e afirmou supor que os pichadores sejam grupos inconformados com os trabalhos pastorais e com o apoio que o bispo dá às classes menos favorecidas em Nova Iguaçu.

Na Igreja de Santo Antônio da Prata, o vigia Geraldo Moraes, da construtora Confiança, que faz uma obra em frente, e que reside na Rua Athaide Pimenta de Moraes, 43, ainda muito assustado contou: "Era uma hora da madrugada. Sentado na guarita, vi quatro homens gordos, claros, altos saltarem de um carro preto. Dois deles começaram a pintar o muro baixo que sustenta o gradil e separa o adro da Igreja da Av. Plínio Casado, enquanto os outros vigiavam. O cachorro dentro do adro começou a latir e eles dispararam quatro tiros e foram embora. Não deu para guardar a fisionomia de ninguém e nem me mexi, com medo de que notassem minha presença. Se tivessem me visto, acho que teriam atirado em mim." Uma cápsula de pistola Luger foi



Geraldo viu os pichadores e teve medo

A Igreja de Santo Antônio de Jacutinga — Catedral de Nova Iguaçu — amanheceu ontem com suas portas da frente e muro lateral direito completamente pichados com letras garrafais, pintadas com tinta "spray" vermelha, ofendendo não apenas a figura do Bispo Dom Adriano Hipólito Mandarino de Oliveira, como também a sua própria integridade moral: "Fora comuna", "Bispo pederasta", "Aqui, sede do PCB" e outras coisas impubescíveis, além de uma insígnia do Partido Comunista (Foice e Martelo).

Tão logo o dia clareou era grande o número de curiosos que se colocava em frente a igreja para comentar as ofensas à Dom Adriano. O vigia do referido recinto, João Pimenta, se encarregou de levar o fato ao conhecimento da autoridade religiosa, tendo esta convocado imediatamente alguns membros da Comissão de Justiça e Paz, para discutir as providências a serem tomadas.

Em face das ofensas pessoais e na certeza de que os jornais do Rio não tardariam a vir a Nova Iguaçu fazer a cobertura do acontecimento — o que de fato ocorreu algumas horas depois — a Comissão de Justiça e Paz decidiu que Dom Adriano não daria nenhum esclarecimento à imprensa. Quem serviu de porta-voz foi o advogado Paulo Amaral, vice-presidente daquela entidade, que informou para jornalistas cariocas o seguinte: "Já estamos providenciando um relatório que será encaminhado para o Ministério da Justiça. Também será formulada uma queixa ao DPPS — Departamento de Polícia Política e Social — de Nova Iguaçu". Momentos mais tarde, dois agentes

compareceram à Catedral onde após as sindicâncias autorizadas fossem as inscrições apagadas, o que foi feito por um funcionário da igreja, pintando sobre as letras a mesma tinta de fundo.

IGREJA DA PRATA

Na Igreja de Santo Antônio da Prata o mesmo quadro se repetiu, com mais gravidade, uma vez que um indefeso cachorro "pastor alemão", de apenas dez meses, que se encontrava latindo em demasia foi sacrificado com quatro tiros de pistola "Luger", dois dos quais atingindo-lhe a cabeça.

Segundo foi apurado junto ao vigia Geraldo Moraes, que se encontrava numa obra da Construtora Confiança, em frente à igreja, por volta de 1 hora da madrugada um carro grande e preto parou e dele saíram quatro indivíduos altos e fortes. Dois passaram a pichar a mureta da igreja e os outros dois ficaram dando cobertura. Nisso um cachorro "pastor alemão" de nome "malhado", de dez meses de idade, de propriedade da referida igreja, passou a latir insistentemente. Um dos homens sacou de uma pistola e fez quatro disparos contra o animal, dois dos quais acertando em cheio a cabeça. O cão teve morte imediata e depois os homens desconhecidos foram embora.

O vigia Geraldo, que reside nas imediações do local onde trabalha, disse que ficou completamente estático e acha até que poderia ter morrido caso os homens descobrissem que ele a tudo assistia. Pela manhã uma funcionária da Secretaria da igreja, de nome Helena de Souza Portela Thomé, ao chegar e ver o sangue

do animal ficou a olhar para o chão e sem querer deu com a vista numa cápsula de um dos tiros deflagrados. A referida cápsula foi entregue ao advogado Paulo Amaral, para ser anexada ao relatório e graças à mesma é que se sabe que a arma usada era uma "Luger", de alta precisão.

PROMOÇÃO OU GUERRA PSICOLÓGICA?

Durante todo o dia de ontem, no centro da cidade, nas rodas políticas, não se comentava outra coisa, senão a pichação contra o Bispo Dom Adriano. Uns diziam que tudo não passava de uma guerra psicológica, por parte de grupos de direita que não gostam das idéias e

para amanhã, dia 11, 14 horas, no Centro Formação de Líderes, Moquetá, onde deverá ministrar uma palestra sobre o atual momento político do país.

atitudes do Bispo iguaçu. A propósito, o Sr. Antonio Martins, depois de officiar normalmente missa matinal na Igreja de Santo Antônio de Jacutinga, teria declarado algumas pessoas que a pichação era o resultado de "extremismo direitista fundido por algum elemento infantil-juvenil. Entretanto, pela arma e a violência usada contra o cachorro na Igreja da Prata, há quem aceite a hipótese de terem sido os mesmos que há alguns anos sequestraram Adriano Hipólito.

Todavia, existe uma outra corrente favorável que tudo isso faz parte de uma jogada promocional inclusive manipulada pela própria Igreja para badalar a vinda

para amanhã, dia 11, 14 horas, no Centro Formação de Líderes, Moquetá, onde deverá ministrar uma palestra sobre o atual momento político do país.

encontrada, junto ao muro, pela funcionária da secretaria da Igreja, Helena de Souza Portela Thomé, que a entregou ao zelador Orceino Mariano. Este, por sua vez a entregou, na presença da reportagem de O Flu, ao Vice-presidente da CJP, advogado Paulo Amaral. A cápsula deu o tipo das armas usadas pelo grupo.

A guerra ideológica expressa em pichações começou em Nova Iguaçu há cerca de um mês, quando jovens da Imprensa alternativa anunciaram a vinda de Lula ao município, onde, efetivamente, Luís Inácio da Silva reuniu-se com cerca de 50 pessoas, dirigentes sindicais cariocas e mineiros e alguns jovens da Convergência Socialista e da Imprensa alternativa da baixada, para a formação de um núcleo pró-formação do PT. A vinda do líder sindical foi anunciada com slogans pichados com letras vermelhas em muros de toda a cidade, incluindo dizeres como estes: "Abaixo a exploração" e "Contra a carestia", pichações que não perdoavam o alto da parede do Banco Nacional e a parede do Forum. Os muros da estação da Central do Brasil foram quase todos pintados. Curiosamente, um deles, em frente à catedral, ainda exibia ontem de manhã a frase "Abaixo a exploração".

Alguns fiéis que saíam da missa na catedral achavam algum significado na coincidência da pichação de ontem, antevéspera de uma reunião marcada para às 14 h de amanhã, entre o ex-deputado Márcio Moreira Alves, no Centro de Formação de Líderes da diocese e D. Adriano, de quem é amigo. O encontro vem sendo divulgado pelos jornais locais.

Outra coincidência seria uma reunião prevista para as 16h de amanhã no Instituto de Educação Santo Antônio, do Ministro do Interior, Mário Andreazza, com líderes de mutuírio de conjuntos do BNH, que vêm sendo ameaçados de despejos, promovida pela Movimentação de Amigos de Bairros e Comissão Diocesana de Justiça e Paz (há meses a CDJP reuniu-se com o Ministro com a participação de D. Adriano).

As inscrições, em letras grandes e vermelhas, acu-

10-11-79 79

Igrejas de Nova Iguaçu são pintadas com inscrições ofensivas a Dom Adriano

Quatro homens que estavam em um carro preto, usando spray, pintaram inscrições, ontem de madrugada, nas igrejas de Santo Antônio da Jacutinga (Catedral de Nova Iguaçu) e Santo Antônio da Prata, em Belford Roxo. Em letras grandes e vermelhas, acusaram o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, de "Comunista e pederasta" e desenharam uma foice e um martelo ao lado da inscrição "Aqui, sede do PCB".

O vice-presidente da Comissão Diocesana de Justiça e Paz, advogado Paulo Amaral, em nome de Dom Adriano — recolhido à residência episcopal, na Rua Comendador Francisco Rodrigues de Oliveira, em Nova Iguaçu — atribuiu o atentado a grupos da extrema-direita. Um cão, criado na igreja de Santo Antônio da Prata, foi morto pelos homens, com dois tiros, porque latiu.

O VIGIA

Dom Adriano Hipólito já sofreu vários atentados. Em 22 de outubro de 1978, foi seqüestrado e espancado por vários homens, que estavam em três carros, e abandonado em Jacarepaguá, com o corpo pintado de vermelho. Ontem, o trabalho dos pichadores foi presenciado pelo vigia Geraldo Moraes, da Construtora Confiança, que executa uma obra em frente à igreja de Santo Antônio da Prata, na Rua Ataíde Pimenta de Moraes, 43.

Segundo ele, por volta de 1h da madrugada, os quatro homens saltaram do carro preto. Dois deles começaram a pintar o muro da igreja, enquanto os outros vigiavam. O cão do Padre André Decock estava no adro e começou a latir. Os homens, irritados, deram dois tiros nele e fugiram.

INSCRIÇÕES

Uma cápsula de pistola Luger foi encontrada, pela manhã, pelo zelador da igreja, Orceino Mariano. Muita gente se aglomerou em volta das igrejas, atraídas pelas inscrições.

Na catedral, na Avenida Marechal Floriano, no centro de Nova Iguaçu, as frases, em letras grandes, foram escritas na porta principal: "Fora comunista", "Este bispo é comunista", "Aqui, sede do PCB" e "Este bispo é comunista e pederasta". Idênticas frases foram escritas nos muros da igreja de Santo Antônio da Prata.

RELATÓRIO

Revoltado, Dom Adriano Hipólito não quis comentar o atentado, deixando que falasse

o advogado Paulo Amaral. Ele atribuiu o fato a grupos da extrema-direita, inconformados com a atuação do bispo em favor das classes menos favorecidas, dos direitos humanos e das liberdades públicas. Acrescentou que ontem mesmo seria registrada queixa no Departamento de Polícia Política e Social, a comissão se reuniria para divulgar nota oficial e que um relatório será enviado ao Ministro da Justiça, Petrólio Portella.

O padre Antônio Martins, oficiou missa às 8h na catedral e disse que as ofensas começaram há um mês, quando a imprensa local anunciou a presença do líder metalúrgico Luís Inácio da Silva, o Lula, que se reuniu com 50 pessoas, entre os quais dirigentes sindicais mineiros e cariocas, integrantes da Convergência Socialista.

O encontro foi realizado na igreja de Santo Antônio da Prata e, nele, foi debatida a formação de um núcleo de pré-formação do Partido do Trabalhador. A presença do líder sindical paulista, na ocasião, foi anunciada com slogans em letras vermelhas em vários locais da cidade, como: "Abaixo a exploração" e "Contra a carestia". Tais pichações foram feitas, inclusive, no alto da parede do Banco Nacional, no Foro Itabaiana e nos muros da Central do Brasil.

Vários fiéis que saíram da missa acharam significativa a coincidência das pichações de ontem, antevéspera de uma reunião, às 14h de amanhã, do ex-Deputado Márcio Moreira Alves, no Centro de Formação de Líderes, com D. Adriano Hipólito, seu amigo pessoal. A reunião vem sendo anunciada por jornais locais.



Na porta da catedral de Nova Iguaçu, palavras escritas com "spray"

Pichadas catedral e igreja em Nova Iguaçu

A catedral de Santo Antônio de Jacutinga, sede da diocese de Nova Iguaçu, e a igreja do bairro da Prata, dedicada ao mesmo santo, amanheceram ontem pichadas com frases escritas com tinta spray vermelha: "Aqui sede do PCB", "O bispo é comunista", e outras.

Junto à igreja da Prata, o vigia de uma obra, Orceílino Marino, viu quatro homens picharem o muro da igreja e matarem, com quatro tiros na cabeça, o cachorro do padre André Deok, por volta de uma hora da madrugada; o grupo fugiu num Volks branco.

Agentes do DPPS estiveram nas duas igrejas e ouviram Orceílino, mas não conseguiram descobrir a placa do carro utilizado pelos quatro homens.

O padre André Deok não quis comentar o fato; limitou-se a informar aos agentes do DPPS que estava dormindo e foi acordado pelos tiros, de madrugada:

— Não sai de casa porque a região é muito perigosa, principalmente à noite.

A CATEDRAL

Para pichar a catedral, na Avenida Marechal Floriano, no Centro de Nova

Iguaçu, os desconhecidos pularam uma grade de dois metros de altura. O emblema do Partido Comunista — foice e martelo — foi pintado nas portas, janelas e paredes.

O bispo de Nova Iguaçu, dom Adriano Hipólito — sequestrado três anos atrás por homens não identificados e deixado num local deserto de Jacarepaguá —, disse que preferiu "não comunicar o fato às autoridades, porque de nada adiantaria":

— Não estão atingindo a minha pessoa, mas a linha pastoral da Igreja. Sempre que a Igreja se coloca ao lado dos pobres e oprimidos é atacada por um pequeno grupo, que pode ser de extrema-direita ou de burgueses radicais. Não dou muita importância a isto. Daria se não acontecesse.

Dom Adriano Hipólito atribuiu a pichação da catedral e da igreja a "pequenos grupos econômicos, políticos e até militares que estão no Governo, preocupados com a conscientização do povo". Ele informou que a Comissão de Justiça e Paz, da qual é presidente, analisará o caso numa reunião às 10 horas de hoje, no Centro de Formação de Líderes, em Moquetá, e em seguida distribuirá uma nota.

O advogado Paulo Amaral, vice-presidente da Comissão de Justiça e Paz, disse que a pichação "foi obra de um grupo de extremistas que não se interessa pela paz social brasileira".



D. Adriano, ladeado por Paulo Amaral (Comissão de Justiça e Paz) e o vigário Henrique Blanco, disse que não se intimidará

Direitistas assumem atentado à bomba à igreja de Nova Iguaçu

Uma bomba destruiu ontem de manhã o altar do Santíssimo Sacramento e quebrou os vidros das 12 janelas da catedral de Nova Iguaçu, de que D. Adriano Hipólito é o bispo. A organização de extrema direita Vanguarda de Caça aos Comunistas assumiu a autoria do atentado.

Em Brasília, D. Ivo Lorscheiter, presidente da CNBB, lembrou que é o segundo atentado contra D. Hipólito em pouco mais de três anos e que, igualmente, "faz parte de uma campanha contra a atuação da Igreja em favor dos oprimidos".

"DE REPENTE, EXPLODIU"

A explosão foi ouvida num raio de 200 metros. Milhares de pessoas se reuniram em frente à igreja durante mais de quatro horas, período em que os policiais trabalharam sem chegar a uma conclusão sobre o teor explosivo da bomba.

A Catedral de Nova Iguaçu, matriz da Diocese local, abriu, como de costume, antes das 7h. Estava sendo preparada para os festejos de Natal e para uma homenagem

ao centenário do Padre João Musch, um dos primeiros padres católicos a chegar à região. A esquerda da entrada estava sendo montado, desde terça-feira, um pequeno palco de madeira para receber o presépio.

Por causa destes preparativos as missas das 7h e das 9h estavam sendo realizadas na cripta, nos fundos da igreja, há uma semana. O templo se localiza na esquina da Avenida Marechal Floriano com a Travessa Mariano de Souza. Naquele momento, na rua, o movimento era normal, com muita gente transitando no centro comercial de Nova Iguaçu, entretida com as compras de Natal.

"De repente, explodiu. Eu estava montando o presépio, colando papéis. Fiquei surdo e cal", diz Ronaldo Pereira da Silva, funcionário da igreja, encarregado de abri-la todas as manhãs. Ronaldo sofreu uns arranhões no braço.

Além dele, naquela hora, havia três operários dentro da igreja, Lizandro Alves, Raul Bello e Dionísio Ferreira, e alguns fiéis, que correram assustados. A explosão

não fez vítimas. "Foi um esturro e as casas tremeram. Tremeu tudo. Depois houve a correria, gente de todos os lados, querendo saber", conta Manoel Henrique, da Loja Reis dos Tecidos, localizada a 50 metros da igreja.

O Altar do Santíssimo Sacramento é onde são guardadas as hóstias. Estava montado provisoriamente numa mesa, à direita do altar principal. Nele, havia um sacrário (capelinha), com uma ámbula (espécie de cálice) cheia de hóstias.

Uma viatura de ronda da 52ª DP notificou a ocorrência e pediu reforço, enquanto o Padre Antônio Martins, que estava na secretaria da igreja, narra o incidente a D. Adriano Hipólito, que descansava para se refazer de uma indisposição. Uma equipe do Corpo de Bombeiros isolou as caixadas e examinou o interior do templo para saber se existia alguma outra carga explosiva. Na passarela, que desce numa espiral, uma senhora grávida, sufocada pelo tumulto, sentiu-se mal e precisou ser hospitalizada.

“Não estamos brincando”, diz a VCC

Os policiais encontraram dentro da igreja a carta da Vanguarda de Caça aos Comunistas assumindo o autor da explosão. A carta, dirigida a “D Hipólito (bispo comunista)”, é a seguinte:

“Lamentamos profundamente os danos causados na casa de Deus, mas este também não é lugar apropriado para a pregação da doutrina comunista”.

Queremos lembrá-lo que somos cristãos e revolucionários acima de tudo. Não aceitaremos qualquer tipo de política “importada”.

V Eux já passou por amargas experiências, acreditamos que não gostaria de ser eliminado violentamente pelo mesmo processo.

Nós não estamos brincando de assustar autoridades.

Nossa organização, VCC, não está do lado do Governo, que não tem coragem de tomar qualquer tipo de medida, pois acha-se comprometido e é um sistema covarde e corrupto. Nós estamos do lado do povo e do nacionalismo.

Use a casa de Deus para os fins a que ela se destina, talvez sejam estas as palavras que Sua Santidade o Papa lhe dirá em solidariedade.

Morte a todas as organizações comunistas — MR — 8 — ALN — PCB — PC do B e outras... Assinado e responsável: VCC (Vanguarda de Caça aos Comunistas)”

Abaixo da assinatura há um logotipo do VCC, constando das três letras e de uma caveira.

HÓSTIAS NO CHÃO

Os padres que estavam na igreja pediram aos policiais que impedissem que as hóstias, espalhadas pelo chão, fossem pisoteadas. O Vigário Geral da igreja, padre Henrique Blanco, disse que o altar do Santíssimo Sacramento representa Cristo na igreja e que sua destruição constitui uma profanação lamentável. Disse ainda que a obra de D Adriano é a pregação do Evangelho e que, quando o grupo que praticou o atentado se refere à Casa de Deus, está pensando numa igreja alienada. “A Igreja é perseguida, como foi Jesus Cristo.”

Até às 16 horas, quando começou a chover, grupos comentavam os acontecimentos. Uma senhora, D Otilia Rizzo Costa, comentou que a atuação de D Adriano “é maravilhosa na defesa da comunidade”. Outras pessoas, que não quiseram se identificar, comentaram que D Adriano “está muito errado” e “é mesmo comunista, fichado”.

O vice-prefeito de Nova Iguaçu, Rubem Peixoto, reclamou da violência do mundo atual e disse que não concorda com as posições extremadas do bispo da Diocese de Nova Iguaçu. Mas comen-

tou: “O atentado é uma coisa horrível, um sacrilégio. Em que mundo nós estamos? Destruir assim o sacrário de uma igreja. Isso é uma violência contra a fé”.

SEQÜESTRO E INQUERITO

Na grade da igreja estava afixado um exemplar do jornal Movimento em que o Tenente-Coronel José Ribamar Zenith é apontado como responsável pelo seqüestro de D Adriano em 1976.

“O inquerito não deu em nada”, repetia, há menos de um mês, D Adriano, cuja diocese tem dois milhões de fiéis. Naquele dia de outubro de 1976 ele foi seqüestrado e humilhado. Segundo sua própria descrição, rasgaram-lhe a batina, agrediram-no com coronhadas e, antes que ficasse nu, os seqüestradores deram a entender que iriam passar com o carro por cima de seu corpo. Em seguida, deram-lhe um banho de spray vermelho. E o líder dos seqüestradores afirmou: “É só uma lição para aprender a não ser comunista”.

D Adriano continuou na Baixada, participou da campanha pela anistia, é favorável a uma Constituinte e acha que “a Igreja não deve se calar”. Mas quando a parede da paróquia foi pichada com a foice e o martelo, declarou: “Nunca fui e jamais serei comunista”.

D Adriano vai “continuar firme”

D Adriano Hipólito, depois da explosão da manhã, reuniu-se com o clero da diocese e, num contato com a imprensa, à tarde, reafirmou a linha pastoral adotada pela Igreja, em obediência às resoluções de Puebla e da CNBB, e declarou: “Vou continuar firme. Há imprevistos, numa diocese como a de Nova Iguaçu, mas não trairei a confiança depositada na Igreja e em Cristo.”

Informou que dia 23 as igrejas da diocese não abrirão as portas em protesto pela ação terrorista de ontem. Na véspera do Natal será realizada uma vigília de orações e uma procissão eucarística percorrerá a cidade, a partir das 15 horas, dia 30. Os restos do sacrário serão mantidos no local durante todo 1980. Será erguido um memorial e, nele, além dos restos, será colocado um abaixo-assinado da comunidade contra o incidente.

Em São Paulo, o Cardeal D Paulo Evaristo Arns lembrou que D Adriano agiu e falou contra o Esquadrão da Morte do Rio e a partir daí sofreu seqüestro e perseguições. “Confiamos em que as autoridades, a partir deste momento, tomem o caso a sério, porque se fere o centro mesmo de uma Igreja que é o tabernáculo, que é o sacrário. Está-se ferindo a alma e o coração do povo

católico e nós esperamos uma verificação.”

Ainda em São Paulo, a Comissão de Justiça e Paz distribuiu uma nota para dizer que está perplexa “diante de tal afronta contra a Igreja” e lembrando que o atentado de ontem à Catedral de Nova Iguaçu é uma repetição dos atentados a outras entidades, como a OAB e a ABL.

No Rio, o Cardeal D Eugênio Sales distribuiu a seguinte nota:

“Imediatamente entrei em contato com D Adriano. Coloquei à sua disposição a ajuda de que disponho. Esse atentado atinge profundamente os sentimentos cristãos de nosso povo. Mais grave, ainda, por estarmos às vésperas do Natal. Não mudamos as idéias atirando bombas. As divergências entre pessoas não são solucionadas com a violência. Esse ato de terrorismo merece a repulsa dos homens de bem”.

Em reunião extraordinária, o Conselho da OAB-RS aprovou por unanimidade uma moção de repúdio ao atentado. Num ofício às autoridades pede a adoção de providências energéticas para apurar os fatos e punir os culpados”. O Conselho encaminhou a moção ao presidente do Conselho Federal da Ordem para que leve o fato ao Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana.

Catedral de Nova Iguaçu sofre atentado a bomba

Uma bomba de alto teor explodiu ontem pela manhã na Catedral de Nova Iguaçu, Rio, destruindo totalmente o Sacrário. A explosão provocou um deslocamento de ar quebrando os vidros das 12 janelas, além de afetar uma coluna de 40 centímetros de diâmetro, parte da cúpula, a entrada da Catedral, e ferir um dos quatro operários que montavam o presépio natalino.

O atentado ocorreu por volta das 11 horas e a explosão foi ouvida num raio de um quilômetro, assustando comerciantes e moradores do centro de Nova Iguaçu. Segundo os operários Ronaldo Pereira da Silva, ferido no braço direito, Dionísio Marques da Silva, Lisandro Alves de Almeida e Raul Belo Ferreira de Souza, que ainda estão ensurdecidos, com violentas dores de cabeça, a explosão foi tão forte que os derrubou do estrado de um metro de altura onde trabalhavam na montagem do presépio. “Foi um clarão muito forte, seguido de um relâmpago, depois tudo escureceu e não vimos mais nada, disse um deles”.

No templo havia apenas uma senhora, de cerca de 50 anos, que rezava ao pé da imagem de Santo Antônio, e que correu com medo da igreja desabar. A igreja foi aberta às 7 horas da manhã para limpeza, montagem da festa natalina e preparativos para as festas do centenário do padre João Musch, que durante muitos anos trabalhou na Diocese. As missas estavam sendo celebradas pelos padres Henrique Blanco e Antônio Martins da cripta da catedral, no subsolo, e caso a bomba tivesse explodido durante a missa matinal, seria um desastre de grandes proporções.

OS AUTORES

A autoria do atentado foi reivindicada pela Vanguarda de Caça aos Comunistas. Dentro da Catedral foi deixada a seguinte carta, endereçada ao bispo Dom Adriano Hipólito, mimeografada, com emblema de uma caveira envolvida por um V e duas letras C:

“Dom Hipólito (bispo vermelho) lamentamos profundamente os danos causados na Casa de Deus, mas este também não é lugar apropriado para pregação da doutrina comunista.

Queremos lembrá-lo que somos cristãos e revolucionários acima de tudo, não aceitaremos qualquer tipo de política importada.

V. Em, já passou por amargas experiências, acreditamos que não gostaria de ser eliminado violentamente pelo mesmo processo.

Nós não estamos brincando de assustar pseudo-autoridades.

Nossa organização não está do lado do Governo, que não tem coragem de tomar qualquer tipo de medida, pois acha-se comprometido a um sistema covarde e corrupto. Nós estamos do lado do povo e do nacionalismo.

Use a Casa de Deus para os fins a que ela se destina, talvez sejam estas as palavras que Sua Santidade o Papa lhe dirá em solidariedade.

Morte a todas as organizações comunistas — MR-8, ALN, PCB, PV do B e outras...

VCC — Vanguarda de Caça aos Comunistas”.

Nas ruas centrais da cidade foram espalhados milhares de outros panfletos em que aparece a foto de Luís Carlos Prestes envolvido por uma foice e um martelo e a palma de uma mão mostrando um padre contemplando uma igreja com um símbolo comunista. Logo abaixo, três cartas com o mesmo símbolo, mostrando, num valete, Hélder Câmara,

num rei, Evaristo Arns e outro rei com Dom Ivo Lorscheiter. Em letras garrafais, os dizeres “Não a verdadeira igreja é a de Cristo”, e mostra ele ajoelhado sobre uma cruz, numa alusão comunizada.

BOMBA-RELÓGIO

O delegado Luís Mariano foi designado pela Secretaria de Segurança para investigar as causas do atentado à catedral de Nova Iguaçu. Chegou quase duas horas após a explosão, com duas equipes de trabalho, além de forte esquema policial, que cercou toda a área evitando que milhares de curiosos se aproximassem da catedral. Segundo ele, a bomba de alto teor explosivo foi deixada no lado esquerdo do templo, dentro do Sacrário. O delegado não pôde precisar sua fabricação, mas garantiu ser uma bomba-relógio.

As primeiras horas da noite de ontem, muito nervoso e abatido, pois se recupera de uma enfermidade, Dom Adriano Hipólito, reunido com Paulo Amaral, vice-presidente da Comissão de Justiça e Paz, frei Luís e Mussoline Daher Chedier, disse que os restos do Sacrário ficarão reunidos na catedral durante este mês, cuja igreja, como as demais paróquias, ficarão fechadas em sinal de protesto. No dia 23 haverá uma procissão para protestar contra os atentados e de apoio à Linha Pastoral. Será redigido um manifesto à comunidade religiosa da Baixada Fluminense.

Serão feitas também vigílias de orações das 6 da manhã às 22 horas no dia 24. Dom Adriano informou que todas as igrejas serão mantidas sob vigilância, como precaução de futuros atentados. Ao mesmo tempo, estuda a conceituação jurídica para desarquivar o inquerito sobre seu seqüestro, porque, segundo admite, há uma sequência. O advogado e jurista Tício Lins e Silva, que já participou de uma reunião preliminar na Diocese, será contratado para tal. Dom Adriano lamentou o ataque com bombas dizendo que “foi recurso de desespero e que não podemos aceitar de forma alguma”.

CORONEL ACUSADO

Atribuiu o atentado a grupos de extrema-direita, da mesma facção que o seqüestrou em 1976, inconformados com seu trabalho em defesa dos pobres. Acentuou que a Linha da Pastoral é eminentemente cristã: “Nada mais é que uma visão cristã dos problemas sociais”.

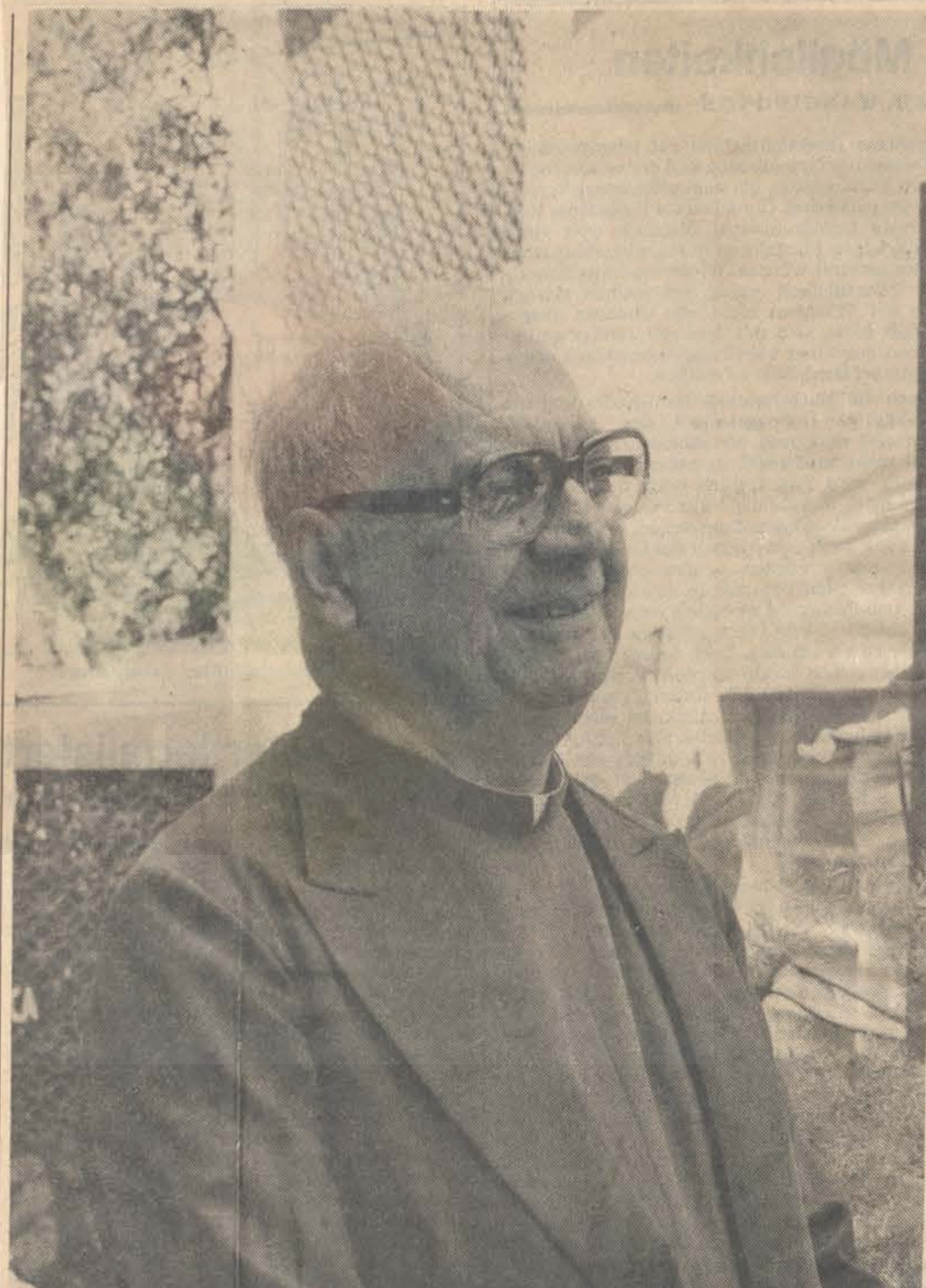
— A Diocese é proletária — afirmou — defende os direitos humanos, e não existe nenhuma infiltração comunista. Não temos nenhum sistema de segurança, do que estes grupos doentes se aproveitam, além da certeza da impunidade. Continuarei firme na Diocese, apesar dos ataques. Tenho o apoio do clero.

Segundo boatos que ocorriam ontem na Baixada Fluminense, uma ala de padres conservadores estava descontente com a Linha Pastoral de Dom Adriano e, por isso, não estariam lhe prestando solidariedade nos últimos atentados. Diante da falta de apoio, Dom Adriano teria manifestado seu desejo de remoção para outra Diocese. Os boatos foram desmentidos ontem à noite pelo próprio D. Adriano.

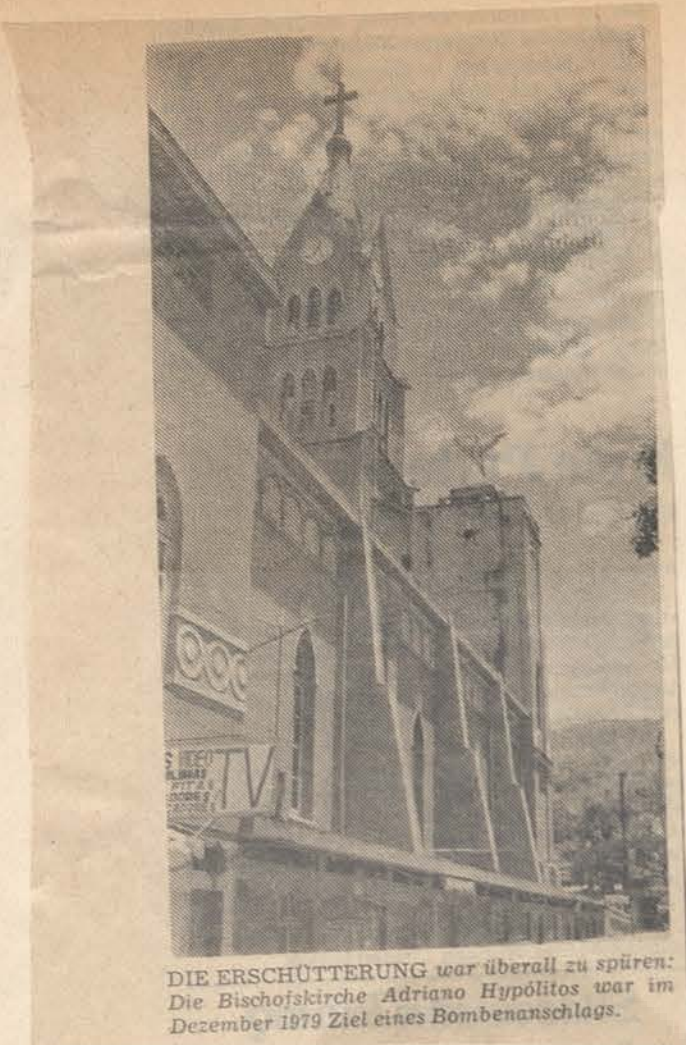
Fontes da Diocese atribuíam o atentado aos comandados do tenente-coronel José Ribamar Jamich. Foram distribuídos na cidade 5 mil exemplares da edição de dezembro do jornal “Movimento”, estampando na primeira página o retrato do militar, acusando-o do seqüestro e dos atentados.

DIE SEITE DREI

*



„NICHT NUR FROMMES BETEN, sondern auch politische Mitverantwortung einüben“: Bischof Hypólito wird von der brasilianischen Rechten als Kommunist beschimpft. Photos: Kassebeer



DIE ERSCHÜTTERUNG war überall zu spüren:
Die Bischofskirche Adriano Hypólitos war im
Dezember 1979 Ziel eines Bombenanschlags.

26/27-3-1980



O bispo à frente do povo: uma Diocese com três milhões de pessoas, uma cidade de 1,5 milhão de habitantes pobres.

UM PROFETA NA TERRA DA VIOLÊNCIA



Adriano Hipólito: "O progressivismo não está em tirar a batina"

Dom Adriano Hipólito, bispo de Nova Iguaçu: "Não é por capricho que se cumpre a missão"

Perseguido, humilhado, sequestrado e espancado, ameaçado de morte várias vezes por cartas e telefonemas anônimos e até mesmo com bombas, o bispo de Nova Iguaçu, dom Adriano Mandarino Hipólito, sergipano de Aracaju há 62 anos, passou a ser, dentro da Igreja, o alvo principal da violência dos grupos de extrema-direita. Pastor da Baixada Fluminense há 14 anos, ele não recua: "Não é por um capricho do bispo que se cumpre a missão profética da Igreja", diz.

Em sua defesa milhares de pessoas já saíram às ruas de Nova Iguaçu e houve até quem quisesse sair no tapa para que o nome de dom Adriano Hipólito não continuasse sendo difamado em Nova Iguaçu como foi o caso de "seu" Edmundo, empregado da Cúria da Diocese da Baixada há 20 anos, que ameaçou brigar com um deputado federal do PDS, Darcílio Aires, que denegria a imagem do bispo de 3 milhões de pessoas, recentemente.

Voz mansa, de corpo avantajado, sem ser gordo, de largo e expressivos gestos, dom Hipólito tem a alegria pura de menino. Defensor da justiça social, homem cordial e justo, o bispo da sétima cidade do país — mais de 1,5 milhão de habitantes, a maioria marginalizada, sem direito a água, luz, esgoto e escolas — "a favor de quem vive dentro de uma cidade hostil e brutal — a Baixada mineense.

— Sempre de batina — "o progressivista

não está em tirar a batina" —, ele acorda por volta das 5h. Dom Hipólito mora no alto de uma colina, no Parque Flora, a 15 minutos do centro nervoso de Nova Iguaçu, um bairro inseguro e de moradores pobres, gente humilde como ele. Depois de celebrar, às 7h, a primeira missa, ainda na capelinha de sua residência, ele vai para o Centro de Formação de Líderes, em Moquetá, para discutir problemas que lhes são trazidos pelo clero; e à tarde, na Cúria, ele pode ser encontrado conversando com líderes comunitários, religiosos, jornalistas, professores e com gente do povo.

Ele não gosta de subir em palanques oficiais e detesta gabinetes atapetados. No início deste ano, ao ser perguntado se compareceria, caso fosse convidado, à inauguração do novo prédio da Prefeitura de Nova Iguaçu, para juntamente com

políticos do PDS recepcionar o presidente João Figueiredo — que acabou mandando o ministro Eliseu Resende representá-lo —, respondeu negativamente, acrescentando: "Ali não é o meu lugar".

Professor de Português, Literatura, Música, dom Adriano tem brigado muito na terra da violência, da qual ele tem sido uma vítima constante, protestando contra a existência do Esquadrão da Morte — só no ano passado, em apenas uma das cinco delegacias de polícia, foram registrados mais de 500 homicídios, dos quais apenas 20 por cento foram apurados pelas autoridades.

O verdadeiro pugilato deste homem que gosta de fotografar seus operários festejando o final de mais uma obra da Diocese de Nova Iguaçu e com eles senta à mesa sem qualquer cerimônia, com os inimigos do povo, também pode ser ex-

plicado pelo apoio irrestrito que deu a professores e a metalúrgicos grevistas que se reuniram no ano passado no Centro de Formação de Líderes pertencente à Diocese, que também abriu suas portas para os parentes de presos políticos que faziam greve de fome por uma anistia ampla, geral e irrestrita.

Aos que o acusam de comunista, ele respondeu com a defesa que vem fazendo de 16 mil famílias que vivem ameaçadas de despejo por financeiras do Banco Nacional de Habitação. Em 1978, foi dom Hipólito quem comandou a reação de 3 mil famílias do Conjunto Residencial Monte Líbano contra a ordem judicial de despejo. Liderados pelo bispo, os moradores conseguiram uma de suas primeiras vitórias: o despejo em massa foi suspenso e o caso ganhou repercussão nacional.

Aos que o acusam de agitador, ele responde com o apoio de sua Diocese ao Movimento Amigos de Bairro, entidade que reúne 96 associações de moradores e que tem como meta principal reivindicar junto às autoridades melhores condições de vida. No mês de novembro do ano passado, por exemplo, milhares de manifestantes protestaram, em frente ao gabinete do prefeito Rui Queirós — afillado da Revolução de 31 de Março, contra o descaso de Queirós com suas reivindicações feitas há um ano. Os moradores protestavam ainda contra o fato de o prefeito possuir vários colégios, enquanto seus filhos continuam dependendo das vagas distribuídas a políticos do PDS — só em Nova Iguaçu existem mais de 80 mil crianças em idade escolar sem ter onde estudar.

Justiça e paz. São dois bens e são direitos extremamente escassos em Nova Iguaçu, onde a certeza da impunidade tem enriquecido da noite para o dia os homens que têm poder decisório. São alguns destes homens que fomentam, nos bares de maior concentração e nos gabinetes refrigerados, críticas ao trabalho pastoral de dom Adriano, acusando-o de "bispo vermelho e pederasta", protegidos pelo anonimato e pela escuridão das noites desertas e despovoadas do município.

Catorze anos de pastor vive dom Adriano na Baixada Fluminense. Numa área de mais de 1.850 quilômetros quadrados em que se localiza sua Diocese, vivem quase 3 milhões de pessoas, a maioria com medo. A população aumenta com a chegada, a cada ano, de novas levas de imigrantes, na proporção de 10 a 15 por cento vindos principalmente do nordeste. Aumenta a população, aumentam os problemas, as carências e o índice de mortalidade infantil — mês passado em apenas dois dias morreram 15 crianças de desidratação em um único hospital de Nova Iguaçu.

Acostumado com os dissabores do autoritarismo — seu pai foi preso, cassado na Revolução de 1924 como prefeito interino de Aracaju e secretário de Intendência —, ele se chamava Fernando quando, aos 11 anos, foi com a família para a Bahia. Era 1929. Lá, ele fez o curso ginásial. Foi quando manifestou o desejo de ser franciscano. Em 1932, foi para um seminário na Paraíba, onde ficou até 1934, e em 36 estudou no Paraná.

Formado em Olinda (Filosofia) e na Bahia (Teologia), no princípio sua opção foi meio carregada pela família, "mas eu tinha certa clareza a respeito. Nunca tive dúvidas de que meu caminho é este". Quando não existia nada desse movimento de renovação na Igreja, em 1942, Fernando tornou-se padre. Ordenado, padre Fernando achava que tudo estava perfeito, que tudo estava no seu lugar, e que a Igreja, bem-organizada, era dona da verdade.

Essa dúvida e angústia — recorda hoje dom Hipólito — só começou no Vaticano II, do qual participou. Ele era bispo-auxiliar de Salvador, junto de dom Augusto, que estava com 84 anos, e "não se pensava em métodos ou procura de aproximação com o povo". Ficou lá até 66, quando foi designado pelo Papa Paulo VI para a Diocese de Nova Iguaçu.

Quando chegou à Baixada Fluminense, substituindo dom Honorato Piazzera, transferido para Santa Catarina, dom Hipólito recebeu pesames e alguns parábens misturados com pesames. Diziam que seria a Diocese mais difícil do Brasil. "É a fama que a Baixada continua tendo

"Pensem no mal que causa a mentira institucionalizada"

de ser antro de marginais e violência, o que não é verdade, mas pra mim isso não teve peso porque eram palavras ditas sem fundamento, baseadas apenas na fama".

Membro do Sínodo Romano em 1967 e do Concílio Vaticano II, dom Adriano recebeu em 1977, na Alemanha Ocidental, o título de doutor em Teologia honoris causa pela Universidade de Tübingen, quando dos festejos dos 500 anos de fundação da Universidade. Além de ser membro da Conferência Episcopal Latino-Americana em Puebla (México), dom Hipólito é mestre dos teólogos franciscanos.

Quem o conhece na intimidade, garante que ele jamais deixará, por conta própria, a Baixada Fluminense e que os atentados — que nunca foram apurados pelos órgãos de segurança — jamais modificarão sua linha pastoral. O sorriso com que dom Hipólito chegou ao Centro de Formação de Líderes, horas depois de explodir uma bomba no altar do Santíssimo Sacramento da Catedral de Santo Antônio de Jacutinga, às vésperas do último Natal, para mais uma entrevista coletiva, confirmava para os jornalistas a tranquilidade com que este pastor encara a sua missão profética na terra da violência.

— Se eu distribuisse semanalmente um prato de sopa para os pobres, se fizesse um trabalho apenas assistencial, nada disto estaria acontecendo — garantiu dom Hipólito.

— Como o senhor entende e resume a atuação da Igreja na América Latina?

— A Igreja Católica está muito comprometida com os diversos povos da América Latina. Trata-se de um comprometimento que nasceu com a descoberta. Com os descobridores, vieram os missionários espanhóis e portugueses. Dentro de uma visão bem própria do século XVI, a evangelização estava a serviço da colonização. Também a colonização servia à evangelização. Camões exprime esta identificação quando no início de *Os Lusíadas* se dispõe a cantar "as memórias gloriosas daqueles reis que foram dilatando a Fé e o Império" (Lus. 1,2). Em mais de quatrocentos anos de História a Igreja participou intensamente da vida dos países da América Latina. E mesmo quando hoje nos distanciamos, ou tentamos distanciar, do poder político, a Igreja continua tendo um papel importante na vida de nossos povos. Também no Brasil. Se eu pudesse resumir a atuação que a Igreja deveria e tanta assumir na América Latina, diria que consiste sobretudo na integração das grandes massas marginalizadas do processo social: político, econômico, cultural e mesmo

religioso infelizmente. Cabe apenas às elites decidir tudo e impor tudo a uma imensa multidão de pessoas que nada tem para fazer conscientemente, a não ser servir às elites. Logo se vê que o papel da Igreja na América Latina está na conscientização do povo.

— Como é que o senhor entende este esforço de conscientização?

— Conscientizar é tornar consciente, isto é, dar à pessoa a consciência, a clareza de sua dignidade, de sua missão, de sua capacidade. A conscientização deve abranger diversos aspectos que, todos, levam a pessoa a se assumir e a assumir o seu papel na construção do mundo. Conscientização é um postulado indispensável da Fé cristã e também a única maneira de eliminar a marginalização e de integrar as pessoas marginalizadas no plano de Deus e no processo social. Com a imensa riqueza que recebeu de Jesus Cristo, a Igreja está presente em toda a parte. Se ela em tempos antigos se aliou ao poder para conservar o status quo, hoje ela se identifica com o povo. E nesta atitude não se afasta do Evangelho. Pelo contrário: descobriu a melhor lição do Evangelho e de Jesus Cristo. Assumindo este papel conscien-

JESUS CRISTO FOI CRUCIFICADO DE NOVO NESTE LOCAL EM 20-12-79 às 11 HRs.
Uma bomba profanou e destruiu SS^{ma}. Eucaristia



E o altar destruído na catedral

tizador — e tomara que assuma sempre e em toda parte —, a Igreja se expõe a penosas incompreensões, sobretudo quando atua em áreas dominadas por qualquer tipo de extremismo.

— Será por isso que grupos de extrema-direita combatem por todos os meios a Igreja que se identifica com o povo?

— Exatamente. E o mesmo fazem os grupos radicais de extrema-esquerda, onde têm poder. A sorte da Igreja é ser perseguida por grupos radicais de direita ou de esquerda. Compreende-se: os grupos radicais fazem de sua ideologia uma religião. E por isso não compreendem o papel da Igreja, a não ser quando a Igreja se curva ao radicalismo e se torna instrumento dócil nas mãos dos radicais. Isto aparece claramente em diversos países. Também no Brasil. Olhando bem os fatos, somente a Igreja — quando volta às fontes puras do Salvador — pode oferecer resistência a qualquer exploração do homem pelo homem ou pelo sistema econômico ou pelo regime político. Entre nós a acusação mais sensível no clima

ideológico implantado desde 1964, é a acusação de comunista e de comunismo. Criou-se uma quase psicose em grupos do poder. De boa fé ou de má fé descobrem comunismo em tudo que se opõe à sua mentalidade, aos seus interesses. Se a partir de uma situação concreta que está à vista de todos, eu afirmo que é impossível uma família de três pessoas — pai, mãe e filho — viver de um salário mínimo, logo se avista aí marxismo, comunismo, luta de classe, subversão. A luta pela justiça social, por exemplo, por uma distribuição mais justa de renda, por um equilíbrio mais honesto e mais humano entre capital e trabalho, pela diminuição do fosso salarial — numa firma, um diretor de segundo escalão ganha Cr\$ 80 mil e um contínuo apenas salário mínimo — logo se dá interpretação

ideológica e se faz acusação de comunismo.

— O que o senhor acha da anistia?

— Passados os tempos agudos de radicalização e de esperança exagerada em fórmulas e pessoas messiânicas, passados os tempos de perseguição dura aos adversários, impõem-se como fórmula de conciliação e reconciliação nacional e como início de uma nova etapa da história, aquilo que na linguagem política se chama anistia: um grande perdão nacional dado por todos a todos. Os grandes homens são generosos. Os grandes povos são generosos. Uma perspectiva profunda e ampla da história nacional, que é muito mais do que um período histórico; uma visão mais profunda e mais ampla do povo, que é muito mais do que um grupo político ou econômico; uma consideração profunda e ampla dos interesses nacionais, que são muito mais do que os interesses de uma classe ou de uma região; o pensamento e a experiência de que só o amor constrói, também na vida das nações: tudo isto nos aconselha a defender uma anistia ampla, irrestrita e universal. Tão depressa quanto possível.

— Qual é a sua opinião sobre o pluripartidarismo?

— Tenho para mim que o pluripartidarismo é uma exigência da Democracia. Regime de partido único é negação do regime democrático. Quantos partidos? O número vai depender das grandes correntes de pensamento político que existem no país e que atingem o povo. Nossa tradição político-partidária tem sido excessivamente, talvez exclusivamente, elitista. O povo só é lembrado na hora das eleições. Quase sempre os nossos partidos do passado ficavam num plano superior de elite, girando em torno de algumas idéias e de algumas personalidades que o mais importante na reformulação partidária que está acontecendo agora entre nós seria a identificação maior dos partidos com o povo e um esforço dos partidos para formar os seus membros — sobretudo os que são povo, os que são base — politicamente, de modo que assumam sua parte no processo político global, não apenas na votação em tempo de eleições. Agora, acho que além dos partidos políticos deveria haver outros instrumentos de participação no processo social, com repercussão também na política. Por exemplo: os sindicatos, os grupos intermediários, os movimentos de amigos de bairros, etc. Quanto mais ampla for a participação da base no processo social, tanto mais autêntica será a democracia.

— Está existindo realmente abertura política no Brasil?

— Parece-me que sim. Ainda não total, já que ainda há muitas restrições e vaivéns, muitos receios e algumas ameaças. A experiência dos últimos 16 anos deveria abrir os olhos daqueles que fazem parte do grupo do poder, militares ou civis. O desgaste foi enorme. E os resultados? A concluir da inflação que se aproxima dos níveis de 1963-64 e sobretudo da corrupção que, sob a censura e sob a doutrina da Segurança Nacional, pode vicejar sem medo, o Brasil deve

tentar uma experiência democrática mais corajosa e mais identificada com o povo. Nossos líderes políticos têm agora uma oportunidade única de corrigirem erros graves do passado, sobretudo o erro fundamental, causa direta ou indireta de muitos outros erros graves, que é a marginalização quase total do povo. Eu só creio numa abertura política verdadeira quando o povo tiver instrumentos de participação no processo social. Votar somente é pouco. Não basta. É preciso que o povo seja conscientizado para se unir e, unido, participar no processo social.

— O que o senhor acha da pena de morte? É a favor ou contra? Por quê?

— A violência generalizou-se. No mundo e no Brasil também. Podemos falar de uma epidemia, como talvez raramente aconteceu na história da humanidade. Se o fenômeno é geral, a causa deve ser também geral. Não basta aludir ao pecado original à condição pecadora da pessoa humana. Que pecado concretamente causa, motiva, condiciona, favorece a violência? São João descobre três causas ou pecados básicos que ele chama "desejo da carne", "desejo dos olhos", "soberba de vida" (cf 1 Jo 2, 16). Em termos mais modernos poderíamos falar talvez de sexo, consumismo, poder/violência, entendendo esta trilogia como um fenômeno de rejeição a Deus e à sua Vontade, aos valores religiosos e morais. Sexo, bens materiais, poder, não são mais aquilo que devem ser no plano de Deus. São absolutizados, são divinizados. E escravizam a humanidade. Quando as coisas chegaram a este ponto crucial, não adianta mais castigo nem mesmo o mais radical que seria a pena de morte. Dominado pelo sexo, pela ambição, desmedida de bens materiais, pela embriaguez do poder, o homem não teme mais a morte. Sou contra a pena de morte. Pelo motivo profundo que citei anteriormente. E por vários outros motivos que não apresentados: a experiência negativa da pena capital em outros lugares e em outros tempos; o perigo de erro judicial; a leviandade ideológica de grupos do poder que para se firmarem e confirmarem no poder absoluto, absolutizam crimes que não são crimes mas somente morbidez mental dos ditadores. Antes de recorrer à pena capital, deveríamos rever toda a estrutura de nossa civilização e todos os nossos órgãos de segurança pública. O tema do Dia Mundial da Paz, de 1980, foi este: "A verdade-força da Paz". Seria um bom começo se os responsáveis pela política, pelo comércio, pela indústria, pela segurança, pela cultura, pela educação pensassem no prejuízo terrível que causa a mentira institucionalizada como instrumento do poder e da vida social. O policial, encarregado da segurança do cidadão, nega-se a dar identificação: acha que a condição de policial lhe dá o direito e o poder de agir como acha

melhor, e não se identifica. O assaltante apresenta-se como policial e na esteira dos policiais que acham humilhação identificar-se, também não se identifica. Como é possível saber quem é o policial e quem é o marginal? E se o policial, vítima da corrupção, emprega recursos de marginais, onde fica a segurança dos cidadãos?

— O que o senhor acha do Esquadrão da Morte?

— Posso estar enganado: não existe um Esquadrão da Morte organizado, estruturado, mas existe um espírito de Esquadrão da Morte, de vingança, de justiça feita com as próprias mãos. Este clima de violência e de arbitrariedade que não hesita em eliminar a vida de quem quer que seja, é o aspecto mais grave da violência. Elimina-se a estabilidade e a segurança que só o Direito e a Lei dão: ficamos à mercê de marginais criminosos, de marginais policiais, de marginais linchadores. Este é um desafio tremendo para todos nós.

— Ser cristão na Baixada Fluminense ainda significa correr riscos?

— Em qualquer tempo e em qualquer lugar — não apenas na Baixada Fluminense — ser cristão inclui necessariamente risco. Na Baixada Fluminense as pessoas de fé, que se comprometem com a sua Fé, que se engajam no esforço pastoral da Igreja, que desejam viver integralmente a sua Fé, criam necessariamente áreas de atrito. Melhor: não criam

(Continua)

27
Coojornal — Março de 1980



Passada em Nova Iguaçu protestando contra o atentado de dezembro último

Fascistas atacam novamente

Impunes, como no caso Riocentro, agem às claras, acobertados pelo regime. Covardemente agora ameaçam crianças e seqüestram mulheres

Márcio Bueno, do Rio

No Rio de Janeiro uma nova onda de ameaças terroristas, duas delas concretizadas, estão mostrando que o acobertamento destes criminosos pelo regime militar e a falta de resposta eficaz e decidida por parte da oposição estão abrindo caminho a estas ações. No dia 24 passado, o senador Saturnino Braga ocupou a tribuna do Senado para denunciar o seqüestro da psicóloga Magali Salomão, mulher do engenheiro e diretor do Clube de Engenharia, Luis Alfredo Salomão, que é também o coordenador de sua campanha política ao governo do Estado.

Este foi um dos casos mais graves ocorrido recentemente. Mas vários parlamentares e em especial seus familiares vêm sendo ameaçados constantemente, mas têm evitado as denúncias públicas, com o argumento principal de que não desejam semear o pânico. O deputado Paulo César Gomes, líder do PMDB na Assembléia Legislativa, após o seqüestro de Magali Salomão, resolveu divulgar pela tribuna da Assembléia as ameaças que ele e sua mulher vêm recebendo há cerca de um ano e meio. No dia 24, após várias ameaças, o marido da presidenta do diretório Regional do PT de Nova Iguaçu também foi vítima de um grave atentado. As ameaças e os atentados têm repetido a tática usada contra o senador Marcos Freire. Os terroristas estão atingindo principalmente os familiares das pessoas visadas, esperando obviamente ser esta uma forma mais eficaz de atemorização.

O seqüestro de Magali ocorreu no dia 9 passado, após 2 meses de ameaças, período em que os terroristas demonstraram conhecer em detalhes a vida da família, inclusive as escolas em que estudam as filhas do casal. A psicóloga foi seqüestrada às 3 horas da tarde, na rua Voluntários da Pátria, uma das mais movimentadas do bairro de Botafogo. Foi obrigada a entrar no Opala dos dois seqüestradores, que após dar algumas voltas pela cidade, dirigiram-se para um local deserto da Barra da Tijuca. Lá obrigaram-na a se despir e submeteram-na a todo tipo de humilhações. Em seguida, voltaram a Botafogo, deixando-a próxima do ponto em que a seqüestram.

Disseram então que a ação tinha sido uma simples advertência para mostrar que de fato existiam. Se o marido insistisse em suas atividades políticas, iriam ao assassinato.

Toda a ação foi desenvolvida com muita segurança. Os terroristas seqüestram sua vítima em uma rua movimentadíssima, rodaram algum tempo pela ci-

05 a 11/10 1987

5 anos depois do atentado a D. Hypólito

No dia 20 passado, completou cinco anos o seqüestro do bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hypólito. O maior atentado contra a igreja desde que D. Pero Fernandes Sardinha foi devorado pelos índios caetés, conforme expressão de D. Avelar Brandão, continua absolutamente impune, apesar de todas as denúncias levantadas neste período. A comemoração destes cinco anos esteve a cargo dos próprios terroristas, que praticaram um atentado a tiros na própria cidade de Nova Iguaçu e um outro seqüestro no Rio de Janeiro (veja matéria ao lado).

Em dezembro de 1979, Movimento publicou uma minuciosa reportagem baseada em depoimentos de militares, onde figura como principal acusado pelo atentado contra D. Adriano o tenente-coronel José de Ribamar Zamith. A diocese de Nova Iguaçu encomendou dez mil encartes da matéria a Movimento e distribuiu-os amplamente na cidade. Uma semana depois, em uma ação com as características ao mesmo tempo de represália e de desafio, os terroristas explodiram uma bomba de alta potência na catedral da cidade. No local foram deixados panfletos assinados pela Vanguarda de Caça aos Comunistas. Embora com outros termos o conteúdo do documento era idêntico ao da nota distribuída pela Aliança Anticomunista Brasileira durante o seqüestro do bispo. Ambos con-

Luis Humberto/Agência F4



D. Adriano Hypólito

denavam o comunismo, por ser uma doutrina importada, combatiam o governo, por ser covarde, corrupto e vendido aos interesses estrangeiros e defendiam o nacionalismo. Não haviam como desvincular os autores do seqüestro e do atentado à bomba, que fizeram questão de deixar clara a sua linha nacionalista-fascista.

Os atentados contra a sede da OAB e contra a Câmara Municipal do Rio também foram assumidos pela Vanguarda de Caça aos Comunistas, em carta enviada ao Jornal do Brasil. O conteúdo desta carta também é idêntico ao das anteriores. Mas nada disso despertou a atenção dos responsáveis pelo "rigoroso inquérito" então instau-

do. Como a demonstrar que o regime militar não tem condição de incriminar pessoas com as quais está comprometido até a medula.

Quando explodiram as bombas do Riocentro, novos e valiosos elementos vieram juntar-se às evidências já constatadas. Descobriu-se, por exemplo, que as ações do Doi-Codi, ao qual pertencem os terroristas, são coordenadas pela II seção do I Exército. E que surpresa: um dos integrantes da II seção é exatamente o tenente-coronel José de Ribamar Zamith, que aliás participou abertamente das honras fúnebres ao sargento Guilherme Pereira do Rosário.



Ten. Cel. José Ribamar Zamith

dade, dirigiram-se a um local (20 quilômetros do ponto inicial) e ainda retornaram à rua Voluntários da Pátria. Durante os telefonemas de ameaças demonstraram contar com um serviço de informações muito eficiente, pois conheciam todos os passos da família. Todos estes detalhes levaram o senador Saturnino Braga a concluir que se trata de profissionais, que podem fazer parte de crime organizado do Rio, "ligados ao governo do Estado", ou de grupos dos órgãos de segurança, "que tenham agido com ordem oficial". A especulação não tem nada de anormal. Chagas Freitas tem dito a empresários do Rio que as eleições de 82 não serão realizadas. Além disso, o Rio tem sido o paleo principal dos terroristas, que agem com uma desenvoltura incomum. O atentado ao jornal **Tribuna da Imprensa**, que fica a menos de 50 metros da Secretaria da Segurança, foi um dos mais significativos. O escandaloso atentado do Riocentro contribuiu para deixar a situação ainda mais clara, pois os criminosos receberam toda a proteção possível, tanto das autoridades militares, quanto das policiais (recorde-se a

famosa entrevista do secretário de segurança, general Waldir Muniz).

No caso do seqüestro de Magali, houve um outro detalhe que fez aumentar as suspeitas de que se trata de terrorismo oficial. No dia seguinte, o senador Saturnino Braga e Luiz Alfredo Salomão pediram providências ao delegado geral da polícia do Rio de Janeiro, Rogério Mont Karp.

Este lhes prometeu iniciar as investigações e manter proteção policial durante 24 horas por dia para a vítima, o que deveria se iniciar no dia seguinte (11/9), às 7 horas da manhã. As 7:30 horas deste dia a segurança não havia chegado — só chegaria às 8:00 horas — e Magali resolveu sair para levar suas filhas ao colégio. Quando se preparava para sair um dos seqüestradores se aproximou e lhe disse que não adiantava recorrer a proteção policial (note-se que a imprensa não havia divulgado nada) "porque até 1982 haveria muito tempo".

Ordenou que não olhasse para trás e entrou num Chevette dirigido por uma mulher, que saiu em alta velocidade, impossibilitando a anotação da placa.

Saturnino Braga resolveu denunciar o atentado somente depois de 15 dias, porque as ameaças voltaram a ocorrer e a polícia não tinha conseguido nenhuma pista dos autores. No caso do Riocentro, Saturnino também havia confiado nas autoridades, desestimulando a segunda manifestação que havia sido programada e denunciando grupos radicais do PMDB de tomarem iniciativas em nome do partido. Os fatos parecem estar mostrando não ser esta a tática adequada. O delegado Borges Fortes, diretor do Departamento Geral de Investigações Especiais, está agora cuidando do caso e deixando evidente qual será o seu desfecho.

Uma de suas primeiras iniciativas foi repreender Luis Alfredo Salomão por ter divulgado os retratos falados dos seqüestradores. E já deu sua opinião: a seu ver houve seqüestro político. "Ela não é política.

"É apenas a mulher de um dos que trabalham com o senador." Diante deste quadro, Magali Salomão e suas filhas foram obrigadas a sair do Rio de Janeiro, permanecendo em local ignorado, porém a salvo dos terroristas. A situação não deixa de ser exdrúxula. Enquanto os criminosos agem com toda a segurança, à luz do dia, as vítimas são obrigadas a viver na clandestinidade.

No atentado de Nova Iguaçu foi atingido o marido da presidenta do diretório Municipal do PT, Maria José, que há algum tempo vem denunciado as ameaças telefônicas e por carta que tem recebido, além de estar sendo seguida constantemente. Na noite do dia 24, sua casa foi invadida por 3 pessoas, que se atracaram com seu marido, dando-lhe três tiros — dois acertaram em uma de suas pernas e o terceiro na cabeça, pegando de raspão. Na mesma época as casa de dois de seus filhos foram assaltadas. A defesa de Maria José será a denúncia ampla e a antecipação do lançamento de sua candidatura à prefeitura de Nova Iguaçu. Os demais partidos da cidade se comprometeram a denunciar o fato e o bispo, d. Adriano Hypólito, preparou uma nota para ser lida em todas as missas.

MOVIMENTO — 05 a 11/10/81

CEED

IM

Bibliothek
10 178
Institut für Brasilienkunde
METTINGEN

CEDIM

Institut für Brasilienkunde
10